



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Walderes Coctá Priprá

**LUGARES DE ACAMPAMENTO E MEMÓRIA DO POVO LAKLÂNÔ/XOKLENG,  
SANTA CATARINA**

Florianópolis

2021

Walderes Coctá Priprá

**LUGARES DE ACAMPAMENTO E MEMÓRIA DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG,  
SANTA CATARINA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Salles Machado

Florianópolis

2021



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Priprá, Walderes Coctá  
LUGARES DE ACAMPAMENTO E MEMÓRIA DO POVO LAKLÂNÔ/XOKLENG,  
SANTA CATARINA / Walderes Coctá Priprá ; orientadora,  
Juliana Salles Machado, 2021.  
130 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. História Indígena. 3. Arqueologia Indígena.  
4. Laklânô-Xokleng. 5. Memória . I. Salles Machado,  
Juliana. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Walderes Coctá Priprá

**LUGARES DE ACAMPAMENTO E MEMÓRIA DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG,  
SANTA CATARINA**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Fabíola Andrea Silva  
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Luisa Tombini Wittman  
Universidade Estadual de Santa Catarina

Profa. Dra. Evelyn Shuler Zea  
Universidade Federal de Santa Catarina  
(suplente)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em História.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Profa. Dra. Juliana Salles Machado  
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Dedico este trabalho a todos os anciãos e sábios que não mediram esforços para juntos realizarmos este sonho. Aos anciões *in memória*, a minha *Jõ kuzó* (avó) Melissa Kórikrà Priprá que sempre me ajudou e incentivou, aos anciões Cangó Ingaclã, Edú Priprá, Cuvei Clendo, Antônio Caxias e Cuvei Veitchá que sempre acreditaram que seria possível contar nossa história mostrando nossa visão e conhecimento, sempre estavam do meu lado mostrando o caminho.

A minha família que sempre apoiou e incentivou a não desistir, gratidão a todos.

## AGRADECIMENTOS

Sei que uma pesquisa não se realiza sozinha, por trás há todo um processo de relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos. O percurso constituiu uma caminhada repleta de muitas aprendizagens, nas conversas formais e informais para a concretização do trabalho final. Esta dissertação tem, assim, muito de todos os anciões, sábios, família e amigos que interagiram de forma direta ou indireta na construção deste. Dessa forma agradeço sinceramente: a minha orientadora, Profa. Dr<sup>a</sup> Juliana Salles Machado, cuja paciência e sabedoria foram essenciais no percurso de orientação desta pesquisa, também agradeço a você e ao professor Lucas Bueno por terem cedido sua casa nos primeiros meses que me mudei para Floripa, isso foi essencial para minha permanência na universidade. A professora Aline R. Francisco e tantos outros que sempre com palavras e abraços me incentivaram. Aos anciões, sábios e lideranças que sempre se dispuseram e ajudaram em todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao Thiago Pereira, Garganta, pelos mapas e ao grupo do whatsapp “bar das minas”, amigas que sempre me ajudaram nos estudos e financeiramente, pois, não é fácil estar longe de casa, em um espaço que não conhecemos - meninas vocês são demais e não poderia deixar de agradecer pela força ao conseguirem um notebook para que eu pudesse dar sequência na escrita da dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Programa Amanhã pelo auxílio financeiro para a realização deste mestrado. E, finalmente, agradeço imensamente minha família pais, irmãos, irmãs e cunhados (as) que sempre me apoiaram e nos momentos mais difíceis, quando estava entre a vida e a morte estiveram ao meu lado e com muito amor e carinho cuidaram dos meus três filhos, que são tudo na minha vida. Durante o período que estive hospitalizada mudaram suas rotinas de trabalhos e estudos para poder cuidar dos meus filhos e me visitar no hospital. Sem vocês eu não conseguiria, não tenho palavras para agradecer. Aos meus filh@s Ketlly, Júplu e Emanuely, tesouros da minha vida, que me dão forças para continuar. A minha jô kuzó (avó) Melissa, mãe como costumava chamar, que sempre me incentivou e é uma das protagonistas deste trabalho, morreu em fevereiro de 2018, dias antes de eu vir para Florianópolis, o baque foi grande e pensei em desistir pois, tinha perdido minha companheira que sempre me acompanhava nas pesquisas, mas, com a ajuda de amigos e professores consegui recuperar as forças e seguir em frente.

Obrigada a todos e todas pelo amor e carinho.

## Vānhlá lá

Vātxo vātxin gé ke mũ Laklānō ti óg ētō dén blé ē gó te jé vātxō a ka zéke ké ke havā a ki zug te óg ka mũ kũ mẽ óg to génh te kũ óg tō like tũg te kũ to mẽ āggónhka óg káglāg mũ pa'i bág te tō zug óg kójan gé te kũ mẽ óg nēvin jó vā āggónhka te ógto dén “vug vanh kũ óg tē” gé ke mũ. Ha kũ āggónhka óg tō do mẽ han han kũ vel dén txi mẽ kabén gé ke mũ tē mẽ tũg kónag mu. Kũ vaha zé mẽ to dén zópalag mẽ nōdēg te kũ ta u te mũ, kũ dén kághan gé ke mũ tē vātxika han han bag kũ vel dén txi te mẽ kabén bág nōdē Laklānō/Xokleng te óg, ũ tō dén txi kabén gé ke mũ te óg mō óg józē u kũ dén txi kabén gé ke tē tu ke ke mũ, vel pa'i tō óg to nō te óg mō óg zozē u kũ óg blé dén txi tē kabén gé ke tē, dén zópalag nōdē te óg mō. Dén txi mẽ kabén, dén txi mã jó mẽ kabel tag ka vũ ag tō jug óg jógzēg jó te mã kũ ve te han mũ. Dén txi mã jó kabel te vũ jug óg nōjó txi tō vel óg gó tō Laklānō/Xokleng tō Ibirama kanē mẽ vel há tēg kabel vā.

**Dén kabel-to vanhlá lá:** Dén txi to vanhlá lá, dén txi kabel, vel Dén txi mã jó kabel.

## Resumo

A luta para garantir a sobrevivência do povo Laklãnõ e seu espaço territorial vem desde o início da colonização europeia nos séculos XIX e XX, momento de grande confronto entre indígenas e não indígenas. O governo dava o suporte e condições para exterminar os povos indígenas, que eram considerados empecilhos ao “progresso”. Com isso muitas histórias, culturas e tradições foram adormecidas. A arqueologia colaborativa e outros trabalhos de pesquisas colaborativas que estão sendo desenvolvidos tem ajudado na reconstrução/reactivação da história do povo Laklãnõ, nos mostrando a importância dos anciões, sábios e lideranças nesses trabalhos. A contação de histórias, as narrativas das memórias são as ferramentas necessárias para compreender nosso passado. Nesta pesquisa, nossa história será contada a partir da memória dos lugares de acampamento existentes dentro da Terra Indígena Laklãnõ-Ibirama, SC e entorno.

**Palavras-chave:** arqueologia colaborativa, história e narrativas das memórias, Laklãnõ-Xokleng

### **Abstract**

The struggle to guarantee the survival of the Laklãnõ people and their territory comes from the beginning of European colonization in the 19th and 20th centuries, a time of great confrontation between indigenous and non-indigenous people. The government provided the support and conditions to exterminate indigenous peoples, who were considered obstacles to “progress”. As a result, many stories, cultures and traditions were put to sleep. The collaborative archeology and other collaborative researches that are being developed have helped in the reconstruction / reactivation of the history of the Laklãnõ people, showing us the importance of the elders, *sábios* and leaders in these works. Storytelling, memory narratives are the necessary tools to understand our past. In this research, our history will be told from the memory of the existing camping sites within the Laklãnõ-Ibirama Indigenous Territory, SC and surroundings.

**Key-words:** collaborative archaeology, history and memory narratives, Laklãnõ-Xokleng

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Mapa da distribuição das caminhadas dos três subgrupos Laklãnõ. Mapa: Thiago Umberto Pereira.....	23
<b>Figura 2.</b> Detalhe de mapa do Brasil, com indicação das terras indígenas do sul. Adaptado pela autora de Mapa do IBGE e <a href="https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5381/territorios-indigenas-e-de-comunidades-remanescentes-de-quilombos">https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5381/territorios-indigenas-e-de-comunidades-remanescentes-de-quilombos</a> .....	26
<b>Figura 3.</b> Tabela do censo demográfico de 1991/2020. Fonte: IBGE, censo Demográfico 1991/2010 .....	29-30
<b>Figura 4:</b> Mapa QGIS com distribuição de sítios arqueológicos das regiões de Ibirama TI Ibirama/Laklãnõ (Ib), Taió (Ta) e Alfredo Wagner (AW) (modificado de Machado et al. 2017) .....	35
<b>Figuras 5 e 6:</b> Arquivo da autora 18 de abril de 2016.....	37-38
<b>Figura 7 e 8:</b> Oficina para produção de panela de argila com os anciões, maio de 2013. Fotos: Fonseca 2015.....	38-39
<b>Figuras 9, 10 e 11:</b> objetos usados pelos Laklãnõ, autora Walderes Priprá, 2021.....	40-41
<b>Figura 12:</b> Mapa da Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ, FUNAI, 1999. ....	49
<b>Figura 13:</b> Tabela com as marcas familiares. ....	53
<b>Figura 14.</b> Mapa dos lugares de acampamento antigos e aldeias recentes da TI. Mapa: Thiago Umberto Pereira. ....	56
<b>Figura 15.</b> Tabela dos lugares de acampamento.....	59
<b>Figura 16 e 17:</b> grupo que se dirigiram até a Serra do Tabuleiro-SC na esperança de ainda encontrar indígenas que pertenciam ao povo Laklãnõ, anos 1970/1980, autor desconhecidos. ....	62
<b>Figuras: 18, 19, 20, 21 e 22:</b> O retorno do trabalho para os anciões e sábios e a efetiva participação no desenvolvimento da pesquisa. Fotos do arquivo da autora. ....	65-67
<b>Figura 23:</b> Oséias N. Paté segurando uma ponta (lítico) de flecha e o local onde foi encontrado, Aldeia Kópläg. Arquivo da autora, abril de 2021. ....	71
<b>Figura 24:</b> Oséias N. Paté segurando uma ponta (metal) de flecha encontrado próximo ao acampamento Nbá. Arquivo da autora, abril de 2021. ....	71
<b>Figura 25 e 26:</b> Descida ao acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021. ....	72
<b>Figura 27:</b> João Paté mostrando o local onde encontrou uma panela de barro, próximo ao acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021. ....	73
<b>Figura 28:</b> Vista para o acampamento Nbá. Arquivo da autora, abril de 2021.....	74
<b>Figura 29, 30 e 31:</b> Acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021.....	75
<b>Figura 32:</b> Arquivo da autora 02 de abril de 2021 .....	78
<b>Figura 33:</b> Arquivo da autora 04 de junho de 2019.....	93



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DA RESERVA INDÍGENA DUQUE DE CAXIAS - CONTATO E PÓS CONTATO DO POVO LAKLÃNÕ.....</b>	<b>21</b>
1.1 CONSTRUINDO IDENTIDADES: O PROCESSO DE AUTO-DENOMINAÇÃO LAKLÃNÕ .....	24
1.2 HISTÓRIAS DE LUTA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO SUL DO BRASIL.....	26
<b>2. ARQUEOLOGIA COLABORATIVA NA TI LAKLÃNÕ E O PENSAR ARQUEOLÓGICO DO POVO .....</b>	<b>34</b>
2.1 ARQUEOLOGIA COLABORATIVA NO BRASIL.....	46
<b>3. TERRITÓRIO: LEVANTAMENTO DOS LOCAIS DE ACAMPAMENTOS E MEMÓRIAS DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG .....</b>	<b>48</b>
3.1 DE ALDEIA EM ALDEIA A HISTÓRIA DO POVO LAKLÃNÕ É MONTADA E REESCRITA NOVAMENTE .....	50
3.2 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA (METOLOGIA).....	63
O retorno ao Grupo Velho (Acampamento Velho) .....	70
3.3 ENTREVISTAS: APROFUNDANDO REFLEXÕES .....	76
3.4 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
FONTES ORAIS .....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

## INTRODUÇÃO

No Brasil o processo histórico de luta pela resistência e sobrevivência dos povos indígenas teve início desde os primeiros contatos com Pedro Álvares Cabral e sua frota no ano de 1500, marco conhecido como “descobrimento do Brasil”. Desde esse período os povos indígenas lutam para manterem vivas suas línguas, culturas e tradições, luta que hoje permanece, sendo a demarcação de suas terras tradicionais a mais importante. A terra é o bem mais precioso, pois sem ela não há vida. A terra alimenta e supre toda a necessidade do povo.

No passado não havia uma preocupação para manter a terra, pois, o povo Laklãnõ vivia em um espaço que não era delimitado por linhas, por divisas, o território era vasto e sem fronteiras, sabiam exatamente onde encontrar alimentos, onde podiam fazer suas cerimônias e rituais. Com o passar dos tempos e com a chegada das colônias europeias em nossos territórios no século XIX, o povo foi sendo encurralado e empurrado para o Alto vale do Itajaí, onde não podiam mais transitar de um lado para o outro. Presos, passaram a ter que se habituar a viver de um modo que lhe foi imposto por meio da força e da violência.

Ailton Krenak narra como foi o contato com o seu povo e como se dá o contato entre os diferentes povos.

*“Depois os brancos chegaram aqui em grandes quantidades, eles trouxeram também junto com eles outros povos, daí vêm os pretos, por exemplo. Os brancos vieram para cá porque queriam, os pretos eles trouxeram na marra. Talvez só agora, no século XX, é que alguns pretos tenham vindo da América para cá ou da África para cá por livre e espontânea vontade. Mas foi um movimento imenso. Imagine o movimento fantástico que aconteceu nos últimos três, quatro séculos, trazendo milhares e milhares de pessoas de outras culturas para cá. Então meu povo Krenak, assim como nossos outros parentes das outras nações, nós temos recebido a cada ano esses povos que vêm para cá, vendo eles chegarem no nosso terreno. Nós vimos chegar os pretos, os brancos, os árabes, os italianos, os japoneses. Nós vimos chegar todos esses povos e todas essas culturas. Somos testemunhas da chegada dos outros aqui, os que vêm com antiguidade, e mesmo os cientistas e os pesquisadores brancos admitem que sejam de seis mil, oito mil anos. Nós não podemos ficar olhando essa história*

*do contato como se fosse um evento português.” (Ailton Krenak, Encontros, dezembro de 2009, pag 164-165.)*

No sul do Brasil o contato com os povos indígenas Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng foi e continua sendo brutal de forma física e psicológica. A história ocidental narrada e escrita tantas vezes tenta de todas as formas apagar a história real dos nativos desta terra, invisibilizando quem são os verdadeiros donos dessa terra chamada Brasil, Krenak ainda diz:

*“Me parece que esse contato verdadeiro, ele exige alguma coisa além da vontade pessoal, exige mesmo um esforço da cultura, que é um esforço de ampliação e de iluminação de ambientes da nossa cultura comum que ainda ocultam a importância que o Outro tem, que ainda ocultam a importância dos antigos moradores daqui, os donos naturais deste território. A maneira que essa gente antiga viveu aqui foi deslocada no tempo e também no espaço, para ceder lugar a essa idéia de civilização e essa idéia do Brasil como um projeto” (Ailton Krenak, Encontros, dezembro de 2009, pág.166.)*

O contato com os zûg<sup>1</sup> trouxe uma série de consequências para o povo, além da perda de seus territórios muitos foram mortos por doenças, muitas vezes transmitidas em um simples toque, outras de forma planejada, como a entrega de roupas ou comidas contaminadas para poder exterminar a comunidade daquele local – ato documentado historicamente. A pesquisa aqui desenvolvida tem como tema o **Levantamento dos lugares de acampamento e memória do povo Laklãnõ/Xokleng** e mostrará através do registro de nossa memória, a história do povo Laklãnõ/Xokleng, remanescentes e sobreviventes da colonização europeia no vale do Itajaí.

Atualmente o povo Laklãnõ /Xokleng encontra-se em sua maioria em Santa Catarina, no Alto Vale do Rio Itajaí, cercado por quatro municípios: José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meirelles e Itaiópolis, locais onde o trabalho de pesquisa está sendo realizado. Esta pesquisa teve como objetivo o registro dos lugares que ficaram na memória do povo Laklãnõ/Xokleng através de fotos, entrevistas com os anciãos e sábios e visitas aos locais de acampamentos e

---

<sup>1</sup> Nome na língua Laklãnõ usado para falar não indígenas, os “brancos”.

cemitérios antigos do povo. Visto que não há muitos registros da história relacionada a esse povo antes do contato com os não-indígenas, segundo Machado “do ponto de vista arqueológico, a maioria das pesquisas realizadas no Estado têm focado o processo de ocupação do litoral ou do planalto. Poucos são os trabalhos que têm como foco, ou mesmo que mencionam, o processo de ocupação da encosta” (Machado et al. 2017: 4).

Conhecer a história, o passado e o presente do povo são de extrema importância para a comunidade. No passado até mesmo antes do contato em 1914, “ato conhecido como ‘pacificação<sup>2</sup>’”, o povo Laklãnõ não tinha um território definido por limites fixos. Como aponta Santos (1973), habitavam o vale, nas encostas das montanhas e no planalto do sul do país. Sobreviviam da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres e mantinham viva sua língua, cultura e tradição.

Com a chegada da chamada “pacificação” tudo mudou (Santos 1973; Wittmann 2007). O que foi visto inicialmente como “sonho” pelos primeiros interlocutores<sup>3</sup>, acabou virando pesadelo, pois além de muitos serem massacrados, os sobreviventes foram obrigados a falar outra língua e proibidos de realizar cerimônias de casamento e de perfuração de lábios, suas rezas, danças e rituais. Perderam grande parte de seu território e foram confinados a uma minúscula parcela de terra. Hoje com os direitos garantidos pela constituição federal de 1988 lutam para reconquistar suas terras, terras que possuem um grande significado para o povo, pois são nesses lugares que saberes, práticas e memórias milenares foram transmitidas. As lutas pela terra até hoje ocasionam vários conflitos com os não indígenas, como dizem Brighenti e Oliveira:

*“A ação não é apenas pela posse das terras, a disputa dá-se sobre memórias coletivas em que o tempo é totalmente distinto para as partes envolvidas. Enquanto que, para os não indígenas, a referência temporal - 50 ou 100 anos - é um argumento forte para exigir pertencimento e memória, para os indígenas é uma pequena parcela dum outro tempo, não linear, nem balizado pelas*

---

<sup>2</sup> Termo usado pela política indigenista para designar o dia do contato entre o povo Laklãnõ e os *zũg*, esse termo não é usado pelo povo indígena pois consideram que esta palavra não condiz a real história passada pelo povo.

<sup>3</sup> Os primeiros interlocutores no período do contato foram Vomble, Kóvi e Kamlem, que viram como única esperança para o povo Laklãnõ se entregar, sair do mato. Em uma conversa com a comunidade no mato tentavam encontrar uma solução para não haver mais mortes, pois, muitas crianças estavam órfãs devido aos ataques dos *zũg*, conhecidos como bugreiros, matadores de índios. Mas o que eles planejaram para o povo ao sair do mato, não saiu como o esperado, mesmo assim foram praticamente dizimados, foram escravizados e muitos mortos com comidas, bebidas e roupas envenenadas ou contaminadas por doenças.

*justificativas metodológicas das leis e justiça brasileira, mas incide sobre práticas, saberes e memórias milenares transmitidas na oralidade” (Brigenthi e Olivera 2007: 9).*

A história oral é de suma importância para a comunidade, pois, envolve a vida cotidiana de cada um, quando o indivíduo memoriza uma narrativa, ele tem a sua própria experiência com ela, para poder assim transmiti-la em determinado momento, ao redor do fogo, em acampamentos de caça ou em momentos nos quais ele via a necessidade de repassar esses conhecimentos para lembrar acontecimentos passados. Valorizar essas histórias e informações, fornece um amplo conhecimento sobre o Povo Laklãnõ/Xokleng. É importante ressaltar que nos dias atuais a escola tem sido o principal meio para resgatar muitos aspectos culturais que estavam adormecidos. Muitas são as memórias do Povo Laklãnõ, e isso é o que distingue a nossa forma de viver, aprender, de se organizar, na simplicidade de se expressar que também dá sentido a todo esse conhecimento cultural, isso torna rica a cultura. Registrar essas memórias, servirá para fortalecer a identidade do Povo Laklãnõ.

Baseada na história e memória que me foi transmitida pelos meus avós, pelos anciãos e sábios da Terra Indígena Laklãnõ dos locais de acampamentos antigos do povo, busco aqui, fazer um levantamento desses locais para mostrar o porquê de eles serem importantes para a comunidade, visto que são poucos os registros arqueológicos desse povo. Os poucos sítios arqueológicos identificados, são referidos pelos arqueólogos como associados aos “Jê do Sul” (Noelli 1999/2000), uma categoria arqueológica/linguística abrangente que não especifica exatamente à que grupo étnico do sul tais vestígios estariam associados. Conforme a história narrada pelos anciãos, o povo Laklãnõ/Xokleng era dividido em dois grupos os *Vãnhkomãg* e os *Jãkre*, que devido a uma disputa por espaço e pelas mulheres dos grupos, os homens guerreiros do grupo *Jãkre* foram mortos, suas mulheres e crianças foram incorporadas ao grupo *Vãnhkomãg*. Mas nem todo aceitaram esta junção, dessa forma o grupo novamente se subdividiu em três subgrupos *Kókózũ to pláj*, os *Laklãnõ* e os *Ággyng*, composto de aproximadamente 50 a 100 pessoas cada. Greg Urban também narra esse fato,

*“até a primeira metade do século XIX, havia dois grupos Xokleng, os Waikòmang e os Kañre, que constituíam patrimetades, como as existentes entre os outros índios Jê, e mesmo como entre os Kaingang. Os Waikòmang mataram*

*os homens da metade Kañre, incorporando à sua metade mulheres e crianças Kañre. Com isso, termina o sistema de patrimetades entre os Xokleng, deixando aflorar a subdivisão em parentes consangüíneos, afins e não parentes. A partir de então, a história política dos Waikòmang se caracterizou por disputas faccionais que deram origem a três facções já na segunda metade do século XIX: uma denominada Ngrokòthi-tõ-prèy, a oeste do Estado de Santa Catarina, na fronteira com o Paraná, próximo ao município de Porto União (SC); uma no centro do Estado, próximo ao município de Ibirama, junto ao rio Hercílio (ou rio Itajaí do Norte), denominada Laklanõ; e outra no centro, mais próximo ao litoral, junto à serra do Tabuleiro, denominada Angying (Urban 1978). Santos (1973) aponta para a existência de uma facção Xokleng no sul do Estado, nos municípios de São Joaquim, Orleães e Anitápolis, que eu creio ser parte da facção Angying.” (1979, p. 39,40).*

Os grupos e subgrupos mencionados por Greg Urban são os mesmos marcados na memória dos anciões, ressalto que a variação na escrita de Urban está relacionada à forma que ele entendeu a fala e assim escreveu. A língua materna Laklãnõ é uma fala nasalizada e por isso de difícil compreensão.

Os subgrupos combinavam entre si de quanto em quanto tempo eles se encontrariam para fazer os casamentos e os principais rituais. Ao narrar esta história, o ancião Alfredo indica o *Kakupli*, um dos principais acampamentos antigos do povo Laklãnõ, local onde eram realizadas muitas cerimônias, apontando para que lados foram os grupos.

De acordo com Farias (2005), no século XVIII o povo Laklãnõ inicia o contato com a sociedade nacional, a partir do momento em que os caminhos das tropas são abertos, ainda no período do Brasil colônia, para abastecer a economia nos grandes centros urbanos como Minas Gerais. A autora ressalta ainda que o contato efetivo se deu a partir do século XIX, “quando pressões internacionais eliminaram a escravidão negra e fomentaram a imigração de contingentes europeus, como alemães, italianos, poloneses e outros como mão-de-obra” (FARIAS, p. 93). Esses imigrantes vinham com a falsa ilusão de lugar vazio a ser desbravado. Mas, essa era a região onde o povo Laklãnõ habitava. Inicia assim o confronto pela sobrevivência de ambos os lados. Os jornais da época diziam que eram “selvagens desalmados”, a igreja como “gentios” que deveriam conhecer a Deus e serem catequisados. Na literatura da

época, muitos são os nomes dados a esse povo como: Botocudos, Aweikoma, Xocrén, Kainkang, Xocrén e Bugres. Mas nenhum desses nomes são reconhecidos pelo povo, que atualmente se autodenomina como Laklãñ, que significa povo que caminha em direção ao Sol ou povo do Sol.

Meu principal objetivo nesta pesquisa é de registrar lugares da história de ocupação do povo indígena Laklãñ/Xokleng no Alto Vale do Itajaí-SC, dentro dos limites de 37 mil hectares, na Terra Indígena Laklãñ de Ibirama, mostrando assim, qual a importância desses locais para o povo indígena. Ao trazer as narrativas e relatos do nosso povo, procuro mostrar também que estes locais estão em conexão com a memória e vida do povo indígena Laklãñ. Busco ao longo deste trabalho analisar e compreender o processo histórico desses locais que devido a ocupação dos *zũg*, cujo usufruto teve que ser reduzido.

Quando iniciei minha carreira como professora dentro da Terra Indígena Laklãñ na Aldeia Bugio, vi a necessidade de me aprofundar nas questões interculturais, entre indígenas e não indígenas, para ajudar na reconstrução da nossa história pois até aquele momento só se ouvia os *zũg* falando das questões indígenas e muitas vezes traziam histórias deturpadas sobre o povo.

Como professora na escola indígena e com a ajuda dos anciões, tive a oportunidade de pôr em prática o projeto “O preparo e a história da bebida *Mõg*, bebida tradicional do povo *Xokleng/Laklãñ*”, que tinha como objetivo resgatar o modo de preparo e a história da bebida *Mõg*, uma bebida tradicional do meu povo que há muitos anos não era produzida devido à opressão e proibição logo após o contato. Registrei todo esse processo no meu trabalho de conclusão de curso (Almeida, 2015), posteriormente publicado (Almeida 2020). A partir desta proposta pedagógica de trabalho na escola, o *Mõg* passou a fazer parte das festas e comemorações da comunidade, surtindo assim efeito tanto na unidade escolar, quanto na Aldeia Bugio como um todo. Os alunos que participaram do projeto passaram a dar mais importância aos aspectos tradicionais e culturais, o que acabou por também mudar a visão do “ser índio” entre eles, antes visto como algo vergonhoso, hoje como orgulho de ser quem é. Outro aspecto relevante, é que o projeto abriu as portas para a comunidade participar efetivamente dos trabalhos escolares.

Na comunidade além de professora, também trabalhei como voluntária no centro cultural da Aldeia, organizando a agenda e fazendo divulgação de visitas à TRILHA DA SAPOPEMA entre alunos de outras escolas e de pessoas que tem interesse em conhecer um

pouco mais da história do povo Laklãnõ/Xokleng. Este Centro Cultural, que fica na Aldeia Bugio na Terra Indígena Laklãnõ, conta com a seguinte programação: caminhada na trilha na mata Atlântica, contação de história pelos anciãos da comunidade, visita a E.I.E.B “Vanhecú Patté”, visita ao memorial da história do povo Laklãnõ e venda de artesanatos. Além destas atividades também trabalhei como voluntária na associação das mulheres indígenas para a produção e comercialização dos artesanatos indígenas. Em todas as minhas conversas sobre como era no passado, como viviam, se alimentavam e como eram as festividades com os anciões e sábios da Terra Indígena, sempre observei que os anciões ao lembrar ou relembrar de um determinado lugar/espaço traziam uma pausa na conversa e a voz embargava, foi quando percebi que registrar essas histórias orais seria muito importante.

Algumas considerações sobre a memória são importantes. Loiva Otero Félix afirma que:

*“A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à tradição, sacralizando o vivido do grupo social”.* (1998, p. 42)

Ao ouvir nossos sábios e anciões, percebi que eles transmitiam sua memória através de sinais, gestos e muitas vezes através de suas próprias feições, nos mostrando de que forma queriam que nós (jovens) nos portássemos e passássemos esses conhecimentos aos outros, de geração a geração.

Sobre a memória, também nos diz Michel Pollak:

*“A memória é um fenômeno construído socialmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros... na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”* (1992, p. 203.).



Os anciões através de seus ensinamentos na forma da contação das histórias queriam nos mostrar a importância dessas memórias. E sim nasce esta pesquisa desenvolvida na pós graduação.

\*\*\*

No primeiro capítulo, veremos como ocorre o processo de ocupação da reserva indígena Duque de Caxias, o contato e o pós contato do povo Laklãnõ. O confronto entre indígenas e não indígenas, com o aval do governo, resultou em um grande massacre do povo indígena. O adormecimento da língua, cultura e tradição do povo, tudo em nome do “progresso”. A luta interna e externa para garantir o território e a autodenominação do povo outrora conhecido como “Xokleng”. As tentativas por parte do governo de silenciar e apagar a história de um passado sangrento que quase levou ao extermínio dos povos indígenas no Sul do Brasil. A extinção do SPI, órgão criado para “civilizar” e “integrar” o povo indígena e a criação da FUNAI que se baseava numa ação tutelar, ambas criadas pelo governo, tinham o mesmo objetivo, fazer com que os indígenas desaparecessem. Mas mesmo em meio aos entraves, o povo indígena sobreviveu, mesmo sendo considerados um “empecilho” para o desenvolvimento, hoje conta com uma população de 817.963 pessoas, que estão inseridos na sociedade brasileira.

No capítulo 2, mostrarei como e quando se iniciam as pesquisas colaborativas na TI Laklãnõ, como essas pesquisas são desenvolvidas e de que forma a comunidade indígena participa. Mostrar como as pesquisas arqueológicas os identificavam e como eles, o povo Laklãnõ, se identifica dentro dessas pesquisas. Busco refletir sobre a importância desses trabalhos colaborativos na reativação de partes da nossa história, que antes estavam adormecidas, mostrar o quanto essas pesquisas colaborativas podem ajudar a comunidade, pois mesclando o conhecimento tradicional do povo indígena envolvido com as teorias e técnicas arqueológicas podemos compreender como as formas de conhecimentos distintas são produzidas. Através deste capítulo, procuro conhecer um pouco sobre as pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil que tem a colaboração dos povos tradicionais e como isso tem ajudado na reconstrução da história do Brasil.

No capítulo 3 veremos todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, situada dentro dos limites territoriais de 37 mil há da TI Laklãnõ. Neste momento de realizar os levantamentos

dos locais de memórias do nosso povo, é fundamental a presença dos nossos anciões, pois, são nas memórias transmitidas por eles que encontramos estratégias para preservar nosso modo de vida e nossos valores culturais, podendo assim reescrever nossa história ligando o passado com o presente. Muitas vezes, as memórias trazidas pelos anciões são forte e chocantes, mas servem para nos alertar e nos encorajar a seguir em frente, pois, somente seguindo de cabeça erguida podemos ajudar nosso povo. Desenvolver o trabalho foi um grande desafio, uma conversa aqui outra ali, mas com um grupo que está disposto a enfrentar qualquer obstáculo, tudo só tem que dar certo. Os anciões, sábios e lideranças envolvidos nesse trabalho sempre estavam dispostos a realizar um trabalho bom, onde bons frutos poderiam e podem ser gerados, pois eles são nossas referências e são fundamentais nos trabalhos desenvolvidos.

## **CAPÍTULO 1.**

### **HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DA RESERVA INDÍGENA DUQUE DE CAXIAS - CONTATO E PÓS CONTATO DO POVO LAKLÃNÕ**

O povo Laklãnõ vive no vale do Itajaí e mora principalmente na Terra Indígena (TI) de Ibirama-SC, localizada entre os municípios de José Boiteux, Vitor Meireles, Dr. Pedrinho e Itaiópolis. Trata-se de um grupo composto hoje por aproximadamente duas mil e oitocentas pessoas, sobreviventes de um processo brutal de colonização no sul do Brasil que teve início no século passado e que quase exterminou o povo em sua totalidade.

É bom ressaltar que, segundo Gregory Urban (1978), nesse período, século XIX e XX, onde o “progresso” e a “civilização” eram os principais objetivos do governo, muitos subgrupos do povo Laklãnõ/Xokleng foram exterminados e o grupo de sobreviventes foi confinado em um minúsculo pedaço de terra, que chamaram de Reserva Indígena Duque de Caxias, obrigados a falar outra língua e proibidos de realizar cerimônias de casamentos, perfuração de lábios nos meninos e marca familiar na perna esquerda das meninas, suas rezas, danças e rituais. Nesse processo muitas foram as perdas, incluindo uma grande parte de seu território. Foram submetidos a lutas e conflitos entre eles e entre os colonizadores para garantir a “paz” imposta para os colonos, europeus alemães, italianos, poloneses, das mais diversas regiões da Europa trazidos para o Brasil para desenvolverem sua subsistência baseadas na agricultura, favorecendo o crescimento econômico e a consequente “expansão do progresso” no vale do Itajaí. Nos dias atuais os Laklãnõ continuam lutando para sobreviver a estas invasões em seus territórios tradicionais.

O povo Laklãnõ/Xokleng tinha um vasto território que se estendia desde o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Eles não permaneciam no mesmo local por muito tempo, montavam acampamentos nos quais permaneciam por dias ou meses.

Nos dias atuais com a volta das rodas de conversas nas escolas e em conversas no cotidiano com os anciãos muitos conhecimentos são repassados para os mais jovens, muitas conversas viram projetos para pesquisas, outros viram peças teatrais e muitos viram materiais didáticos. Como professora na aldeia, eu aproveitava muito essas oportunidades para conhecer detalhes sobre nossa história.

Nas conversas com os anciãos Edú, Cangó Patté Cangó Ingaclã e Neli, eles contam como e o porquê houve a separação dos grupos. Muito antes do período do contato de 1914, o povo era dividido em duas famílias muito grandes: dois irmãos *Vãnhkomãg* e os *Kañre*. Aconteceu que os *Vãnhkomãg* mataram os guerreiros do grupo *Jãkre* incorporando à sua metade mulheres e crianças *Jãkre*. Com isso iniciam-se disputas entre famílias que acabaram por dar origem a três subgrupos de aproximadamente 50 a 100 pessoas: *Kókózũ to pláj*, os *Laklãnõ* e os *Ãggyng*. As disputas se deram por conta das mulheres *Jãkre* que foram trazidas para o grupo sem o consentimento de todos. Ainda segundo a história contada pelos anciãos os *Vãnhkomãg*, que seriam o povo posteriormente conhecido como os “Xokleng” e os *Jãkre*, que seriam os “Kaingang”, seriam dois irmãos que brigaram por conta das mulheres. Na época o homem, dependendo das suas condições, poderia ter mais de uma mulher, os dois irmãos começaram a disputar as mulheres e chegou um momento em que essa briga foi ao extremo, quando os *Vãnhkomãg* (“Xokleng”) aproveitaram uma oportunidade e mataram os *Jãkre* (“Kaingang”) para ficar com suas mulheres. Houve sobreviventes do grupo dos *Jãkre* (“Kaingang”) que saíram e foram morar em locais bem distantes, mas que em muitos momentos se encontravam com *Vãnhkomãg* (“Xokleng”), este último que foi posteriormente dividido em outros subgrupos que caminhavam em direções diferentes (Fig. 1). Estes por sua vez, antes da saída, marcavam um ponto de encontro para festejar ou para celebrar algum acontecimento importante.

Os encontros com os *Jãkre* (“Kaingang”) se davam de modo “pacífico”, pois não havia uma disputa por território e sim pelas mulheres dos grupos. Segundo Urban (1978), havia dois grupos Xokleng, os *Waikòmang* e os *Kañre*, “que constituíam patrimetades, os *Waikòmang* mataram os homens da metade *Kañre*, incorporando à sua metade mulheres e crianças *Kañre*. Com isso, termina o sistema de patrimetades entre os Xokleng, deixando aflorar a subdivisão em parentes consangüíneos, afins e não parentes”. De acordo com nossos anciões, a disputa entre esses grupos não se dava por territórios, o que é evidenciado pela permanência dos encontros com os subgrupos até o momento em que seus territórios começam a ser invadidos pelos *zũg*.



Lages e São José do Cerrito, o que se intensifica quando a colonização segue em direção ao oeste catarinense, seu planalto e o vale do Itajaí. Ainda na primeira metade do século XIX um número já bem resumido de um dos subgrupos liderado por Kóvi, Vomble e Kamlem (este último *Kujá*<sup>4</sup> do povo Laklãnõ), em conversa com a comunidade, resolvem iniciar uma aliança com os *zũg* “brancos”. Pois, nesse processo de colonização e “progresso”, o estado e muitos colonos, por medo de serem atacados, contratam batedores de mato ou matadores de índios, que ficaram conhecidos como bugreiros (dentre eles o mais conhecido é o Martinho de Jesus), que eram pagos por pares de orelhas dos indígenas mortos. Segundo relatos do ancião Cangó Patté, os matadores de índios “seguiam-nos por vários dias, até encontrarem o momento certo para matarem”. Este momento era sempre na aurora do dia, onde o grupo caía em sono profundo, assim o massacre e extermínio era total. Em muitos casos sobreviviam somente mulheres e crianças que eram levadas para serem expostas como troféu nos centros das grandes cidades. Muitos indígenas eram levados e entregues para adoção, outras eram deixadas em conventos para estudar e aprender os modos dos “civilizados” (Wittmann 2007). A aliança planejada foi para não haver mais mortes, pois muitos parentes já tinham sido mortos, e os líderes não queriam mais ver sangue de seus parentes e familiares caírem no chão.

### 1.1 Construindo identidades: O processo de autodenominação Laklãnõ

A primeira pesquisa etnográfica sobre os Laklãnõ foi realizada pelo antropólogo americano Jules Henry (1941), que os denominou como Kaingang do Sul, mas logo admitiu que havia diferenças linguístico-culturais entre eles e os outros Kaingang. Já Gregory Urban (1978) diz que os Xokleng teriam uma origem conjunta com os Kaingang e que a separação entre os grupos se deu devido a facções de suas patrimetades. O autor ainda afirma que Xokleng é um termo muito genérico e que não lhes dá identidade. Entretanto, o termo Xokleng foi popularizado através do trabalho do etnólogo Silvio Coelho dos Santos (1973), tendo o grupo incorporado o nome enquanto denominador de uma identidade externa, usada nas lutas políticas junto aos meios de comunicação e junto à FUNAI (Fundação Nacional do Índio). O nome

---

<sup>4</sup> *Kujá*: Líder espiritual que tinha o conhecimento natural e sobrenatural.

Xokleng é usado pelos não indígenas, mas este não nos identifica, somos Laklãnõ e nossa luta é para que sejamos reconhecidos com este nome.

Em meados das décadas de 1980 e 1990, membros da comunidade se organizaram e mobilizaram as primeiras campanhas internas e externas dentro da TI para reafirmação da identidade através do nome Laklãnõ (NAMBLÁ, 2015. p. 9; GAKRAN, 2005. p.12), sendo que vários nomes já tinham sido dados a esse grupo como: "Bugres", "Botocudos", "Aweikoma", "Xokleng", "Xokrén", "Kaingang de Santa Catarina" e "Aweikoma-Kaingang", mas nenhum desses nos identificava. Muitos indígenas alegavam e alegam que o termo Xokleng surgiu ou se originou da palavra "Txukleng" que significa "aranha", nome inventado pelos não índios por engano ou equívoco. A campanha interna foi para que todos chegassem a um consenso da utilização do nome Laklãnõ. Como vimos anteriormente, o povo era dividido em dois grupos que após uma briga familiar se subdividiu em três subgrupos que caminhavam em direções diferentes. Devido a colonização no sul do Brasil muitos indígenas são mortos, restando um pequeno número de sobreviventes dos subgrupos, que se encontram e decidem se entregar, logo após uma conversa com seus líderes. Em 1914 quando houve o contato oficial pelo SPI<sup>5</sup>, o grupo que decidiu fazer o contato eram sobreviventes dos três subgrupos, dentre os quais, o maior número de pessoas era dos Laklãnõ.

Hoje o processo de auto-denominação Laklãnõ vem ganhando cada vez mais força dentro da comunidade, através de um movimento recente de recuperação da língua materna e de elementos culturais importantes para a pró-revitalização da cultura deste povo. Na língua materna do povo, Laklãnõ quer dizer "gente do sol", "gente que caminha em direção do sol", "gente ligeira", ou ainda "filhos do sol", e é assim que o povo se identifica (GAKRAN 2005, p. 12,13 e 14). Esse processo de auto-denominação no início gerou um desconforto entre a comunidade, pois nem todos pertenciam ao mesmo subgrupo. Por esse motivo muitas conversas foram realizadas com os anciãos e a comunidade para a afirmação e auto-denominação do nome Laklãnõ, hoje a grande maioria aceita o termo, mas há ainda outros que não concordam com a ideia, o que gera uma disputa de poder entre as famílias, no entanto, acabam aceitando devido a sua importância nas lutas externas. Os anciãos ainda recordam com saudades como se dava o

---

<sup>5</sup> Serviço de Proteção ao Índio, criado em 20 de junho de 1910 pelo Decreto nº 8.072 que tinha como política indigenista "civilizar" os indígenas e integra-los à sociedade nacional.

encontro com os subgrupos, e qual caminho cada um deveria seguir, como e em qual momento se davam os encontros para os festejos entre todos os subgrupos.

## 1.2 Histórias de luta e resistência indígena no sul do Brasil



Figura 2. Detalhe de mapa do Brasil, com indicação das terras indígenas do sul. Adaptado pela autora de Mapa do IBGE e <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5381/territorios-indigenas-e-de-comunidades-remanescentes-de-quilombos>

O sul do Brasil é conhecido por sua tradição gaúcha e pela Oktoberfest que é um festival de tradições germânicas em uma região de Santa Catarina que se denomina como “Vale Europeu”, esquecendo que muito antes da colonização europeia habitavam aqui os verdadeiros donos dessa terra, os povos indígenas Laklãnõ/Xokleng, Kaingang e Guarani. A historiografia destacada no Brasil foi colonialista e eurocêntrica silenciando e marginalizando a história dos povos indígenas fazendo com que eles (nós) não aparecessem na história ou que fossem lembrados como algo do passado. No entanto, sempre estivemos presentes na história, como sujeitos que, para garantir nossos espaços territoriais, nossos costumes, crenças e tradições, tecíamos e tecemos estratégias de lutas e resistências em todos os momentos da história. O tempo passou e ainda vemos que a história escrita continua se repetindo nos dias hoje, pois nossos direitos indígenas são totalmente desrespeitados. Para garantir e conquistar os direitos territoriais e de cidadania, os povos indígenas permanecem desde o início da colonização



através das lutas e resistências. Hoje somos protagonistas da nossa própria história e para desmascarar o estado e o país que continua a dizer que aqui no sul do Brasil não há povos indígenas, nós estamos ocupando os espaços como as universidades e as cidades. Nas aldeias, as rodas de conversas nos ajudam a contar e reconstruir nossa história que erroneamente foi contada. Eu não vou deixar de ser Laklãnõ por usar roupa, por estar na cidade ou por estudar, estou aqui, como pesquisadora e acadêmica indígena, dizendo que pode passar anos e anos e o sangue do meu povo continua correndo nas minhas veias. O estado pode dizer que o Alto Vale é europeu, mas estará registrado aqui a forma que eles utilizaram para se apossar desses territórios: matando e sendo conivente com a barbárie ocorrida no sul do país.

No século XX através do decreto 8.072/1910 o estado cria o SPI, com o objetivo de “pacificar os índios”, criando os chamados “cercos da paz” (Brighenti, 2016). Sua estratégia foi juntar todos os indígenas em reservas, garantindo assim o acesso às suas terras para a instalação de novas colônias de imigração europeia, abrindo caminho ao capitalismo. Através da omissão ou mesmo através de ações diretas contra os povos indígenas que de forma violenta desrespeitavam os direitos originários à vida e aos territórios, construiu-se um processo de naturalização da história “branca”, que obscureceu a violência social e ambiental do processo colonizador. Segundo Cunha (2012, p. 111), os direitos originários já eram reconhecidos pelos reis portugueses, evidenciadas em várias leis desde o alvará de 1º de abril de 1680, mais tarde incorporado na lei pombalina de 1775. No entanto, apesar tal reconhecimento legal não os garantia na prática. A violência praticada contra os indígenas e suas terras se perpetuaram desde os primeiros contatos até o presente, com períodos especialmente violentos, como o período da ditadura.

*O índio, razão de ser do SPI, tornou-se vítima de verdadeiros celerados que lhe impuseram um regime de escravidão e lhe negaram um mínimo de condições de vida compatível com a dignidade da pessoa humana. É espantoso que existe na estrutura administrativa do país repartições que hajam descido a tão baixos padrões de decência. E que hajam funcionários públicos cujo bestialidade tenham atingido tais requintes de perversidade. Venderam-se crianças indefesas para servir aos instintos de indivíduos desumanos. Torturas contra crianças e adultos, em monstruosos e lentos suplícios, a título de ministrar justiça (FIGUEIREDO, apud BRIGHENTI, 2015, p. 54).*

Diante das provas dos crimes sofridos pelos indígenas, o governo militar decide extinguir o SPI e através da lei 5.371/1967 cria a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), como forma de pôr fim às atrocidades sofridas pelas populações indígenas. Porém este órgão também não as garantiu e não garante nos dias atuais o amparo necessário a estes povos. Antes da constituição de 1988, a política indigenista era pautada no pensamento de integrar o indígena à sociedade “branca”, “domesticar” (Pacheco, 2006, pág. 29), como meio de civilizá-los. Segundo Pacheco (2006, pág 75): “no século XIX, a questão indígena tornou-se parte importante da política territorial do Estado brasileiro. Os índios considerados “assimilados” sofreram grandes perdas patrimoniais”, essa política assimilacionista dava também base às ações da Funai que os mantinham sob tutela. Fica evidente que ambos os órgãos (SPI e Funai) criados pelo governo tinham somente um objetivo, fazer com os indígenas desaparecessem.

O lema “resistir para existir” sempre esteve presente na jornada de nossa história. No ano de 1970 e 1980, com o apoio de outros grupos sociais, os povos indígenas do norte ao sul do Brasil começam a se organizar em suas aldeias apontando lideranças para articular regional e nacionalmente as lutas pela demarcação de nossas terras, pelo direito de viver conforme nossos usos e costumes (modo de vida tradicional), e o direito de sermos diferentes.

*Organizar o movimento indígena num momento político complexo a partir de uma compreensão limitada do sistema econômico e político da época, servindo-se da parceria de entidades de defesa dos direitos humanos, foi um passo importante para mostrar esta capacidade de renascer das cinzas num país que já os tinha dado como incorporados ao sistema capitalista (MUNDURUKU, 2012, p. 42).*

Segundo Daniel Munduruku, “a principal pauta naquelas discussões eram as questões voltadas para a defesa dos territórios indígenas, sendo considerado o mais importante instrumento para a manutenção da cultura tradicional” (2012, p. 52). O protagonismo dos povos indígenas foi fundamental para garantir na constituição dois artigos que garantem nossos direitos, o artigo 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, alterando assim a relação entre os indígenas e o estado, rompendo a lógica tutelar que nos considerava seres incapazes. Segundo Cruz:

*[...] este protagonismo indígena tornado visível à sociedade brasileira nesse processo de participação no cenário constituinte e aprovação dos seus direitos na Constituição de 1988 confirma a existência dos povos indígenas que, contrariando a todas as estimativas não desapareceram. Entretanto, até hoje vários povos indígenas continuam sendo expulsos de suas terras pelas frentes de expansão capitalista, principalmente do agronegócio, sendo assassinados, submetidos ao trabalho escravo e sofrendo todas formas de violências, como o povo Guarani Kaiowá no Estado do Mato Grosso. (Teresa Almeida Cruz 2017 pág. 145-163)*

Não desaparecemos, tivemos muitas perdas, mas contrariando os pensamentos racistas e colonialistas permanecemos na luta, pois sabemos que ainda temos muito a contribuir com essa sociedade que nos condena e oprime.

É importante ressaltar que mesmo condenados ao desaparecimento pelo pensamento colonialista, a sociedade indígena se agregou à sociedade nacional e continua a lutar todos os dias pela sua sobrevivência física, cultural e moral. Mesmo passando por várias atrocidades e todas as formas de massacre desde tempos coloniais, Império e República, o Brasil conta hoje com uma população indígena de 817.963 pessoas (Figura 3) (censo 2010), entre 305 povos indígenas e 274 línguas.

	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>Total</b>	146.815.790	169.872.856	190.755.799
Não indígena	145.986.780	167.932.053	189.931.228
Indígena	294.131	734.127	817.963
<b>Urbana</b>	110.996.829	137.925.238	160.925.792
Não indígena	110.494.732	136.620.255	160.605.299
Indígena	71.026	383.298	315.180
<b>Rural</b>	35.818.961	31.947.618	29.830.007

Não indígena	35.492.049	31.311.798	29.325.929
Indígena	223.105	350.829	502.783

Figura 3. Tabela do censo demográfico de 1991/2020. Fonte: IBGE, censo Demográfico 1991/2010

No estado de Santa Catarina existem, atualmente, 25 Terras e Reservas Indígenas<sup>6</sup> ocupadas pelos povos Kaingang, Guarani e Laklãnõ/Xokleng (Brighenti e Oliveira, 2007). Terras Indígenas são consideradas como bens da União (CF. Inciso XI do Art. 20), são inalienáveis, indisponíveis e imprescritíveis (CF. § 4 do Art.231). No que diz respeito às Reservas Indígenas, previstas no Estatuto do Índio, configuram também no rol dos bens da União, são inalienáveis e indisponíveis, mas, não são imprescritíveis, neste caso, a União pode dispor das mesmas, caso haja a desocupação indígena. A luta foi e continua sendo incessante para recuperar as terras que estavam de posse de grandes fazendeiros, madeireiras e outras propriedades privadas, cuja ocupação foi intensificada na década de 1960-1970 através de acordos estabelecidos através da própria FUNAI.

Quando se dá o início da colonização em Santa Catarina que se estende por toda a encosta, planalto e vale catarinense, muitos conflitos são gerados, pela disputa e ocupação das terras. No interior da floresta, nas encostas e vales encaixados entre a costa e o planalto Catarinense, viviam os Laklãnõ/Xokleng e os Kaingang que mantinham uma harmonia com a natureza sem a preocupação de limites de terras. Do outro lado, a colonização alemã e italiana recém-chegada às Américas adentrava as florestas, gerando uma disputa pela sobrevivência entre indígenas e não indígenas, na qual o fator principal era a terra.

*Quando Santa Catarina em 1829 iniciou efetivamente a colonização com os alemães em São Pedro de Alcântara [...] os governos provinciais e monárquicos estavam interessados na ocupação das terras entre o litoral e o planalto [...] e toda essa área era considerada como desabitada (SANTOS, 1997, p. 19).*

<sup>6</sup> Reservas Indígenas: Art. 27. Reserva indígena é uma área destinada a servir de habitat a grupo indígena, com os meios suficientes à sua subsistência.

Ainda segundo Santos, esta área somente começou a ser sistematicamente desbravada a partir do momento em que se iniciou de fato a colonização do Sul do país, em 1824 (SANTOS, 1997, p. 21). Como os indígenas estavam perdendo as terras férteis para as ocupações europeias, inicia-se ali a disputa também entre os indígenas Guarani e Kaingang por espaço territorial para garantir o sustento dos seus grupos familiares.

Segundo Cristo,

*O continente americano vem sendo ocupado milenarmente por centenas de sociedades indígenas, como as etnias pertencentes aos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê, por exemplo. Cada uma dessas sociedades seguia sua própria lógica cultural e social, para explorar economicamente os ambientes ocupados, assim como para se relacionar umas com as outras. Ao longo de sua história essas sociedades foram estabelecendo-se por todo o território que veio a denominar-se de Brasil (Cristo, 2016. pág. 31).*

Já segundo Tefen,

*Desde a colonização de Teresópolis, São Bonifácio e de todo o Vale do Braço do Norte, sem falar de outras regiões da província, a presença destes causava medo e apreensão. A reação que desencadearam contra os indígenas, nada mais era do que uma tentativa de preservar o território que, como primeiros habitantes, lhes pertencia (TEFEN, 1997, p. 110).*

Tefen traz em seu argumento, o medo vivido pelas populações europeias, escondendo a verdadeira história, na qual os indígenas, vendo seu território sendo invadido não tinham para onde correr. Imagine você, bem feliz em sua casa e chega um desconhecido, entra e começa mexer, mudar as coisas de lugar. Qual será sua reação? Você vai aceitar ou vai lutar, pois na verdade a casa é sua. Foi isso que aconteceu com o povo indígena Laklãnõ vendo sua casa sendo invadida, a única forma era lutar. Os Laklãnõ também estavam com medo, mas, isso a história não conta.

Dall'alba (1973) relata em seu livro a imigração alemã e os conflitos com os indígenas, quando segundo o autor, os índios invadiam as casas dos imigrantes, “roubando” dentro da sua própria casa utensílios domésticos, comida, roupas e quebravam diversos móveis das casas.

Considerado ladrões, os alemães, por vingança, entravam no mato e “caçavam” os índios sem piedade. Uma das matanças entre as décadas de 1910 a 1930, é assim descrita:

*[...] os índios, deslocando-se desde o Rio do Meio para o sul, ao passarem em Rio Cachorrinho, encontraram numa roça uma moça trabalhando isoladamente, agrediram e mataram-na [...]. Os agricultores enfurecidos juraram vingança. Convocaram os bugreiros Arthur Brito e Martinho e foram ao encalço. Na zona de Brusque conseguiram localizá-los, cercando-os durante a noite. Ao amanhecer executaram a mais cruel matança, não poupando sequer as crianças inocentes jogando-as para cima e aparando-as na ponta da espada (DALL'ALBA, 1973, p. 293).*

Governo e colonos queriam a qualquer custo acabar com os indígenas, pois estes eram vistos como “empecilho” para o crescimento das cidades e usavam esse discurso para justificar a violência praticada contra os Laklãnõ, que na visão deles, a “única” forma seria exterminar todos os indígenas. Segundo Schieffelbein (2007), o Governo Provincial resolveu agir e passou a adotar suas próprias medidas criando uma Companhia de “Batedores do Mato”, também chamados de “Patrulhas de Bugreiros”, cujo objetivo era afugentar os bugres (índios).

*Os bugreiros eram também conhecidos como caçadores de índios e atuaram de 1836 até o início do século XX. Compunham tropas de oito a 15 homens e costumavam atacar por tocaia à noite matando os adultos, poupando apenas algumas mulheres e crianças, que eram levadas às cidades de Blumenau, Florianópolis e outras localidades, onde eram batizadas e adotadas por famílias burguesas ou por religiosos. As mulheres Xokleng eram interrogadas sobre o paradeiro de outros grupos com a ajuda de índios Kaingang, devido à similaridade dos idiomas (SANTOS, 1975, p. 78).*

Santa Catarina, principalmente os seus vales e encostas, viraram uma zona de conflitos e a forma encontrada pelo governo de “controlar” a situação foi a pistola, espingarda e facão. A ordem era afugentar os indígenas para um local onde eles não pudessem incomodar os colonos. Os indígenas eram vistos como uma população perigosa que não tinha direito às terras, neste contexto, os Bugreiros, eram as “caras” que ajudariam na expansão das terras e no desenvolvimento capitalista no sul do Brasil. Uma visão totalmente preconceituosa de

compreender a história travada nesta região. Em depoimento para Santos um dos bugreiros diz, “o negócio era afugentar pela boca da arma” (SANTOS, 1975, p. 22). No Vale do Itajaí devido aos embates entre indígenas e não indígenas, o povo Laklãnõ se viu rodeado de inimigos perigosos e decidem fazer uma aliança, a estratégia era de sobrevivência, pois muitos haviam sido mortos em prol do dito "desenvolvimento".

## **CAPÍTULO 2.**

### **ARQUEOLOGIA COLABORATIVA NA TI LAKLÃNÕ E O PENSAR ARQUEOLÓGICO DO POVO**

Nos anos de 1930 iniciam-se pesquisas com o povo Laklãnõ para entender o modo de vida e a forma de organização social do povo que recém tinha entrado em contato com a dita “civilização”. Mas as pesquisas realizadas não focaram a história desse povo, nem levaram em consideração a sua trajetória de longa duração no território e sua arqueologia.

Na década de 1960 e 1970 Walter Fernando Piazza e Alroino Baltazar Eble realizam os primeiros levantamentos arqueológicos no Alto Vale do Itajaí. Piazza (1967), apresenta a primeira lista de sítios arqueológicos – 19 no total, fruto das primeiras prospecções do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas (PRONAPA), realizadas nos anos de 1965 a 1967. Depois dessa fase inicial o Alto Vale do Itajaí passa a ser pesquisado pelo professor Alroino B. Eble juntamente com o professor Walter F. Piazza, por deduzirem que a região poderia trazer muitas respostas para suas hipóteses sobre migração e contato com as populações indígenas do passado (PIAZZA e EBLE 1968; EBLE 1973a, 1973b). Em suas poucas publicações, 98 sítios prospectados são citados por Eble (1973b), dentre os quais, alguns localizam-se na terra indígena Laklãnõ, além dos 19 levantados por Piazza (1967), entretanto ele não os descreve, apenas indica a lista de sítios encontrados no artigo. Outras pesquisas foram realizadas com foco na arqueologia no Sul, principalmente no que se refere aos chamados “Jê do Sul” e ao Vale do Itajaí, mas nada específico ao povo Laklãnõ. De acordo com o levantamento realizado na bibliografia arqueológica disponível sobre o Alto Vale do Itajaí, Machado e colaboradores (2017) marcam 331 sítios arqueológicos identificados na região (Figura 4) distribuídos ao menos em três áreas de concentração: região de Ibirama e TI Ibirama/Laklãnõ, Taió e Alfredo Wagner. Destes sítios, 108 não dispõem de informações georreferenciadas, apenas localizações aproximadas (Piazza 1966), ou cujas informações são ainda mais vagas (Piazza e Eble 1968, Eble 1973).



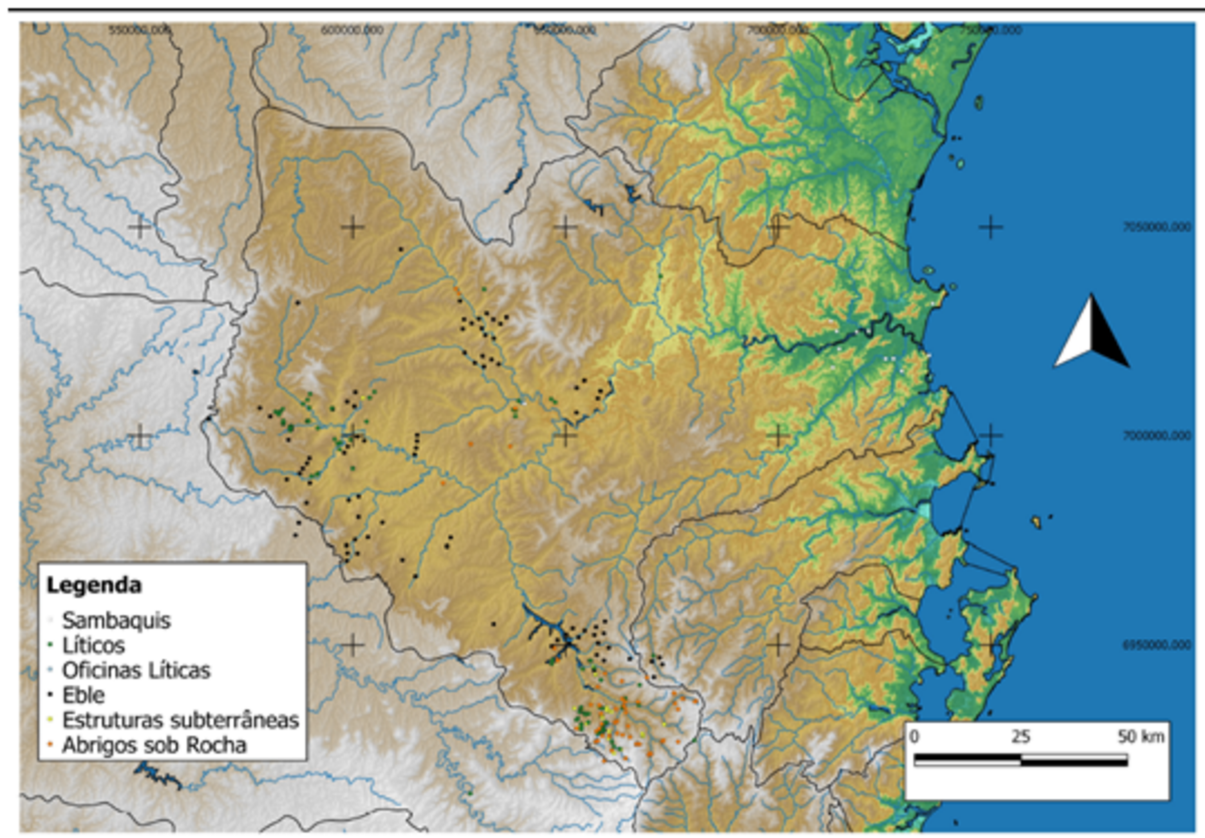


Figura 4: Mapa QGIS com distribuição de sítios arqueológicos das regiões de Ibirama TI Ibirama/Laklãnõ (Ib), Taió (Ta) e Alfredo Wagner (AW) (modificado de Machado et al. 2017)

O desconhecimento da história indígena pré-colonial, da cultura material e de todo patrimônio arqueológico tem causado uma lacuna na história indígena da região. No sentido de buscar mais informações sobre o passado dos povos que habitavam e habitam essa região alguns projetos acadêmico-científicos estão sendo desenvolvido e muitos contam com a colaboração do povo Laklãnõ. Os projetos desenvolvidos buscam compreender através da pesquisa, o uso e as transformações do território pelas populações ameríndias ao longo do tempo.

*[...] Há aproximadamente cinco anos ou mais, os Xokleng vêm passando por um processo de auto-reflexão ou auto-re-criação, o que na antropologia muitos têm chamado de aprender a ser índio no mundo contemporâneo. Isto é, um processo consciente de busca e reflexão de sua própria cultura e reafirmação de sua identidade cultural, através da retomada de saberes e conhecimentos do passado. (Machado 2013. p. 75)*

No ano de 2011 um grupo de acadêmicos Laklãnõ (dentre os quais esta autora), teve acesso à Universidade Federal de Santa Catarina, como estudantes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, onde participaram de uma disciplina de Introdução à Arqueologia. Depois de conhecer um pouco sobre o que seria arqueologia, vimos o quanto ela poderia nos ajudar a contar nossa história, ao mesmo tempo em que começamos a ver como nossa história é contada pela visão de pesquisadores não indígenas. É nesse momento que nos demos conta da importância de expor o protagonismo indígena, de contar a nossa própria história Laklãnõ, contar nossa história conforme a visão dos nossos anciões é o nosso “desafio”. Machado (2013), em seu artigo narra como foi o contato dos acadêmicos com a disciplina de Introdução a Arqueologia,

*[...]Os estudantes indígenas passaram por um processo de indicação dentro de suas aldeias e a maioria dos indígenas Xokleng que frequentam este curso são professores da escola diferenciada indígena, no entanto há também outras pessoas vindas de diversas aldeias, além de lideranças e caciques regionais que não estão vinculadas a escola. Este grupo teve como parte de sua atividade curricular aulas de arqueologia ministradas na universidade e um trabalho a ser realizado na aldeia (no chamado tempo-comunidade). A disciplina chamou especial atenção dos Xokleng, que muito se interessaram pelas questões relativas à identificação da cultura material de seus antepassados e a possibilidade de discutir o passado Xokleng na academia. Com base nestes interesses muitos buscaram aldeias antigas e sítios arqueológicos no entorno da terra indígena e trouxeram sepultamentos e cerâmicas para a universidade, sem naquele momento saberem da prática de sistematização da coleta e documentação dos mesmos, além da política nacional de preservação destes objetos, tidos como patrimônio da união. Tendo sido repassados então tais noções da prática arqueológica e as especificidades metodológicas desta disciplina, os Xokleng então demonstraram vivo interesse no estabelecimento de uma pesquisa arqueológica sobre o seu passado naquele território. (Machado 2013. p 75)*

Sabemos que Arqueologia é uma ciência moderna e ocidental que se fortaleceu em um viés autoritário. Este passado nos traz várias indagações, como: será possível uma prática arqueológica fora de um molde autoritário? (Cf. Gonzalo 2006; Haber & Gnecco 2007). Muitos pesquisadores dizem que os caminhos são construir métodos, teorias e práticas arqueológicas combinando abordagens e pensamentos ocidentais e não-ocidentais, abrindo espaço para o conhecimento e construção do passado (Liebmann 2008a; Rizvi 2008; Lilley 2009) a partir de teorias que considerem a diversidade de pontos de vistas dos sujeitos e que atentem para as complexas inter-relações (sociais, culturais, políticas, econômicas e ideológicas) que existem entre os vários sujeitos e bens arqueológicos em escala local, regional, nacional e global (Lydon 2009; González-Ruibal 2009; Benavides 2009; Trigger 2008).

É importante ressaltar que sou indígena pertencente ao povo Laklãnõ, povo junto ao qual a minha pesquisa foi realizada. No início fiquei muito temerosa, pois o desafio é grande, contar a história dos locais de memória do meu povo através da memória dos nossos sábios e anciões seria algo desafiador. Sempre gostei de saber a história do meu povo e acompanhava meus avós quando saíam para caçar, pescar, colher mel e frutas silvestres e palmito. Nesses momentos lembro-me que muitas famílias saíam e acampavam em locais estratégicos. De noite uma roda de pessoas conversando e no centro um fogo que aquecia a todos, momentos que ficaram marcados para sempre na memória.



Figuras 5 e 6: Arquivo da autora 18 de abril de 2016.

Esta pesquisa iniciou-se muito antes do projeto para o mestrado. Ela foi gestada através de várias conversas na comunidade, pois eu era professora e sempre trabalhei como

pesquisadora dentro da Terra Indígena (TI) principalmente na minha aldeia (Aldeia Bugio). O sentar, ouvir e saber quando perguntar, são grandes aprendizados que são passados. Estive constantemente em contato com os anciãos e sábios e eles sempre falavam de como era no passado. Como professora percebi que podia desenvolver um projeto para trabalhar com os alunos, no qual poderia junto com eles mostrar e fortalecer nossa cultura.

Os objetos como *pégky* (louça), panela de barro, jarra de água, copo etc. são artefatos muito importantes para nosso povo (Figura 7 e 8). Como nos mostra Jidean Raphael Fonseca (2015, p.18), a panela e o jarro eram feitos de argila e para produzir estes objetos eram precisos muitos processos, segundo a anciã Ægnelõn: “tinha que esperar chover, daí onde nascia o arco íris era retirado o barro. Então às vezes levava dias, depois encontrar um pé de coqueiro velho tirar [...] e depois queimar o carvão é moído e misturado com a massa (argila)”. O preparo desses utensílios também envolvia a questão espiritual.



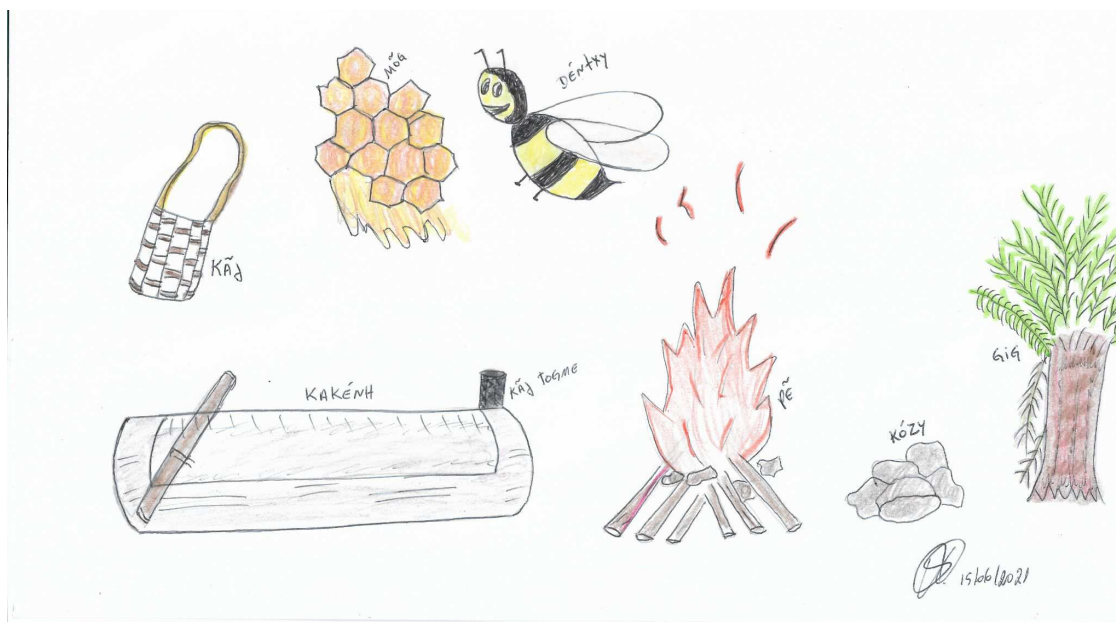


Figura 7 e 8: Oficina para produção de panela de argila com os anciões, maio de 2013. Fotos: Fonseca 2015.

O *kāj* (Figura 9) é um balaio grande e/ou pequeno que serve para carregar alimentos, ou ainda o *kāj togmê*, que é um balaio revestido de cera de mel, que servia para guardar/armazenar o pinhão em água corrente. Havia também o *kāj togmê katxin*, um copo que era usado para tomar o *mõg*, nossa bebida tradicional (Figura 10). *Kakéj* (madeira cavada por dentro, usada

para fazer a bebida tradicional (Figura 11), muitos eram feitos no momento em que estavam montando o acampamento, quando se deslocavam alguns desses objetos eram deixados nos locais devido ao seu peso.





Figuras 9, 10 e 11: objetos usados pelos Laklãñõ, autora Walderes C. Priprá, 2021

Em conversa com os anciãos vimos que havia possibilidade de recuperar parte da nossa história material e imaterial, muitas das quais estavam somente na memória deles. Dessa forma conversamos com alguns professores da UFSC que mostraram interesse em desenvolver alguns projetos junto às comunidades. A Terra Indígena é dividida em aldeias (Aldeia Toldo, Coqueiro, Figueira, Palmeira, Plipatól, Kóplãg, Bugio e Taquaty), como mencionado anteriormente, cada aldeia tem sua comunidade e sua forma de organização social, que juntas formam o povo Laklãñõ hoje. É neste contexto que surge o projeto de pesquisa com a professora e Dr<sup>a</sup> Juliana Salles Machado (2013), que buscou tratar das situações do presente comparando-as com o passado, tendo como eixo norteador a história de formação do território indígena Laklãñõ/Xokleng, pois naquele momento queríamos entender como a arqueologia poderia nos ajudar na questão territorial através das histórias orais contadas.

*A importância de abordarmos esta pesquisa neste artigo em específico está, em um primeiro momento, na compreensão de sua própria formulação a partir de uma demanda indígena dos Xokleng pela pesquisa arqueológica em sua terra. Tratarei aqui portanto de esclarecer o contexto desta demanda e as consequências destas distintas visões sobre arqueologia para a (re)configuração de nossas práticas científicas. (Machado 2013. p 74)*



*Este complexo processo de re-construção de sua memória está intrinsecamente relacionado com os fenômenos políticos, econômicos e sociais do presente. Cada povo indígena possui sua trajetória histórica particular o que faz com que também suas demandas contemporâneas com relação a sociedade nacional, com a própria transformação e manutenção de sua cultura lhe seja específica. (Machado 2013. p 75)*

Esta foi a primeira pesquisa, proposta sobre a base da arqueologia colaborativa, onde através das histórias narradas, buscamos reconstruir uma ideia de como era o passado do povo Laklãnõ para assim poder viver e compreender escolhas do presente. Uma pesquisa que poderia ser alterada conforme a necessidade da comunidade.

*[...] Quando esta demanda Xokleng chegou a mim, tivemos um primeiro encontro na universidade para discutir quais eram as expectativas deles em relação a esta pesquisa. Desta conversa inicial o principal tema era como a arqueologia podia ajudá-los no reconhecimento de seu território tradicional. Após esta discussão, eles também ressaltaram seu interesse no potencial da pesquisa em transmitir o conhecimento tradicional Xokleng para os mais jovens, usando assim a arqueologia como forma de preservação de sua memória. Com base nesta demanda e expectativas propus um projeto baseado na abordagem da arqueologia colaborativa, na qual podíamos conjuntamente elaborar (e constantemente re-elaborar) as questões pertinentes à pesquisa arqueológica e ao coletivo Xokleng, além de todos se envolverem na sua aplicação prática (cronograma, métodos e técnicas) e a interpretação dos dados. (Machado, 2013. p 75-76)*

Ainda sem ter muito conhecimento nessa área da arqueologia, decidi escrever meu trabalho de conclusão de curso dentro do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, recuperando um trabalho que há alguns anos havia desenvolvido como professora na escola indígena sobre a bebida sagrada do povo Laklãnõ (Almeida, 2015), realizado com o apoio dos anciãos. Hoje percebo como aquele trabalho foi fundamental para despertar a curiosidade nos jovens sobre nosso passado e despertar nos anciãos a motivação de falar sobre o passado e de

retornar aos locais de acampamentos e de cemitérios antigos. Os acampamentos eram os lugares onde o povo passava dias ou meses, dependendo muito das estações do ano e eram lugares para realizar a coleta de determinados alimentos ou ainda para a realização de cerimônias. Em conversa com os anciãos expressei o desejo de cursar o mestrado e o apoio foi total, quando o Srº Kuvei Clendo disse: *“a gente precisa que tu fica aqui com a nossa gente, mais se tu quer ir vamos te ajudar porque é bom que tu escreva nossa história”*. Conversamos sobre vários assuntos importantes para juntos decidirmos qual projeto eu como mestranda poderia desenvolver. Dentre muitas propostas decidimos colocar no papel nossos lugares de caça e coleta, de acampamentos antigos e os lugares que eles (anciãos) achassem necessários, a ideia era fazer um mapa com todos esses dados e os locais de dentro e fora da terra indígena. Couvi (2020) nos mostra a importância de fazer esse diálogo com os anciões

*“Entretanto, enquanto para o pesquisador acadêmico não indígena, a etapa primeira do trabalho científico está no levantamento bibliográfico, para o pesquisador indígena, a etapa primeira da pesquisa está em primeiro conhecer o campo de pesquisa, as possibilidades de pesquisa, prioritariamente que tragam sentido a comunidade, o pesquisador indígena é uma porta voz das vozes da comunidade em seus trabalhos, seja de cunho acadêmico ou outras atuações posteriores. Desse modo, antes de o pesquisador indígena desenvolver qualquer conexão com bibliografias e ou correntes teóricas, ele fez previamente a pesquisa de campo na sua comunidade” (Vilma Couvi Patté Cuzugni, 2020. pág 17)*

Os senhores/as Cuvei Weichá, Cangó Patté, Neli Ndilli e outros expressaram a vontade de ir a esses locais pois, muito desses lugares o povo não frequenta há muitos anos devido aos conflitos com os *zũg* (não indígenas) pela questão da demarcação de terra. A ansiedade maior que pude observar em todos que ali estavam foi saber que havia possibilidade de muitos conhecerem alguns dos locais que marcaram a história do nosso povo.

A pesquisa colaborativa dentro das terras indígenas é muito importante pois mescla as teorias e técnicas arqueológicas com os conhecimentos e a memórias dos anciões e sábios. Segundo Francisco Silva Noelli, *“a região sul do Brasil possui uma ocupação indígena inicial há cerca de 12 mil anos composta por grupos de caçadores- coletores que deixaram como legado sítios a céu aberto ou em abrigos, compostos por grande variedade de artefatos líticos,*

*classificados pelos arqueólogos em duas tradições: Umbu e Humaitá. Baseado nesse contexto histórico surge a necessidade de propor pesquisas arqueológicas em terras indígenas”. Pois são estes povos que conhecem os locais antigos e sabem identificar os materiais de seu povo. Baseada nessa arqueologia colaborativa, este trabalho foi desenvolvido. Machado (2013) conta como foi logo após ter apresentado ao povo algumas pesquisas relacionadas ao povo Jê do Sul (Kaingang e Laklãnõ/Xokleng) e em seu artigo narra que foi muito questionada sobre como os pesquisadores veem a trajetória histórica do povo indígena.*

*“O problema maior entre a correlação das tradições arqueológicas com grupos etnográficos está na tradição Itararé, que se espalha por áreas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo e ora é associada aos Xokleng ora aos Kaingang. Tal quadro foi muito questionado pelos Xokleng que afirmavam conseguir diferenciar seus vestígios daqueles relacionados aos Kaingang. Eles então me perguntaram, “isso não vale?” Esta pergunta tocou no ponto crucial do fazer arqueológico contemporâneo: como lidar com as diferentes formas de construção do conhecimento, especialmente no caso de trabalhos com, para ou pelas populações indígenas? Como praticar uma arqueologia menos excludente e mais responsável perante as populações indígenas que durante muito tempo permaneceram relegadas à objetos de pesquisa e não sujeitos ativos na construção de um conhecimento público ou cientificamente aceito (Colwell-Chanthaphonh e Ferguson 2008, Colwell-Chanthaphonh 2009, Silliman 2008, Smith e Wobst 2005, Meskell 2009, Silva 2012, 2011).” (Machado, 2013. p. 76)*

Durante minhas conversas com os sábios e anciões também fui muito questionada, mas no sentido de que eles passariam os conhecimentos deles para que eu pudesse de alguma forma ajudar nosso povo. Conforme o trabalho foi se desenvolvendo percebi que os desafios eram grandes, pois ainda são poucos os pesquisadores que trabalham com essa temática no Brasil. Trabalhar a interdisciplinaridade na Arqueologia é essencial para abrir novas possibilidades nas pesquisas Arqueológicas. A Arqueologia indígena exige uma profunda reflexão sobre alteridade, sendo que a Arqueologia já traz em si um discurso de alteridade científica que pode entrar em conflito com a visão de alteridade dos povos indígenas. Neste sentido minha base para desenvolver este trabalho foi um dos trabalhos coordenados pela professora Dr<sup>a</sup> Fabíola

A. Silva (2007), “Arqueologia, etnoarqueologia e história Indígena – um estudo sobre a trajetória da ocupação indígena em território de Mato Grosso do Sul: a terra indígena Kaiabi e a aldeia Lalima”, do Museu de Arqueologia e Etnoarqueologia da Universidade de São Paulo, e “Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo” (2015), e os trabalhos da Professora Dr<sup>a</sup> Juliana Salles Machado (2013) “História(s) Indígena(s) e a Prática Arqueológica Colaborativa”, e ainda “Û TÕ DÉN TXI KABEL. *Aqueles que contam histórias. Memória e território Laklãnõ (Xokleng)*” (2015).

## 2.1 Arqueologia Colaborativa no Brasil

No Brasil ainda são poucos os pesquisadores dentro da área da Arqueologia e até mesmo na História que propõe pesquisas de forma colaborativa com os povos indígenas. Compreender e entender a diversidade cultural, histórica e de luta dos povos indígenas que existe no país é um exercício que devemos fazer todos os dias. Conhecer outras formas de conhecimentos é fundamental para entender como esses conhecimentos são produzidos e organizados.

Dentre as pesquisas chamadas de “colaborativa” destaco Silva (2009) e Machado (2013), que desenvolveram suas pesquisas arqueológicas em terras indígenas tendo a total participação dos povos envolvidos. Vejo que essas pesquisas acadêmicas que envolvem indígenas (pesquisadores ou não) e não indígenas, podem proporcionar grandes resultados para a história da arqueologia no Brasil. Na região sul do país, Noelli (1999-2000) nos mostra que a ocupação indígena inicial se dá desde cerca de 12 mil anos, composta dos primeiros grupos chamados de “caçadores-coletores”, cujos repertórios materiais são classificados pelos arqueólogos como sendo duas tradições: Umbu e Humaitá. Estes povos, teriam deixado uma grande variedade de artefatos líticos que foram encontrados em sítios a céu aberto ou em abrigos. As pesquisas mais recentes nos mostram que, por volta de 3 mil anos atrás, estas regiões foram sendo povoadas por grupos humanos vindo da Amazônia (Guarani), e outros que vieram da região centro-oeste do Brasil (Jê). O território ocupado por esses grupos era imenso e densamente povoado. Quando o território brasileiro começou a ser povoado por portugueses e outros estrangeiros advindos de várias partes da Europa o conflito por terras se instaura e uma guerra de extermínio é travada contra os povos nativos dessa terra, muitos são escravizados outros são contaminados por doenças e tudo isso leva ao genocídio indígena. Por conta desse momento trágico vivido pelos povos indígenas, milhares ainda vivem em situação de conflito

incansável com garimpeiros, fazendeiros e grandes empresários e até mesmo com o governo federal para garantir os direitos constitucionais e pelas terras tradicionais que garantem um modo de vida digna a esses povos.

No sul do Brasil, mais especificamente no oeste catarinense havia populações indígenas desde épocas muito remotas, a datação mais antiga sobre esses povos é de 8.000 anos antes do presente. A forma e o sistema de organização dos povoamentos antigos trazem dois grandes destaques, os povos que possuem uma matriz linguístico-cultural bem diferentes: os Guarani e os Jê, este último dividido em dois grupos Kaingang e Laklãnõ/Xokleng (Noelli 1999-2000).

Devido às constantes invasões por parte da colonização não indígena em muitas partes do Brasil, muitos povos foram perseguidos e uma grande diversidade de aldeias foram dizimadas. Os sobreviventes desse processo brutal lutam pela sua existência e resistem a esse sistema genocida que tenta sufocar a qualquer custo a história real desses povos. Apesar da trajetória trágica dos povos indígenas, hoje a luta por terras e pelo resgate da memória é uma forma de reescrever a história. Para reconstruir a história desse Brasil muitas mãos são necessárias. Nesse processo de construção a ciência pode e deve contar com o conhecimento dos povos tradicionais, porque não fazemos história sozinho. A Arqueologia colaborativa está construindo esta relação de conhecimentos, dando um outro sentido ao modo de se pensar e praticar Arqueologia, “nesse sentido, a pesquisa de arqueologia está ativando essa atualização do conhecimento tradicional e também suas formas de transmissão.” (CABRAL, 2014, pag. 121).

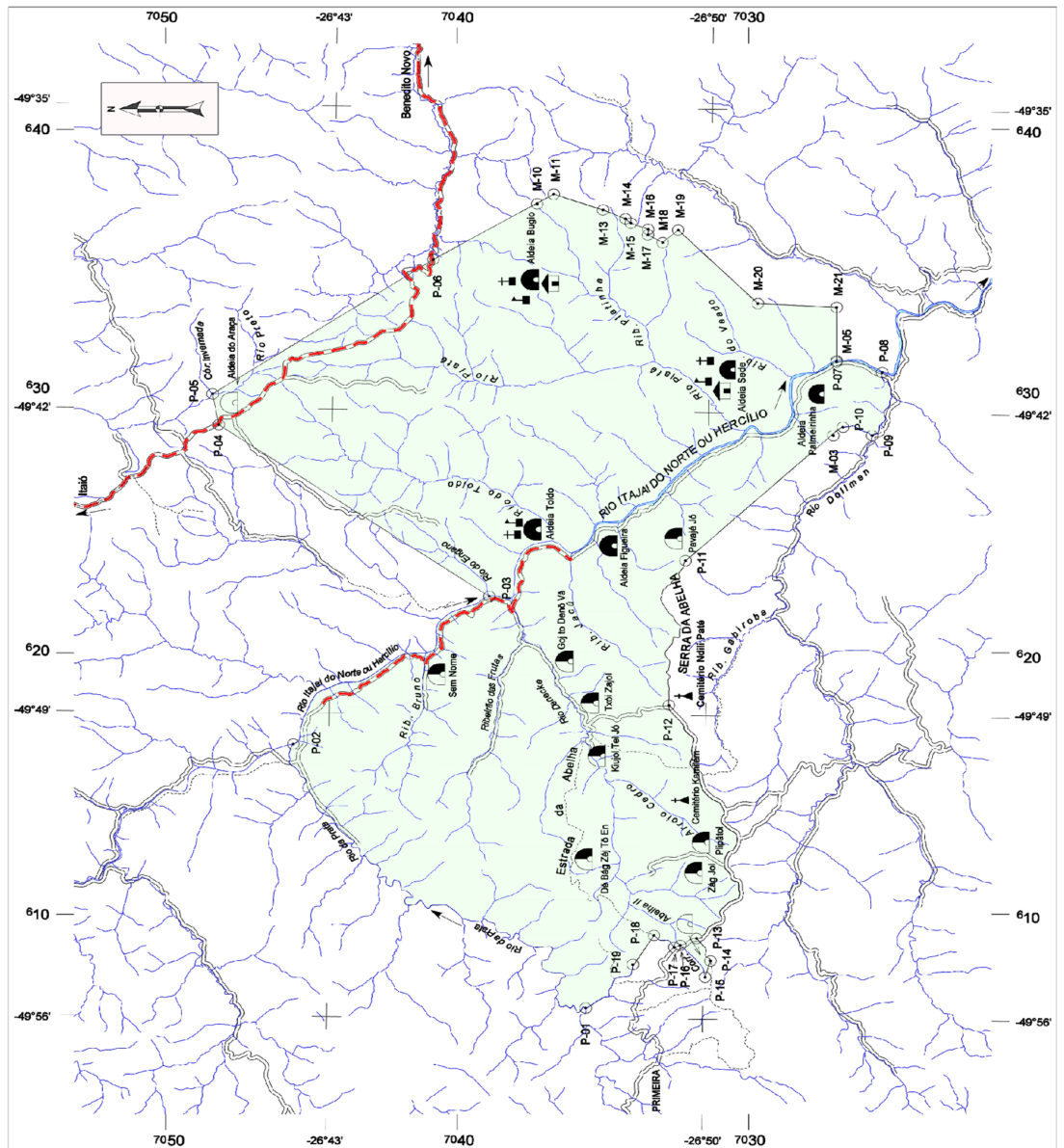
### **CAPÍTULO 3.**

#### **TERRITÓRIO: LEVANTAMENTO DOS LUGARES DE ACAMPAMENTOS E DE MEMÓRIAS DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG**

Antes do contato em 1914 com o povo Laklãnõ, ato conhecido como “pacificação”, o povo percorria uma imensa área territorial que se estendia no sul do país no Paraná, no planalto/serra e nas encostas catarinense até Vacarias no RS. Segundo relatos dos mais velhos, anciões da comunidade, devido à colonização que cercava o povo por todos os lados, muitos membros dos subgrupos foram mortos e os sobreviventes foram encurralados e se viram obrigados a se entregar para poder sobreviver e manter viva a cultura e a história do povo Laklãnõ.

Passados anos, a história dos locais por onde o povo passou é lembrada com muita dor e tristeza pelos anciões, pois esses locais contam como foi o passado do povo, locais de cerimônias e rituais sagrados. Esses locais ainda permanecem vivos na memória e ajudam a remontar a história. Como vimos anteriormente na história arqueológica não há registros específicos do povo Laklãnõ, sendo utilizado apenas a categoria genérica de “Jê do Sul”.

Entendendo que a área para pesquisa do território do povo Laklãnõ é muito extensa, este trabalho irá abordar somente a área da Terra Indígena (TI) Laklãnõ de Ibirama de SC. Uma área de 37.108 há, e que destes, somente 14.123 ha são ocupados pelo povo. Está TI é dividida em 10 aldeias: Aldeia Bugio, Aldeia Plipatol, Aldeia Kóplág, Aldeia Pavão, Aldeia Sede, Aldeia Palmeira, Aldeia Figueira, Aldeia Coqueiro, Aldeia Toldo e Aldeia Takáty, esta última aldeia Guarani (Figura 12). A pesquisa se concentra em toda a área da TI, contando com o apoio e colaboração dos anciões e sábios da comunidade.



**SINAIS CONVENCIONAIS**

- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- POSTO INDÍGENA, CEMITÉRIO
- ALDEIA INDÍGENA, ALDEIA INDÍGENA TRANSITÓRIA
- MARCO DE DIVISA, PONTO DE SATÉLITE
- PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
- ESCOLA, IGREJA
- RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
- RODOVIA TRANSITÁVEL A ANO TODO
- RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOM, CAMINHO
- RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
- LAGO OU LAGOA, TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
- LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF

DENOMINAÇÃO: <b>TERRA INDÍGENA IBIRAMA - LA KLANÔ</b>		PLANTA: <b>DELIMITAÇÃO</b>	
MUNICÍPIO: <b>Doutor Pedrinho, Itaiópolis, José Boiteux, Rio Negrinho e Vitor Meireles</b>		SUPERFÍCIE: <b>37.108 ha</b>	PERÍMETRO: <b>110 km</b>
ESTADO: <b>SANTA CATARINA</b>		ESCALA: <b>1:200.000</b>	DATA: <b>13/09/1999</b>
CURITIBA		PROCESSO: <b>MI-2880.1/2880.2</b>	BASE CARTOGRÁFICA: <b>2880.3/2880.4</b>
RESP. TÈC. DEFINIÇÃO LIMITES: <b>WALDIR DA SILVA PEREIRA</b> ANTROPOLOGO		RESP. TÈC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES, VISTO CHEFE DO DED: <b>MANOEL FRANCISCO COLCUBO</b> ENGENHEIRO AGRIMENSOR CREA n.º 54.806/0 - SP	
		PORTARIA N.º:	

Figura 12: Mapa da Terra Indígena Ibirama-Laklãnô, FUNAI, 1999.

### 3.1 De aldeia em aldeia a história do povo Laklãnõ é montada e reescrita novamente

Para remontar nossa história conversei com vários anciões, sábios e lideranças de algumas aldeias. Entender a trajetória do passado é muito importante para compreender as mudanças que foram ocorrendo com o decorrer dos tempos. Nesse primeiro momento da pesquisa muitos destacaram que não podia chamar de aldeias antigas estes lugares e sim de locais de memórias e de acampamentos. Segundo o ancião João Paté (2019),

*“Eles não ficavam num lugar mais que o necessário para não ficar manjado. [...] É... era um acampamento, acampamento, então na verdade eles não tinham aldeia ali é onde eles param né...”*

Já para a anciã Ægnelõn Priprá (2014),

*“Sempre ouvi falar desses locais onde eles paravam por poucos dias, para coletar alimentos e encontrar os parentes, [...] não ficavam muito ali de medo de serem mortos. [...] as festas eram feitas fora desses locais em outro lugar preparado...”*

Na fala dos anciões fica evidente que o povo não se estabelecia por muito tempo num mesmo lugar para não ser alvo de ataques. Isso nos remete a uma memória do período da colonização (séc. XVIII e XIX), onde os indígenas eram perseguidos e mortos em tocaias – podendo ser também anterior, devido a outros processos de des-re-territorializações. O acampamento era um local de encontro onde o grupo não permanecia por muito tempo. Como vimos anteriormente o povo Laklãnõ era dividido em subgrupos que mantinham contato para encontros de festejos como casamentos tradicionais, rituais e outras comemorações Cangó Ingaclã também relata alguns episódios de matança vivenciado por seu avô:

*“Toda essa terra é nossa, por aqui meus pais andavam vinham comer pinhão, e matar bicho pra eles comer tinha bastante passarinho também. Eles vinham lá de cima passavam pelo Paraná, próximo a Guarapuava, de lá eles vinham*



*descendo, passavam em Rio Negrinho e desciam pra cá. Ali no kakupli eles se encontravam com os parentes, ali eles fizeram uma festa, meu pai (avô) conta que eles amanheceram cantando e dançando, não sei de onde veio uns barulhos de tiro, todos saíram correndo, muitos morreram naquele dia. Depois de dias eles descobriram que o outo grupo que subia lá pelo kózylá, passavam ali por trás (apontando o dedo em direção a Serra Azul) também muitos tinham morrido assim.” (Entrevista - Cangó Ingaclã, agosto de 2007, Acampamento em Bom Sucesso<sup>7</sup>)*

Esses episódios também são retratados por Urban (1978), Santos (1973) e Jules Henry (1941). Nos dias atuais ainda podemos encontrar os acampamentos de caça e coleta.

Na conversa com a anciã Neli Ndilli, ela destaca que a primeira aldeia a ser construída foi denominada de Aldeia Sede, pois foi neste local que o povo permaneceu logo após o contato de 1914. Nesta aldeia o local mais conhecido e frequentado pelos indígenas é chamado de “acampamento velho” ou “grupo velho”, que fica às margens do rio Plate. Esta aldeia foi criada pelo SPI<sup>8</sup> em 1915 com o intuito de manter a comunidade presa em um lugar, onde todos tinham que obedecer às regras impostas por Eduardo.<sup>9</sup>

*“... antes nós não tinha aldeia, [...], o acampamento velho que mais tarde veio a ser Aldeia Sede foi uma forma que o Eduardo usou para nos manter presos aqui (Olhar de tristeza), tinha que obedecer as ordens dele e quem não obedecia era preso com cordas ou muitas vezes ele mandava os capangas dele bater, muitas vezes a família tinha que ver isso para servir de lição para todos. [...] As outras aldeias foram construídas porque o povo precisava fugir das enchentes da barragem” (Neli Ndilli 72 anos agosto de 2018)*

---

<sup>7</sup> Acampamento em Bom Sucesso: no ano de 2007 houve um protesto para a retomada das terras em litígio na região de Bom Sucesso, divisa com os municípios de Dr. Pedrinho e Itaiópolis, nesse período membros da comunidade se acamparam nessa localidade em forma de protesto.

<sup>8</sup> Serviço de Proteção ao Índio – Criado em 1910 com o objetivo de proteger os indígenas dos ataques constantes e integra-los a à sociedade nacional. Este órgão foi extinto em 1967 sendo substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai)

<sup>9</sup> Eduardo de Lima e Silva Hoerhann foi um dos responsáveis do contato com o povo Laklãnõ conhecido como Xokleng no Alto Vale do Itajaí, realizado em 22 de setembro de 1914. Hoerhann, era sobrinho-bisneto de Duque de Caxias.

Nesse período ainda não existia a terra indígena, o povo acampou e permaneceu no local onde ocorreu o contato. No ano de 1926 Adolfo Konder, governador catarinense, cria inicialmente a TI e a denominou de posto indígena Duque de Caxias destinando assim uma área de 20.000 hectares ao povo Laklãnõ. No ano de 1965 a terra foi oficialmente demarcada e 10 anos mais tarde (1975) recebeu o nome de Ibirama.

O contato com os *zũg* ocasionou uma série de problemas para a comunidade Laklãnõ como as doenças e as violências físicas e psicológicas, o adormecimento da língua materna, da cultura e tradição do povo. Como se não bastasse todo o processo de sofrimento vivido pelo povo, na década de 1970, sem o consentimento da comunidade foi construída a Barragem Norte, criada para contenção de cheias no Alto Vale do Itajaí, tendo sido a comunidade indígena a primeira a ser prejudicada. Antes dessa construção o povo vivia à margem do rio, tinha um vasto território para o plantio e criação de animais. O rio era uma das principais fontes de alimento, dando o sustento para várias famílias através do peixe. O povo vivia em uma única aldeia e tinha um representante da comunidade (cacique). Logo após a primeira cheia, no final da década de 1970, ocorreram muitas perdas e o povo se viu obrigado a procurar outros locais para morar. Assim nascem as aldeias e uma nova organização social.

Com a criação das aldeias, os anciãos não conseguem mais reunir os jovens e as crianças como de costume na calada noite ao redor do fogo para contar a história do nosso povo. O encontro entre os anciões fica cada vez menor e muitos se isolaram. Com esse distanciamento, a história que era compartilhada com todos os membros da comunidade passou a ser contada para pequenos grupos (grupos de familiares) que tentavam manter viva essa história. Mas, conforme o andamento da pesquisa pude compreender a importância de compartilhar essas histórias, pois antes do processo do contato, o povo se auto reconhecia pelas marcas familiares (Fig. 13), como aponta Kluge, “*As pinturas Laklãnõ/Xokleng são marcas familiares, usadas como sobrenome, por tanto, não era permitido uma união (casamentos) da mesma marca. Pelas marcas as famílias eram identificadas.*” (2020, pág. 28). Cada família detinha um tipo de conhecimento relacionado à medicina, rituais e manejo/cuidados com os alimentos e a trocas de conhecimentos que os mantinham unidos, pois, uma família precisa do outro para poder viver. Por isso era importante que os conhecimentos passassem de geração a geração. Trabalhar em conjunto com a comunidade, anciãos e professores é muito importante para esse processo, como diz o ancião Cangó Ingaclã,

*“[...] É importante que nossas crianças conheçam os marcos, das nossas terras esses pontos que estão no nosso mapa é importante que eles conheçam [...]. que eles conheçam nossa história, como era nossos remédios tradicionais, como nossos guerreiros eram preparados, quem podia realizar as cerimônias, mostrar pra eles o Kakupli, o Tatete e la perto onde mora a Neli la encima onde eles caçavam. [...]” (Entrevista - Cangó Ingaclã, 78 anos, março de 2006)*

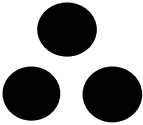



<b>Marcas Familiares (Símbolos)</b>	<b>Nomes das marcas</b>
	Vãnh mẽ vin
	Vãnh mẽ topagke
	Vãnh mẽ kunhken
	Vãnh mẽ kalem

Figura 13: Tabela com as marcas familiares.

No final da década de 1980 e início de 1990 alguns professores e membros da comunidade iniciam um movimento de retomada da língua materna e há um incentivo aos anciões a voltar contar nossas histórias, mas não obtiveram muitos resultados.

Os anciões, os sábios e a liderança ficaram felizes com a iniciativa da pesquisa e se propuseram a ajudar através de entrevistas. Pediram ainda se havia possibilidade de levá-los a esses locais como forma de reviver o passado. O cacique presidente<sup>10</sup>, Tucung Ingaclã, ficou

<sup>10</sup> Cacique presidente: conforme a organização política na terra Indígena, o cacique presidente ou cacique geral, é que representa o povo fora da terra indígena levando as demandas necessárias. Como a terra é dividida em aldeias, cada aldeia possui um cacique, denominado cacique regional, este por sua vez monta sua liderança que é composta por um conselheiro (ancião) e um capitão. Esta liderança, juntamente com o cacique, de tempos em tempos, realizam reuniões para saber como esta a comunidade de sua aldeia e se preciso, sendo o caso mais sério, o cacique presidente é chamado.

contente e disse que poderia ajudar mostrando os locais que os avós dele contaram e foram com ele quando pequeno.

Muitos acampamentos citados continuaram sendo usados mesmo depois do contato, pois eram lugares onde o povo Laklãnõ muitas vezes se encontrava para festejar ou até mesmo para dividir o grupo para a caça e coleta. Outros lugares a comunidade não frequenta mais, pois estão fora da área atualmente ocupada pela TI, em locais ainda em disputa pela demarcação da terra indígena, situação na qual há ainda muito confronto com os não indígenas.

Com a divisão da TI em aldeias, os anciãos não conseguiam mais se encontrar no final da tarde onde reuniam jovens e crianças para a contação de histórias. É nesse momento que vemos o quanto de nossa história se perdeu com o tempo. Hoje percorrer as dez aldeias é um grande desafio para remontar a história do meu povo. O trabalho aqui desenvolvido foi de entrevistar e conversar com os anciãos de cada aldeia sobre os locais de acampamentos e de memória do povo para poder ter uma base, para isso usei um mapa da TI e trabalhos de pesquisas já realizados por outros pesquisadores. Dessa forma consegui localizar outros locais importantes para o povo. Tais como o cemitério do Kamlém, cemitério do Ndilli, *zág jól* (pinheiro torto) e a Kakupli (aldeia do araçá), locais estes que estão localizados dentro dos limites dos 37 mil ha, mas que o povo não pode visitar por estarem próximos às propriedades privadas de indústrias e madeireiras ou próximos à propriedade de colonos e isso gera grandes confrontos, conforme já mencionado. Na conversa com os anciões muitos deles manifestaram o desejo de voltar a esses locais, como forma de reviver o passado. Através das conversas pude construir um mapa mostrando esses locais (Fig. 14) de acampamento que foram utilizados antes do contato e após o contato. Dentro dos 14mil ha, muitos lugares ainda são frequentados pela comunidade. Também pude desenvolver uma tabela (Fig.15) com detalhes desses locais de acampamentos. Como diz Couvi (2020),

*“É costume de o povo Xokleng nomear os lugares conforme as características dele, assim temos: lugares com nomes de animais; o nome das aldeias: aldeia Bugio, Figueira, Pavão, Coqueiro, Toldo e Serra do Maestro, em homenagem ao Professor Maestro (primeiro professor a ensinar a língua portuguesa ao povo). Os velhos contam que o Professor Maestro dava suas aulas nas beiras dos barrancos da serra quando de suas andanças. Tem também, o Ribeirão do*

*Jacú; Ribeirão da Traíra e Zág píl, por ter um pé de araucária que dava referência para eles chegar àquele local.*

*Nesse sistema de nomeação dos lugares grande parte das localizações marcadas pelos Xokleng/Laklãnõ na Terra indígena é por algo que aconteceu no local ou nome de animais e até mesmo de pessoas. Pois é característica do Xokleng/Laklãnõ andar sempre em grupos e assim muitas histórias e fatos aconteciam quando iam atrás de caças e cortes de palmitos. Nas conversas com os velhos, esses lugares se tornam pontos de referências para contarem suas histórias”. (Vilma Couvi Patté Cuzugni, 2020. pág. 33)*



NOME DO ACAMPAMENTO	DESCRIÇÃO SOBRE O LOCAL
<b><i>Kakupli</i></b>	Descrito pelos anciões como um local usado muito antes do contato. Era o acampamento principal para o encontro dos três subgrupos, neste local eram realizadas muitas cerimônias importantes como: casamentos, rituais de perfuração de lábios nos meninos e a marca familiar na perna esquerda das meninas.
<b><i>Nbá</i></b>	Acampamento usado antes do contato e rota de caça e coleta. Local onde os sobreviventes dos subgrupos iniciam o contato com <i>Kaudunh</i> (Kaingang) que se encontrava a margem do rio Platê e por consequência a saída deles da mata (contato em 22 de setembro de 1914).
<b>Acampamento Velho</b>	Este local era conhecido como uma rota de caça e coleta de matérias para a produção de artefatos e para a realização dos rituais e cerimônias. Após o contato foi onde permaneceram iniciando assim o aldeamento.
<b><i>Zág Pil</i></b>	Nesse local havia somente um pinheiro de araucária por isso do nome “único pinheiro” essa é a tradução do nome deste acampamento. Era uma local onde as pessoas paravam para descansar e depois seguir viagem. Era uma rota que ligava o caminho para <i>Kózy lá</i> .
<b>Acampamento do <i>Kamlém</i></b>	Este local é muito conhecido como cemitério do <i>Kamlém</i> e dessa forma está registrado no mapa da Funai, mas, muito antes do contato foi um local onde muitas cerimônias e rituais foram realizados. Também era um local onde os subgrupos acampavam para depois seguir caminho para o planalto catarinense. O local tem um significado muito grande para o povo Laklãnõ, pois além de ser um local de acampamento histórico é onde <i>Kamlém</i> , o último <i>kujá</i> , do povo foi enterrado com todos os seus pertences (como a manta feita de fibra de urtiga, utensílios ritualísticos, armamentos como: flechas, lanças e o arco confeccionado pela <i>kujá</i> que o antecedeu e dado a ele como presente). É importante ressaltar que os anos eram contados pela seca da taquara (a cada 25 anos) e pela época do pinhão (a cada 1 ano). Segundo a tradição do povo Laklãnõ o ancião ou o sábio da comunidade não era enterrado e sim cremado, pois seu espírito poderia descansar em paz. A criança e o



	<p>jovem que não atingissem a idade de uma taquara seca, deveria ser enterrado para que seu espírito pudesse renascer, neste caso, pelas informações coletadas, <i>Kamlém</i> foi o último membro da comunidade que foi cremado, suas cinzas foram depositadas em uma pequena urna e enterrado junto aos seus pertences. Este também era a rota que dava acesso fora da delimitação, nas atuais localidades de Taió, Santa Cecília, Curitiba, São José do Cerrito, Lages, Lauro Muller, Orleans e descia para o Rio Grande do Sul até Vacarias.</p>
<b>Acampamento Ndilli</b>	<p>Como era de costume, o povo Laklãnõ sempre retornava aos locais de acampamento na esperança de encontrar parentes que ainda estavam na mata. O ancião Ndilli sempre retornava a vários pontos onde eles acampavam antes de fazer o contato, nessa esperança. Este acampamento era uma rota de caça e coleta de frutos e matérias-primas para a confecção de artefatos e utensílios utilizados antes do contato, também servia para ligar o caminho para outros lugares importantes e foi neste local próximo a Serra Verde (lado sul do Oeste). O acampamento recebeu este nome pois, foi onde o ancião faleceu. Ele permanecia no local por vários dias cantando e chamando por alguém, adoeceu e morreu no local.</p>
<b><i>Kavalu Kukó</i></b>	<p>Local onde há uma vegetação intensa, onde o palmito era uma das fontes de alimentos e ainda atraía várias espécies de aves e animais o povo acampava por vários dias para garantir os alimentos, preparar os materiais e necessários para os rituais e cerimônias, este local era usado antes do contato, e nos dias contemporâneos ainda é usado por muitos caçadores.</p>
<b>Jacú</b>	<p>Acampamento pós contato, próximo a um riacho, local onde havia muitas jacutingas.</p>
<b>Rio da Paca</b>	<p>Acampamento antigo (antes do contato), este local garantia o alimento de carne para as festas, pois, ali havia animais de grande porte principalmente a paca.</p>
<b>Serra do Maestro</b>	<p>No ano 1938, foi implantado a primeira escola dentro da comunidade indígena e o primeiro professor foi um polonês chamado Mieczyslaw</p>



	Brzezinski, chamado pela comunidade de Maestro, que morava em cima da serra próximo a aldeia Sede, depois da sua morte, a comunidade passou a frequentar o local que servia de acampamento. Então o nome do local ficou conhecido como serra do Maestro. Antes disso era somente uma rota que dava acesso ao acampamento do <i>Kózy lá</i> (Dr. Pedrinho) indo em direção a Alto Benedito, Santa Maria, Timbó, Indaial e seguia para o litoral catarinense, também dava acesso subindo para o <i>Zág pli, Kavalu Kukó, Tateti, Kakupli</i> , Papanduva, Itaiópolis, Canoinhas, Mafra indo em direção ao Paraná, Rio Negro, Porto União e Guarapuava.
<b>Furna do Óleo</b>	Recente acampamento, mas, muito usado antes do período do contato como rota de caça e coleta, principalmente coleta de algumas madeiras, flores e floras muito usado na medicina tradicional do povo.
<b>Salto Pequeno</b>	Local de fácil acesso ao outro lado do rio, que logo após o contato foi usado como acampamento por muitas famílias.
<b>Itoupava Cumprida</b>	Local onde havia muitas grutas rochosas que serviam como abrigo em tempos chuvosos, após o contato foi um local onde muitas pessoas usaram para se esconder das agressões verbais e físicas causadas por Eduardo, o famoso, “pacificador.
<b>Tateti</b>	Acampamento e rota de caça e coleta usado antes do período do contato e que também ligava aos outros pontos de acampamentos no Vale, Litoral e Planalto catarinense. Hoje esse acampamento ainda é usado por caçadores e em períodos de movimentos (Greve) sobre a demarcação da terra indígena, que no momento ainda está sendo julgada no STF.
<b>Zág Jol</b>	Este era um acampamento usado antes de 1914 também era usado como rota para Taiózinho, Salete, Caçador descendo para Presidente Getúlio e Ibirama, Taió descendo para Rio do Sul.
<b>Plipatól</b>	Acampamento recente que ligava ao acampamento do Kamlém.
<b>Rio Plate</b>	Local de atração, usado por Eduardo seus capangas e pelo grupo de Kaingang que ajudaram no contato em 1914.

Figura 15. Tabela dos lugares de acampamento

O local mais lembrado e falado foi o acampamento próximo ao rio Platê, área onde foi realizado o primeiro contato com um grupo de família Indígenas Kaingang, mais especificamente aqueles vindos do vale do rio Tibagi, trazidos do Paraná pelo funcionário do SPI, Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, conforme descreve Osiel Paté (2020), para ajudar no contato com o povo Laklãnõ, ato conhecido como “pacificação”.

O Grupo Kaingang estava acampado próximo ao rio Platê, afluente do rio Hercílio à espera de uma oportunidade para poder se comunicar com o algum membro do povo Laklãnõ, pois sabiam que ali era a rota (caminho) por onde passavam para ir até Taió, Lages, Caçador e descer para o Rio Grande. Melissa Kórikã Priprá, descendente direta dos Kaingang que foram trazidos por Eduardo para ajudar no contato, minha avó materna, relembra de uma conversa que ela teve com sua mãe:

*Minha mãe conta que eles [os Xokleng] ficavam lá encima do morro olhando pra nós [Kaingang] na beira do rio, as vezes gritavam, [...] o Eduardo e os capanga dele tinham feito muitos pontos para chamar a atenção dos Xokleng [pontos de atração], onde ele sabia que eles passavam tinha lá em Benedito Novo, ali em Indaial, Ibirama era o centro, tinha outro ponto em R. do Sul e Taió. Nós [Kaingang] ficava nesse ponto aqui no Platê [nome do rio] esperando, meu vô Kaugdunh fez Plantação de milho, feijão e batata doce Eduardo disse que isso chamaria a atenção deles, toda tarde meu vô ficava na beira do rio pescando e foi assim que ele fez o primeiro contato com os Xokleng. Minha mãe diz que Eduardo não estava ali, meu vô Kaugdunh mandou chamar ele, porque ele estava em um desses pontos aqui para o lado de Dr Pedrinho, e o vô ficou ali chamando eles [os Xokleng] pedindo para eles saírem e não ter medo [Pausa e choro...]. Minha mãe disse que anos depois meu avô e toda a família que vieram com ele do Paraná se arrependeram por ter ajudado o Eduardo a tirar os Xokleng do mato, porque eles viram o Eduardo maltratando e matando o povo Xokleng. Ele castigava amarrava num pau, surrava quando eles desobedeciam ou fugiam dele. (Melissa K. Priprá, 83 anos, abril de 2014)*

No relato do Ancião Edú ele também menciona a roça feita para atrair os Laklãnõ.

*“[...]Eduardo tinha, fez uma roça ali na barra do Plate e mandou fazer um rancho bem no meio da roça, um barraco. Dela eles vinham pega milho, abobora. [...].*

No relato da anciã Melissa fica claro o sofrimento que o povo Laklãnõ/Xokleng passou nas mãos de Eduardo. Melissa era descendente do povo Kaingang que veio do Paraná para ajudar no contato, ela e seu esposo Olímpio Veitschá Priprá também descendente Kaingang. Melissa conta que anos após o contato, Basilio Lili Priprá, irmão de Olímpio Veitschá, em conversa com sua família decide fazer uma denúncia contra Eduardo, pois eles da família Kaingang queriam dar um basta no sofrimento do povo Laklãnõ/Xokleng. Essa seria a única forma, na visão deles, que teriam para ajudá-los, pois eles se sentiam culpados por terem ajudado no contato ao ver os Laklãnõ sendo dizimados por quem deveria protegê-los. Melissa conta que *“o Veitschá falava que o irmão dele não aceitava o sofrimento que eles estavam passando nas mãos de Eduardo e que ia lá no Rio de Janeiro falar... uuhmm... ia fazer uma denúncia e que assim ele poderia pôr um fim no sofrimento do povo”*.

Os locais descritos na tabela (Figura 15), são locais que ligam um local ao outro, os nomes dados a eles sempre tinham referência de animal, pássaro ou algo natural que todos conhecessem. *Kakupli* era um dos acampamentos principais onde os três grupos se reuniam e enquanto alguns preparavam o local para a festividade, outros iam a procura de alimentos e todos os materiais necessários. Depois das festividades os grupos novamente seguiam viagem um grupo para o norte (*Kókózũ to pláj*), um para o Oeste catarinense descendo para o rio grande (Laklãnõ) e para o Litoral em direção a Serra do Tabuleiro os *Ãggyn* (Figura 16 e 17), Urban (1978) também descreve esse grupo próximo a Serra do Tabuleiro. Santos (1973) aponta a existência de um grupo Laklãnõ no Sul de Santa Catarina nos municípios de S. Joaquim, Orleães e Anitápolis segundo o autor seria um subgrupo (*Ãggyn*).



Figura 16 e 17: grupo que se dirigiram até a Serra do Tabuleiro-SC na esperança de ainda encontrar indígenas que pertencia ao povo Laklãnõ, anos 1970/1980, autor desconhecidos.

A minha experiência como pesquisadora indígena do meu próprio povo, tem ajudado muito para remontar essa história. Sempre voltar/retornar para conversar com os anciões, é parte da reconstrução da história, cultura e tradição do povo. Assim ressalto a importância em registrar os pontos que nossos anciões reconhecem como locais de acampamento, as rotas por onde nossos antepassados caminhavam em busca de alimentos, de materiais para construção de seus adornos e ferramentas para o dia a dia e lugares importantes, como os pontos de encontros para comemorações e festas.

Meu trabalho aqui não se trata de construir uma história indígena hegemônica, uma história única, mas, mostrar/contar através das conversas com os anciões a história do meu povo Laklãnõ. Construir uma nova história e desconstruir as histórias equivocadas que foram escritas a respeito desse povo. Vivo hoje em dois mundos, cidade/aldeia, experiência que tem me ajudado a entender e compreender os passos que devo dar. Estar na cidade é um grande desafio, entender esse pensamento capitalista, individual e cheio de regras tem sido um constante desafio. Na aldeia o que impera é o modo coletivo, a sensibilidade de ouvir o outro e o respeito pelo mais velho (ancião). Saber estar nestes dois mundos é importante para construir nossa história, saber como somos vistos pela sociedade *zug*, como a história foi contada e escrita por eles e adquirir esses conhecimentos e se apoderar dessa ferramenta nos torna capazes de superar e de lutar contra essa máquina genocida, é isso que eu e muitos outros estudantes indígenas estamos fazendo na universidade, ocupando um espaço que é nosso por direito.

### **3.2 Processo de desenvolvimento da pesquisa**

A pesquisa foi desenvolvida e pensada com apoio de muitos dos anciões, sábios e outros membros da comunidade. Recuperei algumas falas que obtive em outros momentos com os anciões enquanto era professora na escola “Vanhecú Patté” na aldeia Bugio, nessas conversas não foram utilizadas perguntas, muitas vezes ficávamos em uma roda de conversa na qual os anciões e sábios contavam várias histórias. Para as conversas atuais preparei algumas perguntas, tais como: Como é seu nome, sua idade e em que aldeia o senhor ou a senhora mora? O senhor ou a senhora tem lembrança de onde eram os antigos acampamentos? Mais ou menos quantas famílias ficavam no Acampamento? Onde eram realizados os rituais ou cerimônias? Como eram confeccionados os utensílios domésticos ou os objetos utilizados no dia a dia? De que

modo era organizado esse acampamento? Havia um local para descarte dos objetos? Qual a importância desses acampamentos para o senhor ou para a senhora?

Essas perguntas compuseram o roteiro para as minhas conversas. Conversei com o ancião Sr. Edú Priprá e assim marcamos um dia para conversar. Quando cheguei na casa dele no dia combinado ele tinha preparado uma linda fogueira e estava a minha espera, mostrei para ele que havia preparado algumas perguntas que seriam importantes para a pesquisa, ele logo me disse “não é assim, vamos conversar eu não vou conseguir assim”. Percebi que com muitas perguntas não seria nada natural e ele não iria conseguir se expressar. Cancelei as perguntas e conversei com ele sobre alguns pontos que seriam legais ele abordar e dessa forma conseguimos realizar nossa conversa. Durante a pesquisa carregava comigo um caderno onde anotava as datas, horários e descrevia um povo das conversas e das aventuras que essa pesquisa de campo me proporcionava, na forma de um “diário de campo”.

Com os outros anciões e sábios segui da mesma forma. Como as aldeias são distantes umas das outras usei de dois a três dias para realizar as conversas. Para chegar até esses locais algumas vezes fui de moto outras vezes de carro. O clima frio e chuvoso fez parte dessa grande aventura. Ao longo da realização da pesquisa e da escrita da dissertação muitos acontecimentos marcaram minha vida e o resultado de minha escrita e conhecimento. Durante o período do mestrado engravidei e tive um lindo menino, logo depois, passei por três procedimentos cirúrgicos que quase me levaram à morte. Durante 6 meses tive que ficar em repouso e muitas conversas e visitas aos locais de acampamentos que já tinham sidas marcadas não foram possíveis de realizar, logo depois veio a pandemia do COVID-19 que assolou nosso país e o mundo, impossibilitando as visitas e por motivo de segurança toda a aldeia foi isolada e barreiras sanitárias foram montadas para garantir a segurança das comunidades. Com todos estes ocorridos, para esta pesquisa optei por focar nas entrevistas que realizei, ao invés da ida aos locais de memória, como inicialmente previsto.

A participação efetiva dos anciões, sábios e lideranças foi essencial, sempre que era possível retornava para a TI para mostrar o andamento da pesquisa e dessa forma todo o processo de construção deste trabalho teve a participação deles. Quando não concordavam com a escrita ou como estava sendo construído o trabalho, sempre me pediam para “arrumar”, reorganizar de uma forma que eles pudessem compreender melhor. Esse voltar para a



comunidade, trabalhar junto na pesquisa é essencial para desenvolver um bom trabalho colaborativo.











Figuras: 18, 19, 20, 21 e 22: O retorno do trabalho para os anciões e sábios e a efetiva participação no desenvolvimento da pesquisa. Fotos do arquivo da autora.

Descrevo aqui um pouco do meu diário de campo.

No dia 29 de maio encontrei o ancião João na cidade de José Boiteux, ele muito simpático como sempre, começou a me contar várias histórias do nosso povo. Esperei ele concluir a fala dele e pedi se eu poderia ir lá na casa dele, para ele contar e eu gravar, na hora ele topou e disse “vou ficar esperando, viu”. Confirmei minha ida até a casa dele.

Dia 03 de junho de 2019, primeiro desafio do dia: enfrentar o clima chuvoso e frio. Segundo desafio: fazer a moto (motocicleta) funcionar; e terceiro: orar para meu cunhado não me derrubar (risos). 15hs sai de casa para conversar com o senhor João Patté na aldeia Kópläg. A estrada com muita lama e muito escorregadia, mas todo sacrifício vale a pena. Chegando na ponte da barragem, o inevitável aconteceu caímos (risos), machuquei o joelho, levantamos a moto, embarcamos e seguimos a viagem.

Chegamos na casa do ancião, ele estava a minha espera, com um copo de café na mão saiu para me atender, ele estava bem feliz e dona Alexandrina também feliz, logo foi perguntando como eu estava, como estavam meus filhos, e disse “você está se cuidando? Comendo bem? Porque você passou por duas cirurgias tem que se cuidar”. Assim que entrei e sentei olhei minha perna, havia muito sangue, fingi que não era nada, mas estava com muita dor. Falei com ele e sua esposa se eu poderia fazer umas perguntas que eu tinha preparado e ele me disse que respondendo perguntas ele não iria conseguir conversar comigo. Concordei em não fazer as perguntas, mas pedi se eles podiam falar dos locais de acampamentos e como se dava os encontros entre as famílias. Seu João pediu para uma de suas netas ir buscar uma determinada erva, ele colocou a erva em cima do machucado e assim começou a narrar como e onde eram os acampamentos.

Muitos netos e bisnetos do seu João e Alexandrina estavam presentes, muitos sentados no chão ansiosos por uma boa história, na roda de conversa café e bolacha caseira aquecia a todos. Descrevo aqui um pouco do meu diário de campo.

No dia 29 de maio encontrei o ancião João na cidade de José Boiteux, ele muito simpático como sempre, começou a me contar várias histórias do nosso povo. Esperei ele concluir a fala dele e pedi se eu poderia ir lá na casa dele, para ele contar e eu gravar, na hora ele topou e disse “vou ficar esperando viu”. confirmei minha ida até a casa dele.

Dia 03 de junho de 2019, primeiro desafio do dia enfrentar o clima chuvoso e frio, segundo desafio fazer a moto (motocicleta) funcionar e terceiro orar para meu cunhado não me derrubar (risos). 15hs sai de casa para um conversar com o senhor João Patté na aldeia Kópläg. A estrada com muita lama e muito escorregadia, mas todo sacrifício vale a pena. Chegando na ponte da barragem, o inevitável aconteceu caímos (risos), machuquei o joelho, levantamos a moto embarcamos e seguimos a viagem.

Chegamos na casa do ancião ele estava a minha espera, com um copo de café na mão saiu para me atender, ele estava bem feliz dona Alexandrina também feliz, logo foi perguntando “como eu estava, como estava meus filhos, e disse você está se cuidando, comendo bem porque você passou por duas cirurgias tem que se cuidar”. Assim que entrei e sentei olhei minha perna havia muito sangue, fingi que não era nada, mas estava com muita dor. Falei com ele e sua esposa se eu poderia fazer umas perguntas que eu tinha preparado, ele me disse, que respondendo perguntas ele não iria conseguir conversar comigo. Concordei em não fazer as perguntas, mas pedi se eles podiam falar dos locais de acampamentos e como se dava os encontros entre as famílias. Seu João pediu para uma de suas netas ir buscar uma determinada erva, ele colocou a erva em cima do machucado e assim começou a narrar como e onde eram os acampamentos.

Muitos netos e bisnetos do seu João e Alexandrina estavam presentes, muitos sentados no chão ansiosos por uma boa história, na roda de conversa café e bolacha caseira aquecia a todos. o silêncio pairava no ar. Saber ouvir é o primeiro aprendizado, quem sabe ouvir sabe o momento certo para falar. Saí da casa dos anciões já era 20hs, não tem como explicar a sensação de estar junto com os anciões ver a alegria no olhar, nos gestos na forma de falar, inexplicável.

Sempre carregava comigo este diário para registrar meu dia em campo.

### **O retorno ao Grupo Velho (Acampamento Velho)**

Em março de 2021, após vários movimentos internos para conscientizar a comunidade para tomar (aceitar) a vacina, recebemos uma notícia muito boa: 98% da comunidade da T.I Laklãnõ estava imunizada. Na aldeia Bugio, aldeia onde eu moro, 100% dos moradores já tinham tomado a vacina contra o Coronavírus, mas todas as precauções e cuidados continuaram. Voltei para a aldeia e como sempre passava na casa de alguns anciões para mostrar como estava o andamento do trabalho, passei na casa de seu João, já que era caminho para minha casa. Ao ver o mapa ele logo pergunta se eu queria ir visitar o acampamento velho, na hora topei e marcamos para o dia seguinte. Estava bem ansiosa pois, eu ainda não tinha ido neste local, sabia só de ouvir falar.

Quando cheguei na casa dele na aldeia Kóplãg, ele já está pronto e tinha convidado seu filho Oséias Paté para nos acompanhar, Oséias também é um amante da nossa história, ele começou a me contar onde tinha encontrado uma ponta de flecha (lítico) e a ponta de flecha de metal que seu pai encontrou há muitos anos. Ele estava bem ansioso e eu também, levei comigo meu filho Júplu, minha irmã Relindes e minha sobrinha Nayeli. Todos estávamos empolgados para ir até aquele local. Como de praxe, não podíamos sair sem tomar um cafezinho feito por dona Alexandrina.

No caminho, muitas histórias, um passado que não se apaga, momentos/lembranças boas e ruins, o choro nos mostra a força do sentimento e nos diz que temos muito ainda a aprender para poder conquistar. Por isso se faz necessário o encontro entre os anciões e jovens e nesse momento as escolas têm desenvolvido um papel de suma importância para esse encontro voltar a acontecer.





Figura 23: Oséias N. Paté segurando uma ponta (lítico) de flecha e o local onde foi encontrado, Aldeia Kóplãg. Arquivo da autora, abril de 2021.



Figura 24: Oséias N. Paté segurando uma ponta (metal) de flecha encontrado próximo ao acampamento Nbá. Arquivo da autora, abril de 2021.





Figura 25 e 26: Descida ao acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021.





Figura 27: João Paté mostrando o local onde encontrou uma panela de barro, próximo ao acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021.





Figura 28: Vista para o acampamento Nbá. Arquivo da autora, abril de 2021







Figura 29, 30 e 31: Acampamento Velho. Arquivo da autora, abril de 2021

### 3.3 ENTREVISTAS: APROFUNDANDO REFLEXÕES

Desenvolver e escrever este trabalho foi um grande desafio, principalmente escrever a história conforme os anciãos gostariam que fosse contada. Utilizei várias conversas que já havia registrado muito antes de começar o mestrado. Conversas com meus *jug kuzó* (avós) maternos pois, cresci acompanhando-os na mata caçando, pescando e colhendo frutos silvestres como o *zág* e o *pãnwó* (pinhão, gabiroya), vi as técnicas usadas para coletar o mel da abelha e de que forma proceder. Para dar sequência ao trabalho desenvolvi um roteiro para as entrevistas, mas este roteiro não apresentei aos anciões pois eles não gostam de seguir um roteiro. É importante ressaltar que atualmente muitos acadêmicos Laklãnõ estão na universidade desenvolvendo trabalhos em colaboração com os nossos anciões e nossa comunidade, são estratégias que tem nos ajudado.

Segundo Cuzugni, acadêmica Laklãnõ,

*“O estudo que aqui apresento foi realizado na Terra Indígena Laklãnõ, no percurso buscamos conversar com os mais velhos da Terra Indígena para registrar as memórias deles” [...] Entretanto o povo Xokleng/Laklãnõ, a marcar especificamente da década da então pacificação (1914), vem se munindo de inúmeras estratégias para recuperar e revitalizar seus modos de vida, ver, viver e conceber-se no mundo, pois, com a pacificação, o intuito do colonizador era de fazer com que o indígena abandonasse sua cultura e integrasse a sociedade local, nacional mas para isso negando quem era, de onde vinha. (Vilma Couvi Patté Cuzugni, 2020. pag 15)*

Os encontros para a conversa sempre foram nas casas dos próprios anciões, local onde eles mesmos escolheram, sempre junto com a família (filhos, noras, genros, netos, bisnetos), lugares onde seus parentes também pudessem ouvir as histórias narradas por ele. Isso para mim foi muito importante porque o ancião não estava passando as informações e conhecimentos só para mim e sim para eles, estavam aproveitando a oportunidade para transmitir aquele conhecimento à família. Para registrar em áudio usei meu próprio celular, carregava comigo uma câmera para poder tirar fotos, mas somente dois anciões permitiram, pois me disseram que se deixassem eu tirar fotos deles estaria tirando a alma deles. Sobre as fotos tiradas com permissão de dois anciões que estavam bem saudáveis, aconteceu de meses depois ambos ficarem doentes e virem à óbito.

Todos os anciões entrevistados são moradores da TI Laklãnõ, mas, moram em aldeias diferentes. Para chegar nessas aldeias obtive ajuda dos meus irmãos que tem carro e que podiam me levar, outras vezes fui de moto com meu cunhado. Os anciões são as referencias para nós jovens dentro da aldeia, muitos deles conviveram com os Laklãnõ mais velhos, que saíram do mato, e hoje como estamos nesse processo de resgate da história, eles são peças fundamentais para montar esse grande quebra cabeça, que é reconstruir nossa história. Sempre tive contato com os anciões e desde o momento que consegui inserir o *mõg*, nossa bebida tradicional, na escola e passar esse conhecimento aos jovens através do ensino me aproximei mais ainda deles e eles de mim. Dessa forma trabalhamos junto nesse processo para reconstruir nosso passado. Conhecer através das histórias narradas os locais de acampamentos antigos e atuais, as rotas de caça e coleta e as rotas que ligavam um lugar ao outro é importante para podermos compreender por que o povo se deslocava até esses locais, conforme descrito na tabela (1) dentro dos limites de 37 mil hectares delimitados nos dias atuais. Através da pesquisa pude entender que para fazer os rituais e cerimoniais tinha um local específico, no caso, o acampamento *Kakupli*, conhecido como acampamento geral ou principal. Local onde os três subgrupos se reencontravam.

### 3.4 Descrição das entrevistas

As entrevistas aqui descritas são com alguns anciões, essas conversas foram realizadas entre o ano de 2012 e 2019. Nos anos anteriores não pude registrar a conversa em áudio ou vídeo, pois alguns anciões não aceitavam, diziam que a foto ou vídeo, roubaria sua alma, e que isso aos poucos os deixava doentes podendo causar até sua morte. Muitos ritos e costumes levamos ao pé da letra para manter nossos anciões e sábios seguros. Em todas as conversas eu os deixava bem à vontade e sempre me mostrei disposta a aprender coisas novas sobre nosso povo.

Apresento aqui as transcrições das entrevistas com os anciões da TI, algumas foram realizadas antes do período do mestrado, pois como mencionado anteriormente, a tempos realizo pesquisas através de conversar e contação de história ainda no período em que trabalhava como professora na aldeia. Vejo que os momentos que passamos com os anciões tem ajudado e incentivado nesse processo de retomada das terras e de nossa história. Através destas entrevistas consegui mapear os locais (Fig. 9)



**Entrevista 1<sup>11</sup>: João Paté 76 anos, morador da aldeia Kóplág.**

Registro: 03 de junho de 2019

Entrevistado por Walderes Coctá Priprá



Figura 32: Arquivo da autora 02 de abril de 2021

**Wal-** Bom, boa tarde estou aqui com o senhor João Paté aqui da Aldeia Plipatol, bom seu João é um ancião que muito tem me ajudado nas minhas pesquisas e mais uma vez aqui estou para conversar com ele sobre os locais de acampamentos antes do contato e depois do contato

**João Paté -** Eles não ficavam num lugar mais que o necessário para não ficar manjado.

**Wal-** Então esses locais que o senhor está falando que eles ficavam uma semana mais ou menos era tipo um acampamento

**João Paté -**É... era um acampamento, acampamento, então na verdade eles não tinham aldeia ali é onde eles param né...

**Wal-** entendi e o senhor lembra assim de alguns locais?

**João Paté -** eu lembro assim os locais onde eles paravam, assim depois da “pacificação”

**Wal-** depois do contato

---

<sup>11</sup> Entrevista 1- Entrevista foi transcrita em sua totalidade, conforme foi sendo falado, sendo editado apenas algumas palavras, como repetições de linguagens. Foi mantida na transcrição a linguagem do cotidiano.

**João Paté** - depois do contato que eles iam daqui pra lá, pra serra da Abelha para aqueles lados onde todo mundo sabe né? eles iam buscar o pinhão mais iam pra lá e voltavam pra cá

**Wal-** e antes disso seu pai não dizia nada desses lugares assim...

**João Paté** - não...

**Wal-** ...não falavam de lugares assim

**João Paté** - não, eles tinham assim o lugar onde eles paravam, onde eles diziam vamos parar lá acho que era um ponto de preferência deles né

**João Paté** - vê que eles iam lá no *zág jól*, que eles diziam o *pinheiro torto*

**Wal-** e aonde que fica esse lugar

**João Paté** -fica lá em cima na Serra da Abelha pra lá, então esse lá que eles diziam vamos até lá e lá eles paravam daí ele ficavam uma semana depois vinham de volta, então esses locais assim mais que eles falavam, depois da “pacificação” depois do contato fizeram essas coisas né, mais que eu sei é que eles não tinham aldeia assim fora no mato, não tinha não. Eu até conversei com uma índia lá no Rio Grande lá na Serrinha quando eu fui lá no ano retrasado, daí eles disseram que tem uma índia lá, um índio, um rapaz falou pra mim ele disse eu tenho minha mãe que é Xokleng ele disse, eu sou Xokleng, eu disse mais como? daí ele começou a contar a história, mais a tua mãe é muito velha? ela conversa em português? o rapaz disse: sim ela conversa bem pouco. Mas ela entende? entende respondeu o rapaz. daí ele foi contando a história pra mim. Perguntei: se eu conversar com ela será que ela vai me entender? o rapaz diz: ela vai te entender. Daí fui conversar com ela, ela parava com ele mais em um outro barraco... um puxado que tem na casa dela, fui perguntar pra ela, .... conversando, conversamos, conversamos daí perguntei pra ela se ela era Kaingang ela disse não, não, não eu sou botocudo ela disse, eu disse mais como assim? Você não é Kaingang? Ela disse: não. Daí ainda ela disse assim que o Xokleng o botocudo ela disse, botocudo e Kaingang brigava muito, eles foram daqui pra lá... de lá pra cá ela disse o botocudo veio pra cá e fez uma guerra aqui, minha mãe, minha avó que conta isso ela disse. Minha mãe.... eles brigaram com um de nós mataram muita gente o Xokleng mataram muitos desses aqui e o Kaingang também matou, eles pegaram uma menina daqui dos Kaingang e levaram daí como eles tinham levado aí pegaram a minha avó a minha avó os botocudos aí eu fiquei me criei junto na casa de um kaingang daí a minha avó casou com um Kaingang, aí a minha mãe e hoje to eu casei com um Kaingang hoje eu to sozinha ela disse, mais eu sou botocudo... eles não tinham parada né, eles iam daqui lá para o Rio Grande voltavam então eles não tinham aldeia assim né, isso que eu sei.

**Wal-** E, e aquele local hoje onde hoje está enterrado o Kujá, o Kamlem, aquele local lá era uma aldeia ou simplesmente ele morreu lá e foi enterrado ele lá

**João Paté-** Não ele morreu lá, ele morreu lá, o índio, os índios antigos... né, até as vezes da vontade sair assim e de morrer la pra longe assim

**Wal-** essa é a tua vontade?

**João Paté-** é, eles quando ficavam doentes, se lembra la do Vãjegy lá, o Vajeky Patté

**Wal-** O Vãjegy Patté

**João Paté-** Se lembra que ele saiu lá pra longe pra morrer, morrer pra lá né?

**Wal-** sim, sim lá no Platê... no Tatete

**João Paté-** no Tatete

**Wal-** no Tatete é

**João Paté-** Porque, então assim eles eram, os índios antigos

**João Paté-** quando sentiam que estavam doentes, doentes eles pegavam e se retiravam de todos pra morrer assim longe, eles não morriam no acampamento deles não, morriam longe

**João Paté-** aí esse Kamlem que eles falam ele foi pra lá, saiu dali do meio deles aqui e ficou pra lá, ficou, ficou e morreu pra lá (**acampamento do Kamlem**), aí tem esse outro o **acampamento do Ndili**, que eles falam Ndili né, Ndili Patté que é meu tio, morreu aqui na divisa de Vitor Meireles, que passa aqui onde passa a divisa, ele também morreu pra lá

**Wal-** E ele foi enterrado por ali ou foi trazido aqui pra dentro

**João Paté-** Aí eu não sei se eles trouxeram ele, eu sei que ele morreu lá

**Wal-** não eu pergunto lá do Kamlem porque alguns me diziam que lá era o local onde meio que se acampavam assim quando eles iam

**João Paté-** É, é um local onde eles se acampavam sabe pra tirar pinhão lugar antigo lá, se acampavam lá, então lá não era moradia

**Wal-** era só pra se acampar

**João Paté-** sim, só pra acampar mesmo

**Wal-** e aquele local lá, esse local onde ele está enterrado hoje, é... se fosse pra fazer um trabalho de escavação o senhor concordaria em fazer lá?...

**João Paté-** “pensativo”

**Wal-** não no sepultamento, mais sim ao entorno da sepultura dele

**João Paté-** É.... Acho que acharia alguma coisa lá sim... é mas daí eu pergunto assim se...acontecer de achar alguma coisa dos índios lá, pra onde é que vai?

**Wal-** Então é esse o trabalho que eu gostaria de fazer com vocês, é isso mesmo, porque assim o que esta dentro da TI não pode ser retirado para fora né, como eu estou sendo a pioneira em fazer esse trabalho, como indígena é claro que terei outros companheiros que ajudarão se porventura isso vier acontecer, mas estou ciente de que este material não pode sair daqui da TI porque ele é nosso, ele é um patrimônio da nossa comunidade né, então isso que eu queria ver com o senhor se porventura..., talvez não seja eu que irá fazer isso talvez seja outra pessoa que venha pedir pra fazer um escavação lá e a comunidade autorizar se os caciques autorizassem, é... o que que o senhor acha? se fosse encontrado lá vestígios indígenas lá

**João Paté-** Eu sempre fui assim óhhh, igual você falou o que é nosso é nosso, por exemplo se achar uma pedra daquela, uma ponta de flecha, uma panela ou qualquer coisa acho que deve ficar aqui com a comunidade, vai ficar como o que? Como uma lembrança né, ou as vezes, vamos dizer assim... que... meu pai, mas que é de alguém que é do povo Xokleng

**João Paté-** Vamos dizer que era o meu pai, onde ele acampava claro que lá onde eles acampavam eles faziam as panelas deles de barro talvez quebrou uma talvez alguém perdeu uma flecha, que nem meu Ndilli tem uma ponta de flecha assim (mostra o tamanho com as mãos), que eu achei ele não dá por dinheiro nenhum ele tem guardado assim óhh, uma ponta de uma flecha inteira só que com o tempo lá no **grupo velho** ali no lugar onde eles paravam, os índios antigos

**Wal-** Onde fica já ouvi falar bastante desse grupo velho? Onde fica exatamente eu nunca fui lá.

**João Paté-** Quer ir lá?

**Wal-** Opa vou sim

**João Paté-** eu te levo... não é ali onde eles dizem que é... lá em cima um acampamento antigo, antes do Eduardo chegar, **Nbá** esse é o nome

**Wal-** Beleza

**João Paté-** Daí queimou por ali tudo sabe, por ali era capim tacaram fogo, daí eu fui lá, eu disse eu quero olhar talvez tem alguma coisa por aqui, uma flecha... alguma coisa deve de ter por aqui porque os índios paravam por aqui, era ali no Platê essa ali era o local onde eles paravam, fui andando... encontrei uma flecha inteira não era a ponta, uma flecha inteira, não sei se ela ficou fincaram lá, ou atiraram e fincou ali ou depois com o tempo sei lá mais é que ela estava fincada. Daí veio um pesquisador não me lembro se era antropólogo quem era, eu esqueço... não marquei não tenho escrito ou gravado... daí eu esqueço sabe, daí veio muita gente falar comigo. Daí eu mostrei pra ele, faz mais de 20 anos que eu tenho essa flecha é mais uns... é...

não me lembro, o Ndilli sabe. Daí mostrei pra ele, ele disse óhhh dá pra mim. Eu disse não e ele então ele ficou insistindo e eu disse que não, ele disse vende pra mim, eu disse não, não vou vender. Ele disse olha sabe porque que eu quero eu queria saber fazer um... mandar fazer uma análise pra saber quantos anos tem esse aqui. Eu disse pra ele, eu acredito, eu acredito que essa flecha foi do tempo do encontro dos índios que encontraram o velho Eduardo aqui, eu acredito que é; ele disse deixa eu levar; eu disse não, eu não vou deixar você não vai trazer mais eu não sei onde você mora, eu não te conheço...; ele disse eu vou fazer assim contigo óohh; você segura essa flecha na mão e eu vou tirar uma foto de ti, tu pega meu nome certinho vou dar pra você o número do cpf tudo certinho meu nome se eu não trouxer você pode me processar... aonde eu estiver; daí... olha eu não vou fazer isso; ele disse eu trago vou lá só pra fazer isso eu trago de volta; daí eu fiz, com a flecha na mão tirei uma foto, acaba de tempo... dois meses ele trouxe; ele disse faz um cálculo de 125 anos...

**Wal-** Bem mais antigo

**João Paté-** Ééé, e já faz tempo que eu não sei quantos anos, o Ndilli sabe quantos anos já tem na mão aí

**Wal-** [risada] imagina bem antiga

**João Paté-** Bem, bem antigo

**Wal-** E o senhor sabe exatamente onde o senhor tirou essa flecha essa ponta de flecha grande?

**João Paté-** É... eu sei onde é, onde foi tirada ela, onde eu achei ela.

**Wal-** O senhor mostraria pra mim?

**João Paté-** [indica que sim]

**Wal-** Marcar um dia eu vou lá com o senhor lá, ou um dia que o senhor esta por aí

**João Paté-** A hora você está por aí eu levo você lá

**Wal-** O senhor está direto em casa?

**João Paté-** [indica que sim] eu estou em casa sempre

**Wal-** Meu pai sempre fala desse grupo velho, mas eu não sei exatamente onde é

**João Paté-** Tem um local ali eu vou falar pra ti agora, um local ali... diz que veio um pessoal, eu não vi, faz uns 4 anos acho... vieram eu não sei da onde, eles foram com o Sidnei eu acho, eu não sei com quem, o Marcondes acho que estava junto

**João Paté-** Lá pra dentro da sede, eles tinham um mapa, que nem você contou naquela época eles não tinham só marcavam por passo légua naquele tempo né, daí por que os índios tenham um local, eles falavam assim óhh, eu sempre escutei mais eu nunca vi falar nunca vi esse lugar



eu só vi eles dizer desse lugar eles diziam **togto lën gé**, onde eles jogaram as panelas lá, eles diziam assim, e esse local que eles viram procurar não sei quantos metro dá dali do Platê onde era a casa do jãngal que ele morava lá antes né, não sei quantos metros dá até essas coisas e eles não acharam aí, eu sei mais ou menos, eu sei eu perguntei... pra quem... ah era pro Vaipõn Patté, ande que os índios se encontraram com o Eduardo

**Wal-** Exatamente onde né?

**João Paté-** Por que eles contam assim que foi ali no Platê, não sei em que lugar ali, fica pro lado de cá ou pro lado de lá, do lado do Platê ou pro lado do rio grande ali, ele disse não o local [pausa alguém chega na casa]... daí... esse local ai ele disse pra mim que é nesse lado onde que eu soube que eles falam **togtõ lën** aonde, porque ele levava , aí se você no Grall ( rio em Presidente Getúlio) você vai ver lá também tem um local lugar lá que eu sei também ele levava essas coisas presentes deixava lá... panela levava comida levava tudo lá pra eles, daí eles vinham ali ele estava amansando eles né e esse aqui ficou lá, ficou lá essas coisas, esse aqui é que eles foram procurar mais não acharam, diz que que eles estiveram lá perto, tu sabe onde é a igreja ali

**Wal-** sim

**João Paté-** Assembleia ali

**João Paté-** é naquela região do lado assim, é pra lá da igreja tem um ribeirão no segundo ribeirão

**Wal-** lá dentro lá

**João Paté-** assim pra lá, quem vai daqui pro lado direito

**João Paté-** aquele ali pra achar que está no ribeirão... um dia desse vou lá pra procurar alguma coisa, se ainda estiver lá está debaixo do mato ou sei lá no meio do cipó, capim não sei, é lá em cima

**Wal-** leva um dia mais ou menos pra ir

**João Paté-** não, não... não leva um dia todo

**Wal-** não...

**João Paté-** ah veja vai procurando

**Wal-** [indica que sim], o Osias falou pra mim que o senhor encontrou uma panela de barro pro lado debaixo onde era a escola ali

**João Paté-** É ali eu peguei uma panela de barro

**Wal-** Ele disse que só faltou um pedacinho dela

**João Paté-** e tá lá em cima na escola lá

**Wal-** Ele mostrou pra mim, mais da outra vez agora não vi

**João Paté-** Tá lá, ele levou emprestado e não trouxe mais, eu não ia dá pra ele

**Wal-** Mas eu disse bem que ele faz, não pode deixar assim isso é relíquia, mas o senhor também sabe onde o senhor pegou essa panela, essa panela de barro?

**João Paté-** ahh eu peguei alí na... alí na igreja deles sabe onde é agora ali? Na igreja do padre onde eles congregam ali (na Sede)

**Wal-** Sim, sim

**João Paté-** Pois é por ali

**Wal-** Ah não foi lá na escola, lá dentro

**João Paté-** Não, não

**Wal-** [indica que sim] na Igreja do padre ali

**João Paté-** É, é ali, então... essas coisas devem ter por aí

**João Paté-** deve ter alguma coisa

**Wal-** E o senhor me levaria lá pra eu ver onde o senhor pegou essas coisas, onde o senhor pegou essa panela onde o senhor pegou aquela ponta... aquela flecha, o senhor me levaria eu lá pra ver

**João Paté-** levaria

**Wal-** Olha eu vou arrumar um carro daí né, porque agora estou de moto, mas eu vou vir aí pra nos ir ver...

**João Paté-** Agora não sei se está limpo lá né, aquele dia peguei lá estava limpo agora tem um monte de capim

**Wal-** Ah eu chamo um dos meus irmãos pra ir junto pra ir roçando, mas eu me interesso assim sabe, vou... pra marcar esses locais né, que nem esse local onde o senhor esta falando que achou a panela de barro será que era um local de acampamento deles, porque eles faziam esses objetos e eles deixavam no local né

**João Paté-** Eu acho assim que essa panela é... porque ali... quando eles fizeram... o Eduardo... quando eles fizeram o encontro eles paravam tudo por ali era acampamento deles ali, ali na beira do rio ali, lá debaixo da estrada lá era o acampamento, lá era bom fazer essa escavação, lá onde eles paravam, lá embaixo

**João Paté-** eles paravam lá, é só pra nós ir lá pra mostrar pra ti, onde é que eles paravam onde era o encontro deles, que eles ficaram por ali quando saíram dali quando vieram do mato e

ficaram ali, ali era bom fazer a escavação... lá eles tinham uma olaria né eles faziam tijolo então ali era o local deles

**João Paté-** Acampamento deles, eles paravam ali do outro lado do rio Platê, do outro lado a casa do Eduardo aqui na casa do outro lado esse ali é local deles

**Wal-** [indica que sim] ... e se por ventura então se a gente escavasse ali e encontrasse alguma coisa

**João Paté-** Eu acho que ali encontra

**Wal-** É... mas o senhor sendo um ancião da nossa comunidade o senhor deixaria esses objetos saírem daqui de dentro da terra indígena?

**João Paté-** Não, não eu não deixaria, eu não concordo... porque se é pra tirar e levar, pra nós não adianta, tu sabe muito bem pra nós não adianta... pra ti ver... uma coisa dessa é levado para Floripa né? Por exemplo leva pra lá daí... tem tantos professores índios aqui pra dizer, assim não, nós temos, tiramos lá e tá ali, vamos lá ver, vou mostrar pra vocês, agora como vou levar um guri daqui lá pra Floripa pra mostrar pra ele?

**Wal-** É, mas assim pra isso eu acho que a gente deveria de lutar por um lugar pra colocar essas coisas né

**João Paté-** Aí é que tinha que fazer um projeto né pra fazer isso aqui e guardar

**Wal-** Tipo um museu nosso aqui

**João Paté-** Um museu nosso...

**Wal-** Um museu do povo Laklãnõ

**João Paté-** Um museu nosso, por exemplo que nem essa panela aqui eu pegava e colocava lá dentro e outras coisas que quem quisesse colocar lá, eles tem essas coisas guardado em casa, é que nem tem ali óh, é quem nem tem ali o Ndilli não dá por dinheiro nenhum então quem sabe ali vão guardar lá pra um dia eu mostrar pro meu filho ou neto meu

**Wal-** Eu já achei pontas de flechas eu não cheguei a achar a flecha, eu posso ver?

**João Paté-** Eu não sei onde ele colocou

**Wal-** Ah... e ele não está aí?

**João Paté-** Não, não ele não está. Mais esse... esse não é pedra não, esse é um ferro é daquele ferro... que os ferros de hoje você pega ele entorta assim é molinho, eu peguei, ele gastou pelo tempo, mais não dobra ele

**Wal-** [indica que sim], o meu Pai velho (avô), tinha uma dessa, o mano naco está com ela, ele também não dá pra ninguém

**João Paté-** Ele não dobra, ela não quebra, ele não dá pra ninguém

**Wal-** também é feito de lata mesmo “ferro”

**João Paté-** É não sei se aquilo é aço ou ferro...

**Wal-** É tipo... não é lata que a lata dobra

**João Paté-** Antigamente o ferro não era igual o de hoje né

**João Paté-** Por que, que nem eu estou falando pra ti desse local ali onde era o acampamento deles quando eles vieram do mato, eu acredito que ali deve de ter muita coisa... muita coisa

**João Paté-** Por que quando eles vieram do mato eles tinham aqueles colares deles de... que eles matavam aqueles cavalos pra tirar dente e osso, não era deles essas baguinhas aí então, quem sabe pode achar um desses ou um pedaço de panela

**Wal-** É... Muitos povos indígenas que já não tinham... não sabiam mais da própria história, a arqueologia ajudou eles a contar a história, então através do trabalho da arqueologia eles começaram a reproduzir o passado no presente, através das histórias que a arqueologia trazia então... a arqueologia beneficiou eles pra isso, eles encontravam essas matérias como pote de barro ou mesmo outros artefatos deles né, então a arqueologia se incumbiu no caso de fazer as análises e dizer do que era feito e daí como era feito, daí levava para o povo e o povo passava a reproduzir, então pra isso a arqueologia ajudou eles a contar a história do passado pra eles viver no presente

**João Paté-** Demorou tempo?

**Wal-** Sim, demorou bastante tempo né... um pouco assim a nossa história... é claro que hoje tem vocês para contar um pouco da nossa história do passado né, mais muitas coisas vocês não sabem nos contar, que nem essas casas subterrâneas que todos os pesquisadores arqueólogos, antropólogos e historiadores que estão estudando eles estão dizendo que essas casas subterrâneas são do povo jê do sul, o povo jê sul são os Kaingang e os Laklãnõ então por isso que eu pergunto será que é do povo Laklãnõ, será que ai no passado seus avós seu pai, eles não falaram desses tipos de casas desse tipo de acampamento

**João Paté-** isso eu não sei, nunca ouvi falar

**Wal-** Seu João estou gravando áudio do senhor, posso fazer vídeo para ter a imagem dessa nossa conversa?

**João Paté-** Pode, pode sim

**Wal-** Bom, vou fazer um vídeo do senhor para concluir a nossa conversa

**João Paté-** ta bom, enquanto isso vou pedir um café pra nós...

**Wal-** Ok..., bom seu João vou começar a gravar um vídeo, ate agora eu estava gravando áudio daí o senhor não estava aparecendo, eu só estava gravando sua voz... gravando então... bom estou aqui com o senhor João Paté aqui da aldeia kóplág, já conversamos sobre o projeto de mestrado que estou desenvolvendo na UFSC, já conversamos bastante gravei áudio e neste momento estou fazendo um vídeo para ficar registrado a imagem desse senhor que é um ancião muito importante aqui dentro da terra indígena, vamos continuar falando sobre os locais de acampamentos, aldeias antiga e que estão assim mais vivos na memória dele.

**João Paté-** Então... meu nome é João Paté tenho 76 anos, bom pode me perguntar ou vou continuar como estávamos antes

**Wal-** sim fique à vontade, como estamos antes.

**João Paté-** É importante seu trabalho porque nós velhos estamos morrendo, olha o Antônio Caxias já foi né? Tá sobrando só eu quase aí [risada]

**Wal-** Sim, verdade. Nós temos bem poucos anciões, o senhor, o seu Edú, inclusive a semana passada conversei com seu Edú ele estava bem doente, bem debilitado.

**João Paté-** Sim, nesses dias eu também estava bem doente, subiu minha pressão, fui parar no hospital, ví a viola em caco aí [risada]

**Wal-** [risada] bom, mas a gente vai fazendo a parte da gente, né? De fazer essas pesquisas com vocês, porque hoje os *zũg* tem as bibliotecas deles lá, né? E nós temos vocês, vocês são as nossas bibliotecas daqui, então eu considero muito isso, por isso eu procuro sempre os anciões para conversar, lá na aldeia bugio eu converso bastante com a dona Coctá, com seu Ivo, com a dona Kundin, são os anciões que eu mais converso assim, né? O senhor quando eu encontro, mas eu sei o quanto é importante a gente estar sempre dialogando sobre a nossa cultura, né? E até pra mim mesmo ter esses conhecimentos, que nem o senhor falou daqui uns dias vocês se vão também, né?

**João Paté-** É...

**Wal-** E daí esse conhecimento vai junto, então estou pra saber um pouco do senhor, assim, se o senhor tem lembranças de locais, o senhor falou ali pra mim do acampamento velho, gostaria que o senhor falasse um pouco mais disso se possível, o seu filho Osias, que hoje é professor lá na escola Vanhecú Patté, ele tem me falado que o senhor tem encontrado uma panela de barro ali perto desse acampamento velho (grupo velho), e daí ainda pouco o senhor disse que também encontrou uma flecha, aí vai me atijando mais para saber um pouco mais desses locais que são locais de memória de vocês.

**João Paté-** É que eu digo assim, que é bom nós não esquecer, né, e ter arquivado essas coisas nossas, né, que é do Povo Xokleng, porque como acabei de dizer daqui a pouco não tem mais ninguém para contar, daí nós não temos nada escrito e nada, nada então eu acho que é bom essa pesquisa que você faz pra ver mesmo onde o índio acampou mesmo, até mesmo com uma escavação, mais eu digo uma coisa que não deveria que não deve, assim pegar o que patrimônio nosso e tirar fora daqui

**João Paté-** Né, porque tem que ter um local aqui dentro, nosso... pra guardar, coisa de memória nossa que daqui um tempo meus filhos passam a se interessar e ver para contar para um, para uns para os outros, assim... tá aqui ... tá aqui as coisas de nossos antepassados, e se tirar daqui nós nunca mais vamos ver então eu acho que é muito bom fazer, mas deixar aqui, fazer um projeto e fazer aqui um local para guardar, uma casa ou uma outra coisa seria bom.

**João Paté-** Né, é o que eu posso dizer desse lado aí, né. Agora o que eu posso contar quanto ao acampamento é que acampamento fixo só aconteceu depois do encontro do índio com o branco, mais lá atrás eles não tinham um lugar assim pra dizer aqui é o acampamento deles, por que assim, senão o branco tinha acabado com eles num tiro só

**João Paté-** Então eles tinham uma acampamento aqui, outro ali, outro lá, porque eles sempre se encontravam com os Kaingang, os Kaingang junto com eles, então pra você ver, hoje nós temos índios em Jacinto Machado, tem aqui em Floripa, tem também onde desceu outros índios lá, porque eles não paravam num mesmo lugar, os únicos que pararam num lugar foram esses aqui, que fizeram o contato com os Kaingang e o Eduardo, então eu acho assim que deveria fazer essa pesquisa e ver se tira alguma coisa dali, né, mas pra achar alguma coisa só numa escavação mesmo se não, não acha nada. Eu achei essa flecha por que o local onde eles andavam, eu acreditei que deveria ter alguma coisa, então eu procurei, na época tinham queimado por ali, ali tinha capim, daí eu achei essa flecha, mas como já falei, mais de 20 ou 30 anos e essa panela de barro também lá nesse local, então eu acredito que tem alguma coisa por lá mesmo

**João Paté-** Então acho que bom mesmo, eu sou a favor de fazer a escavação, mas deixar isso aqui

**Wal-**Dentro da comunidade

**João Paté-** Dentro da comunidade

**Wal-** [indica que sim], então essa panela de barro que o senhor encontrou, o senhor disse que teve um pesquisador que já fez uma análise

**João Paté-** A flecha

**Wal-** A flecha... que já fez uma análise da flecha

**João Paté-** Isso...

**Wal-** que falou que bem provável que já existia há mais de 120 anos

**João Paté-** Isso... mais de 125 anos

**Wal-** 125 anos... e o senhor já a tem há mais de 30 anos, então essa flecha tem história pra contar

**João Paté-** É tem história, é por isso que eu digo que lá tem, lá tem neste local

**João Paté-** por que o único acampamento que eu sei quando eles tiveram encontro com os Kaingang e o Eduardo é por ali mesmo, onde eu achei essa flecha e a panela

**Wal-** [indica que sim], e o senhor toparia ir comigo nesses locais

**João Paté-** Sim...

**Wal-**Podemos ir

**João Paté-** Sim... vamos lá, marcar um dia e nós vamos lá

**Wal-** Então está bem, vou ver um dia certinho aí a gente vai lá eu estou bem ansiosa. Quando o Osias me falou do local onde o senhor tinha encontrado a panela, meu eu já fiquei instigada pra ir, só que daí a gente não tem condições, né, eu moro na aldeia Bugio pra vir pra aldeia Sede é muito longe e eu trabalhava na escola, né, naquela época

**João Paté-** Aquela panela estava bem... ela estava bem inteirinha sabe

**João Paté-** Mais daí lá em casa, eu morava lá em cima lá era muita gente sabe, e a família é mais de 100 pessoas

**Wal-** [risada]

**João Paté-** Daí tinha dia que eles iam todos lá, daí as crianças derrubaram decerto

**João Paté-** Daí quebrou um lado, mas acho que dá...

**Wal-** arrumar ela

**João Paté-** ainda pra arrumar ela

**Wal-** é se fosse pra fazer essas panelas de barro, o senhor sabe fazer elas

**João Paté-** Eu... eu posso tentar porque eu já vi fazer né

**Wal-**o senhor nunca pós a mão pra fazer

**João Paté-** Eu nunca pus a mão pra fazer, mas eu já vi, eu até explico pra eles que assim as panelas de barro que as panelas que eles faziam até... eu vou falar um negócio aqui óhhh, é... levava tempo eles pegavam e vinham fazendo devagar na sombra, quando ela rachava eles iam

lá passavam... eles pegavam uma pedra bem... dessa pedra ferro bem lisinha e com aquele eles iam alisando a panela, não sei quanto tempo, mas quando ele estava bem sequinho eles tinham que pegar uma lenha, madeira seca que não estoura que não faz aquela... uma lenha que não estoura por que se não a panela parte, então era um segredo muito sério. Daí quem queimava era só homem, mulher não podia queimar

**João Paté-** Daí ele ficava lá longe para não ter barulho, criança não podia falar e a mulher se ela chegasse perto ela não podia ficar de frente tinha que ficar de lado

**Wal-** Porque?

**João Paté-** há isso é segredo não posso falar agora... a mulher não podia ficar de frente tinha que ficar de lado

**Wal-** [indica que sim] interessante

**João Paté-** Ela tem que ficar vermelhinha, não é só esquentar não

**João Paté-** ela tem que colocar a brasa dentro, dentro da panela ao redor e deixar ela queimar ficar vermelho igual um ferro no fogo

**João Paté-** Daí ela fica forte, poderia jogar água dentro era assim que eles faziam, então se nós quisermos fazer a gente faz, eu já assisti tudo, a minha mãe fazia com a companhia do meu pai, eu nunca fiz, mas eu como é que faz

**Wal-** Todo o processo o senhor sabe

**João Paté-** é, eu sei, nunca fiz, mas sei como fazer, posso fazer

**Wal-** sim, sim, então esse aí pode ser um outro projeto aí

**João Paté-** então ohhh

**Wal-** vamos pensando aí né

**João Paté-** eu até as vezes fico olhando assim e pensando, olha eu era uma menino que gostava de saber, procurar saber das coisas assim, daí até quando eles queimavam eu ia lá perto, daí eles diziam fica lá, nem falavam muito comigo, mas eu ia só pra ver o que eles estavam fazendo, daí olhava de longe não podia bater o pé nada, porque se bater o pé arreventa a panela, então tem que ser bem quieto, e daí depois ela explicava pra mim, daí eu perguntava porque que não pode ser qualquer lenha, daí eles diziam que a lenha... por exemplo tem a tajuva ela é uma madeira, uma lenha que estoura, então se colocar ela... ela estoura a panela tem que ser uma madeira que não estoura, a madeira também é um segredo que eles tem. Então eles tinham um conhecimento muito grande das coisas.



**Wal-** [indica que sim] verdade, é muito interessante saber sobre esses conhecimentos do nosso povo... e lá em Bom Sucesso tem um lugar que eles falam que também é um lugar de acampamento, fica lá perto daquela igreja bem na divisa de Bom Sucesso e Itaiópolis

**João Paté-** Lá no Paraguaçu

**Wal-** Isso, muitos dizem que lá é uma aldeia antiga, já ouvi muitos anciãos falarem

**João Paté-** Não, ali não era uma aldeia, pois eles não tinham aldeia, era um acampamento

**Wal-** não era uma aldeia e sim um acampamento, tipo um local onde eles marcavam para se encontrar, para marcar a localização deles, porque eles tinham uma marca para mostrar o local onde eles estavam ou era um local para fazer alguma festa?

**João Paté-** Sim eles tinham uma marca

**Wal-** Ouvi muitos dizerem que lá era deixada uma marca para mostrar onde o grupo estava e quanto tempo iriam demorar para voltar

**João Paté-** Isso, era um local onde eles passavam a noite para descansar o grupo e depois seguir. Também tem um outro local ali perto onde os brancos tinham para encontrar com os índios agora não recordo o nome, mas eu falei pro Osias, pro meu Osiél falei pro Namblá que eu gostaria de ir lá nessa igreja eles chamam de *aldeia do Araçá* mas ninguém me disse nada. Tem também lá para as bandas de Itaiópolis uma igreja onde um padre veio batizar alguns índios, também falei pra eles me levarem lá pra ver se eu encontro alguma foto ou alguma coisa dos nossos índios, mas ninguém me falou nada, o Namblá até marcou comigo pra setembro do ano passado, mas nem apareceu aqui.

**Wal-** É talvez tenha alguma coisa lá no museu em Itaiópolis vou dar uma olhada pela internet e depois te falo se tem alguma coisa e se tiver podemos ver se a possibilidade de irmos lá ver

**João Paté-** em Itaiópolis talvez tem e em Doutor Pedrinho você sabe se tem alguma coisa?

**Wal-** Olha em Doutor Pedrinho que eu saiba não tem nada. Mas bom seu João foi muito bom conversar com o senhor

**João Paté-** Vem outra hora aí

**Wal-** Está bem e se possível na outra vez que eu vir vamos ver se dá para ir lá no acampamento velho

**João Paté-** Tá bem, daí vem de manhã pra ficar o dia todo lá

**Wal-** Sim, pode deixar, vou me organizar pra isso porque estou bem interessada em ir lá

**João Paté-** Vou esperar, heim?!

**Wal-** Ok, assim que eu puder mando aviso para o senhor, e mais uma vez muito obrigada

A percepção e o olhar na conversa com o ancião, mostra a preocupação em narrar fatos que marcaram a história do povo Laklãnõ. Os detalhes do espaço e dos objetos nos levam a perceber o significado ali existentes. Quando ele diz, que a panela de barro para chegar no processo final, tinha que seguir todo um ritual onde a mulher fazia todo o processo “cru” e passava para o homem finalizar, a presença do fogo e o cuidado com o produto era fundamental.

Seu João não tem lembrança de muitos acampamentos antigos, mas lembra do acampamento muito frequentado pelos Laklãnõ depois do contato, *zág jól* (**pinheiro torto**) que fica perto da Serra da Abelha local. Contou como ocorreu a morte do *kujá* Kamlem e o por que ficou conhecido como cemitério do Kamlem (**acampamento do Kamlem**) e do **acampamento do Ndille** e os detalhes foram fundamentais para entender a importância desse local. Falou do grupo velho local, de acampamento bem recente, também falou do **acampamento Nbá**, local onde foi realizada a primeira conversa para assim chegar até ao contato por definitivo. Comentou sobre como gostaria muito de voltar ao **acampamento do Araçá** (**ver fig. 9**), mas que ainda não teve a oportunidade de voltar lá. Disse que segundo as informações que tinha, os acampamentos fixos surgiram logo após o contato e que antes lembra que os anciões mais velhos falavam somente dos acampamentos que eram atacados (período de colonização século XIX) por isso eles não permaneciam por muito tempo nos locais.

A pesquisa aqui desenvolvida com os anciões da TI ajuda e auxilia na preservação das memórias dos anciões Laklãnõ e com certeza irão auxiliar no reconhecimento dos nossos patrimônios materiais e imateriais. A narrativa clara dos locais e dos objetos trazidas pelo sr. João e os demais anciões ajudará na construção de um mapa com mais detalhes sobre o território já demarcado e o que ainda está em homologação.

**Entrevista 2<sup>12</sup>: Edú Priprá 71 anos, morador da aldeia Plipatól.**

Registro: 04 de junho de 2019

Entrevistado por Walderes Coctá Priprá

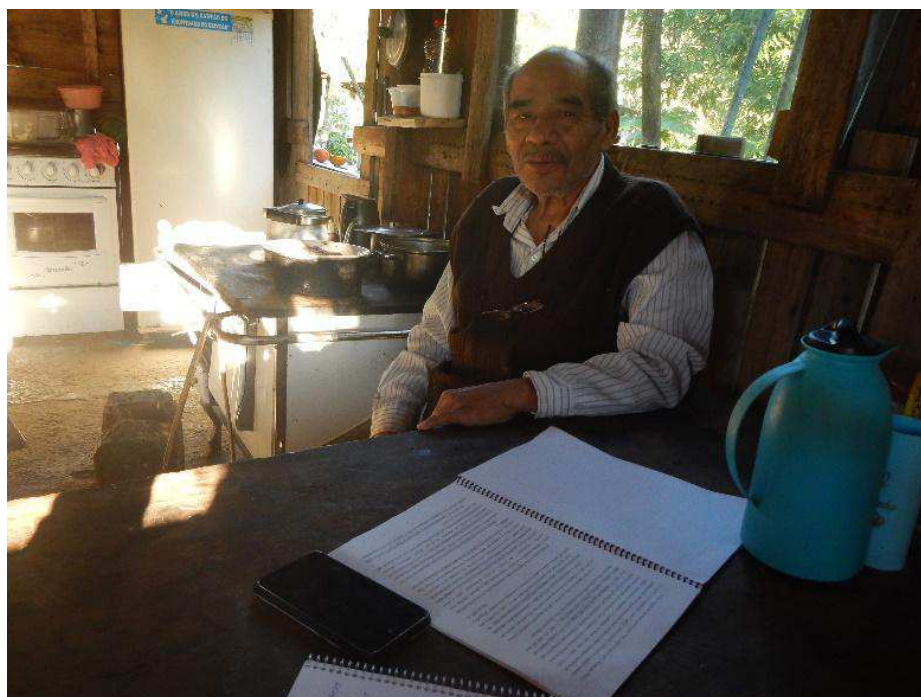


Figura 33: Arquivo da autora 04 de junho de 2019

**Wal** –Estou aqui com o nosso ancião, seu Edú, vim aqui nesse momento apresentar a ele o projeto, projeto do mestrado que eu estou desenvolvendo. E o desenvolvimento desse trabalho vai ser através das entrevistas que eu estou fazendo com os anciões da nossa Terra Indígena. E hoje eu estou aqui para conversar com o senhor Edú, ele vai estar se apresentando e aí a gente vai conversando um pouco, né seu Edú, conforme vai indo o andamento aqui né

**Edú** - Muito bem, meu nome é Edú Priprá, é .... estou com 71 anos. Sou nascido em 48, 22-02-1948. Bom a gente tem um pouco de algum conhecimento, de algumas histórias. Até tive assim querendo... outro dia pensei assim de dividir as histórias, porque existe muitas histórias que ela está misturada, nossa história indígena ela esta misturada, história antes de 1914 e, depois de 1914 até a data de agora eu... eu pensei diferente, então dividir estas histórias. Por que é... nós temos parte, por exemplo, antes de 1914, a gente ouviu de alguém que também

---

<sup>12</sup> Entrevista 2- Entrevista foi transcrita de forma total conforme foi sendo falado, mas editado algumas palavras. Foi mantido a linguagem do cotidiano

ouviu de outro, ouviu de outro as histórias, então a gente não pode dizer é... foi assim, foi esse ou foi aquilo, fulano me disse que foi aquilo né. E depois de 1914 pra cá, é... tem outras histórias, que essas histórias é... teve pessoas que vivenciaram, por exemplo meu avô, o próprio meu pai vivenciou e eu tive a oportunidade de nos finais de 1950 ouvir alguma coisa dessas histórias. Então a gente tem por exemplo, quase uma afirmação de certas coisas que passaram pela vida deste povo, povo Xokleng, que hoje... hoje nós só sabemos... olha nós vimos nossos idosos, que sabia alguma coisa, estão se indo a cada dia, por exemplo hoje foi enterrado uma senhora aqui que é dos nossos anciãos e nós estamos ai nas ultimas estâncias também né, então eu pensei assim dividir essas histórias até 1914, de 1914 a 1950 e de 50 até os dias atuais, então por exemplo de 1950 aos dias atuais eu tenho histórias verídicas que eu... eu...

**Wal** – O senhor mesmo vivenciou

**Edú** - É eu mesmo vivenciei né, então isso eu posso, a gente pensou assim, nós temos histórias que são diferentes uma da outra, então a gente pensa assim, não é história indígena? É sim história indígena, mas ela tem diferença uma da outra, tem diferença daquelas primeiras histórias lá do passado como a do presente, nós temos muitas diferenças. Precisa saber, as vezes até registrar, por causa que daqui um pouco nós vamos também atras dos que já foram né

**Wal** – Isso e daí não tem registro nenhum escrito né

**Edú** – É... daí não tem registro escrito, daí eu pensei desta forma. Então... é... como nós já tivemos um início de... nesse projeto assim de história, como você veio tomar de novo, agora eu te pergunto, é... de que época você quer a história?

**Wal** - Então, no ano passado quando eu conversei com o senhor, o senhor me contou um pouco da história do seu pai , né?

**Edú** – Sim

**Wal** - Do processo ali, do porque ele foi até o Rio de Janeiro levando um documento e o porquê ele foi morto. O senhor me trouxe essa história e até um pouco do que eu já tinha ouvido e um pouco que eu nem sabia, o senhor me relatou naquele dia. Hoje eu trago aqui o meu projeto aqui para o senhor, pra dizer para o senhor que esse projeto

**Edú** – Ele já está iniciado né...

**Wal** – Isso... é o início ainda, mais o meu objetivo é fazer um levantamento dos locais onde os nossos Laklãõ passavam

**Edú** – Sim...

**Wal** – Aonde eles acampavam, se eles tinham ou viviam em aldeias, se o senhor lembra de histórias que foram contadas sobre esses locais no período antes do contato (“pacificação”). Antes do contato se eles tinham um local específico que eles faziam locais de festas, que eles faziam encontros, ou mesmo que eles ficavam, passavam ali por alguns dias se existe isso, por que assim, a gente tem registros do Eble e do Walter Piazza que foram dois historiadores e arqueólogos que vieram aqui na região na década de 1960 e 1970 e eles registraram alguns pontos aqui dentro da Terra Indígena (TI) e ao em torno da TI, que vai pegar José Boiteux, Presidente Getúlio, Ibirama, Vitor Mereles, eles tem alguns pontos que eles chamam de sítios arqueológicos

**Edú** - Sim

**Wal** – Eu estou chamando de pontos de memória do nosso povo

**Edú** - Sim

**Wal** – São pontos que tem a nossa história são memórias do nosso povo

**Edú** - sim

**Wal** – Então eu queria saber se o senhor sabe, se o senhor lembra de alguns desses pontos pra que eu consiga marcar e se o senhor um dia poderia me acompanhar em um desse locais pra gente levar um GPS, e agora eu já estou até contente por que a gente já está com praticamente a nossa questão da demarcação pronta, uma questão praticamente ganha. Então o meu trabalho ele está focando mais esses 37 mil hectares dentro da TI

**Edú** – Dentro da TI, hummm

**Wal** – Isso dentro da TI, esses 37 mil hectares e se o senhor consegue dentro desses limites localizar...

**Edú** – os pontos...

**Wal** - Alguns pontos que são assim... de memória, pontos importantes para nosso povo.

**Edú** – Sim, é... nós temos vários pontos dentro desses 37 mil hectares, é... locais de... acampamentos, por exemplo, lá... em Bom Sucesso, Bom Sucesso ali é um local... *[Pausa demorada]*, ali no Kakupli, que quer dizer araquá branco, é um lugar onde era o acampamento principal dos Laklãnõ, Kakupli lá em Bom Sucesso, então eles [os Laklãnõ] vinham de lá do lado de Taiózinho, lá da serra de Taió, de lá eles vinham para se acampar ali, por que ali, tinha um pinheiral, muito grande o pinheiral, mais, ali eles vinham colher o pinhão e também o Kakupli é um araquá que dava fruta, bastante frutas, aonde eles também caçavam jacutinga, lugar de muita jacutinga. Então ali era o acampamento geral deles. Sim, ali era o acampamento geral

deles e depois daquele, acampamento geral, eles tinham esses outros acampamentos, aqui em cima ali na Sede, na Sede em cima ali assim, tem um outro local que era um acampamento onde dali é que eles tiveram o contato com o Kauduy e a equipe do Eduardo, dali desse acampamento aqui de cima da sede, ali em cima ali, ai desceram lá no Platê e vieram descendo... que o Eduardo tinha... fez uma roça ali na barra do rio Platê, e mandou fazer um rancho bem no meio da roça, um barraco, e ali... dela lá eles vinham ver o milho, abóbora, batata e outras coisas que tinham ali, eles estavam esperando amadurecer, não estava maduro ainda, por que os índios Xokleng não comiam milho verde... lá os mais antigos não comiam milho verde

**Wal** – Eles esperavam amadurecer

**Edú** – Tinha que amadurecer, quando amadurecia, que estava secando as palhas, então eles colhiam e comiam, socavam em um pilão feito de do tronco da madeira ou mastigavam para fazer o *gal pag*, o bolo de milho, então de lá eles estavam cuidando aquela roça e lavoura que tinha 1 alqueire e meio ou 2 não sei, mas era grandinho, era no meio da base para ter visão né, e os Xokleng lá de cima do morro eles viam a roça e vinham ali. E em cima... como era o nome do lugar... [pensativo], *nbá, nbá* em cima era o *nbá, nbá* é o pessegueiro bravo, então debaixo daquele *nbá* era o acampamento, mais o principal era lá no *kakupli* daí que eles vinham por cima ali. Então o Eduardo e seus capangas fizeram as picadas pra fazer os... fez as picadas ali na serra do maestro aquela que atravessou direto e foi ate lá em Bom Sucesso e pra cá tem a outra que ia pela beira... ali na beira ...

**Wal** - do rio

**Edú** – isso... na beira do rio que ia até José Boiteux, de lá eles subiam por lá por cima passavam aqui pela Volta Grande, cruzavam o Vigante e subiam por cima ai passavam no *Zág Pil* era a picada e a outra que descia pra baixo aqui que descia por cima da lomba também acompanhando o rio veado, aí nesse *nbá* onde era o acampamento, então, esta era a rota deles por aqui, então o velho Eduardo fez as picadas e nessas picadas colocava as coisas, cevava os índios, cevava como cevar um animal [*fala triste e choro*], cevava os índios. Eles vinham lá do Taió, lá de Taió, então eles iam dali ... quando eles vinham por lá, eles vinham por cima, passavam em Papanduva vinham descendo passavam em Paraguasul, aí vinham descendo pra cá, Moema e assim desciam até aqui [*margem do rio Hercílio, José Boiteux*]. Esse caminho lá descia, [apontando com a mão para o lado norte, em direção a Doutor Pedrinho] era o trilho que eles desciam para o *Kózy lá, Kózy lá* é Doutor Pedrinho

**Wal** – Ah sim, *Kózy lá*, e tem algum significado *Kózy lá*?

**Edú** – Tem sim, tu vê que quando a gente desce pra Dr. Pedrinho ali naquela reta, olha aquele peral branco, lá sim, aquele é *Kózy lá*.

**Wal** - Ah sim peral branco, não sabia que chamavam assim Dr. Pedrinho

**Edú** - Lá que vai pra Santa Maria, aí subia pelo *Kózy lá* e desciam pra lá [apontando o dedo], lá para o lado de Timbó e íam descendo pra Jaraguá do Sul eles desciam até... é... lá no porto...

**Wal** – Em Itajaí?

**Edú** – Não, não... alí pro lado de Joinville ali tem um porto ali

**Wal** – Ah sim, São Francisco

**Edú** – Isso, São Francisco aquele é o primeiro porto que foi criado aqui em Santa Catarina, São Francisco, dela começou a imigração. Joinville foi a cidade primeira que começou depois saiu Itajaí também, já logo em seguida saiu Itajaí, ai começaram a subir, quando chegaram em Itajaí começaram a subir pelo Alto Vale do Itajaí, vem subindo a colonização e ai foram apertando os índios Xokleng, então isso, aqui dentro, e aí dentro dos 37 mil hectare tem esses pedacinhos ai que eu contei e depois outro lugar que eu tenho aqui também é aqui em cima... [apontando o dedo] na... como que é... aí na...

**Wal** – Serra da Abelha?

**Edú** - Serra da Abelha prá lá onde é o cemitério do Kamlem

**Wal** – Ah! lá no Kamlem, lá

**Edú** – É lá no cemitério do Kamlem, ali era um acampamento deles ali

**Wal** – Ah, ali era um acampamento

**Edú** – É ali era um acampamento deles ali, eles iam ali pra colher pinhão, lá em cima, lá

**Wal** – E uma dúvida, ali onde o Kamlem está enterrado ali, tem outros corpos ou só tem ele o Kamlem?

**Edú** – humm, não...

**Wal** – Uns disseram para mim que ali é um cemitério outros dizem que não

**Edú** – Não... é... ali só foi enterrado ele, só ele está ali

**Wal** – Só ele...

**Edú** – Foi queimado e foi enterrado, só as cinzas dele ali

**Wal** - Ah sim, calma aí, isso é um dado bem importante que eu ainda não tinha, eu pensei...

**Edú** – que era um cemitério...

**Wal** – pelas conversas que eu já tive, que foi enterrado o corpo dele ali

**Edú** – Não, não é a cinza dele que foi enterrado

**Wal** – Somente as cinzas

**Edú** – Somente as cinzas, é onde fizeram a cremação

**Wal** – Ah então ele foi o último Laklãnõ a ser cremado

**Edú** – Cremado foi ele o último

**Wal** – Tradicionalmente foi o último

**Edú** – Tradicionalmente foi só ele, depois que saíram do mato

**Wal** – Olha... e ele faleceu em que ano

**Edú** – hum, hum

**Wal** – o senhor não lembra se alguém já falou sobre isso

**Edú** – Ele é depois do... não lembro bem ao certo, mais acho que foi em 1915, logo depois do contato, depois que eles saíram do mato. É, logo depois, ele não ficou muito tempo não

**Wal** – Eu pensei que ele ficou mais tempo

**Edú** – Não, não... por que de 1915 a 1920 morreram muitos índios

**Wal** – Morreram muitos...

**Edú** – Muitos índios morreram, morreu quase tudo, quase tudo

**Wal** – É por que com alguns anciões que conversei pensaram que este projeto é para escavar e... alguns pediram para que eu faça... uma escavação lá, para tirar o corpo de lá

**Edú** – Ahh sim... não, não

**Wal** – Daí outros dizem não, não é para fazer a escavação...

**Edú** – Não tem corpo lá...

**Wal** - Por que se não você vai tirar o corpo e dai nós vamos perder a terra

**Edú** – Não, não, não tem corpo lá

**Wal** – E agora o senhor me traz um dado que eu não sabia que ele está cremado

**Edú** – Ele foi cremado, os índios Xokleng costumavam...

**Wal** – cremar seus mortos

**Edú** - cremar seus mortos os adultos principalmente, principalmente adultos, as crianças eles enterravam

**Wal** – As crianças eles enterravam por que...

**Edú** – Eles acreditavam que ela poderia nascer novamente

**Wal** - acreditavam que ela poderia nascer de volta

**Edú** - ela poderia nascer de volta



**Wal** – Esse é um dado bem importante que eu já tinha pesquisado já e todos os anciões falam isso, que os mais velhos eram cremados, as crianças e até mesmo alguns jovens eram enterrados por que eles podiam voltar

**Edú** – Sim, podiam voltar de novo, então os que foram enterrados foram depois dele, lá de 1914, os que foram sepultados em terra sem cremar foi... acabou a cremação, eles foram proibidos de fazer esse ritual de cremação e o último foi só o Kamlem

**Wal** – Ah, sim. Então o último foi o Kamlem, então lá o Kamlem está enterrado, no caso só tem o corpo dele, corpo entre aspas, né seu Edú, não tem nenhum outro corpo lá?

**Edú** - Não, não tem, lá era um acampamento deles então

**Wal** - Era só acampamento

**Edú** – É o acampamento dos índios Xokleng

**Wal** – E ele foi enterrado no meio do acampamento?

**Edú** – Não, está retirado uns 30 metros mais ou menos

**Wal** – Uns 30 metros do acampamento

**Edú** – É, é

**Wal** – E o senhor sabe localizar se é à direita ou a esquerda do acampamento

**Edú** – Olha eu não sei... não dizer isso dai

**Wal** – Mais pelas histórias contadas para o senhor, o senhor não lembra se falaram isso

**Edú** – Nas histórias... deixe eu lembrar... [pausa]. Pelas histórias o rio sobe assim [aponta com o dedo], desse lado... é... eu acho que ele fica as direita, não consigo me localizar assim, mais acho que fica à direita do acampamento

**Wal** – À direita do acampamento

**Edú** – Uns 30 metros mais ou menos, é 25 a 30 metros mais ou menos

**Wal** – Hummm, então ali era um acampamento

**Edú** – É um acampamento, onde eles fizeram a cremação dele

**Wal** – E esse acampamento é de bem antes do contato?

**Edú** – É, é de bem antes do contato. Antes do contato eles tinham esse acampamento para colher pinhão ali em cima no planalto... então eles foram daqui lá, eles foram daqui pra ir colher pinhão, lá ele ficou doente e ficou lá

**Wal** – Daí ele morreu...

**Edú** – Ele morreu lá

**Wal** – E lá eles cremaram ele e enterraram as cinzas

**Edú** – Foi lá é...

**Wal** – Ah então se... digamos que eu fosse fazer uma escavação lá não iria encontrar o corpo

**Edú** – Não, não iria achar nada

**Wal** – E as cinzas foram colocadas dentro do que?

**Edú** – Dentro de um cesto.

**Wal** – Ah dentro de um cesto...

**Edú** – as coisas dele foram colocadas tudo dentro do cesto e enterrado

**Wal** – O que exatamente foi posto dentro do cesto?

**Edú** – Ah... é... a panela de barro, as coisas que ele dormia em cima como a esteira que ele fez de taquara, o arco e flecha.

**Wal** – E o senhor já foi nesse sepultamento dele?

**Edú** – Lá no local eu não fui, mas, fui lá perto onde era o acampamento

**Wal** – Onde era o acampamento... é muito longe daqui seu Edú?

**Edú** – É lá em cima, lá na...

**Wal** – eu nunca... na verdade... eu não conheço a Serra da Abelha

**Edú** – Não?!

**Wal** – Não, não conheço, gostaria muito de ir, já me falaram da... desse sepultamento

**Edú** – Eu não tive exatamente no local onde foi enterrado as cinzas dele

**Wal** – Mais o senhor sabe onde é...

**Edú** – É, o local do acampamento eu sei onde é

**Wal** – E o senhor gostaria de retornar lá no acampamento e assim ir lá no local do sepultamento dele?

**Edú** – Olha eu já... já planejamos algumas vezes pra nós ir lá eu falecido Voia, porque ele sabia exatamente onde é e aí me mostrar mais não deu tempo [tristeza no olhar], o Alfredo sabe também

**Wal** – Sim...

**Edú** – Então o Alfredo sabe... sabia agora ele esta doente, falando coisa com coisa

**Wal** – Pois é... ele também está bem doente

**Edú** – E o falecido Voia se foi, e ele queria mostrar...

**Wal** – Então se tivesse uma oportunidade o senhor gostaria de ir lá

**Edú** – faz bastante tempo que eu quis ir lá, mas, é como diz, agora como que né, Veitscházinho também sabia mais agora também foi, não tem ninguém mais que sabe exatamente o local, acho que o único que sabe é o Alfredo, mais agora ele não pode mais ir lá mostrar

**Wal** – O Kambetchuin disse que sabe onde é

**Edú** – ele sabe assim como eu o local, eles foram até lá, mas não chegaram no local onde o Kamlem está

**Wal** – E não tem nada assim... um marco que mostre o local?

**Edú** – Que eu saiba não, se alguém dissesse tem um pau, madeira lá seria mais fácil, mas eles falam que fica próximo ao rio como eu já te falei

**Wal** – Assim... vamos supor, porque assim com alguns anciões que eu conversei, eu perguntei se por ventura eu fizesse um projeto para escavar, eu perguntei se eu poderia fazer uma escavação lá nesse local, é claro que isso é só uma suposição,

**Edú** – sim...

**Wal** – Pergunto para o senhor se o senhor concordaria de fazer uma escavação lá

**Edú** – Não, lá na localidade?

**Wal** – Isso, lá onde está enterrado o nosso *Kujá*. Hoje conforme nossa conversa, sei que não vou encontrar os restos mortais dele porque ele foi cremado

**Edú** – É ele foi queimado...

**Wal** – Mas, como o senhor está falando e outras pessoas já me disseram que era um acampamento

**Edú** – É um acampamento...

**Wal** – Acampamento antigo, então a gente pode encontrar alguns vestígios lá

**Edú** – Sim... Olha eu vou dizer pra você... não sei... eu da minha parte eu acho que não é viável

**Wal** – Não é viável! Por que o senhor acha assim?

**Edú** – Por que primeiro é... nós não temos hoje uma pessoa que conheceu o sepultamento bem certinho, eu só sei o que foi me passado

**Wal** – Hãhã, eu digo não para fazer a escavação para encontrar o vestígio do corpo...

**Edú** – Não, mais...

**Wal** – Só para ver o local como sendo um acampamento antigo

**Edú** – Não, lá é um acampamento antigo isso eu digo sem sombras de dúvidas, você diz só para verificar né, acho que uma escavação não é viável, agora ir lá e fazer um levantamento, daí sim

é viável. Olhar bem porque, acampamento pode passar 100 anos, mas você chega, quem conhece o que é acampamento

**Wal** – Sim, sim é a arqueologia é uma ciência que estuda isso

**Edú** – Sim, que estuda essa parte, então quem vai estudar vai dizer aqui olha aqui foi feito alguma coisa, foi um acampamento...

**Wal** – é isso, o projeto seria assim pra descobrir, não que eu esteja duvidando dos anciões, mas através do trabalho mostrar que realmente era um território do povo Laklãnõ

**Edú** – Então aí, eu acho que pra descobrir essas coisas, daí sim seria bom, seria viável

**Wal** – É que alguns dos anciões pedem para que eu faça a escavação, outros não querem por considerarem um lugar sagrado

**Edú** – É... não, porque falar de cemitério é uma coisa sagrada e isso não pode ser mexido

**Wal** – Muitos falaram que se houver uma escavação lá onde esta o Kamlem, vão retirar o corpo e podemos perder a terra, então eles falam mais na questão de perder a terra, que está em homologação

**Edú** – Agora já não perde mais [risos]

**Wal** – Sim, sim essa é uma questão que já é uma questão ganha

**Edú** – essa questão já está vencida

**Wal** – E... mais daí, conversando com outros eles dizem que se escavar e encontrar uma panela de barro por exemplo...

**Edú** – Qualquer coisa que tiver ali, que era do nosso povo...

**Wal** – Seu João Paté, disse que ele até aceitaria que fizessem a escavação mas se encontrar uma flecha, uma panela de barro ele disse assim que eu iria fazer igual os branco, que levaria pra fora pra ser estudada...

**Edú** – Lá pro museu...

**Wal** – Isso que ele disse, e daí depois quando, apontou nos netos dele que estavam assim “meus netos quiserem ver vão ter que ir lá”

**Edú** – muitas vezes pagar para ver né

**Wal** – É assim que ele disse, “pagar pra ver”, então ele disse isso eu ele não aceita. Ele disse “eu quero que sim que conte a história do nosso povo, o que tu está fazendo é bom, só que assim que se as coisa que por ventura você encontrar que fique aqui dentro da nossa terra indígena”

**Edú** – Bom é que, não precisa exatamente aqui dentro, mais que esteja em um local próximo a área indígena ou aqui dentro mesmo, criar um local pra ... é...

**Wal** – Pra guardar...

**Edú** – É pra guardar por que isso é a nossa história

**Wal** – Sim pra salvaguardar esses objetos

**Edú** – É... que sejam guardados não que igual aquele ali que veio aqui pegou e estuporou tudo lá óhh, estais vendo

**Wal** – Sim...

**Edú** – Eu quando fui lá eu chorei, lá no grupo velho lá... eu chorei porque eu conheci aquele lá tudo e ele pegou pra cuidar aquele lá, viu... hoje nós podíamos ter um centro de... centro histórico lá, eu chorei. Eu fui com eles lá... fui com essa piazada que queriam ir lá daí fui, aí eu disse óh eu vou junto com vocês mas eu vou... eu vou desmascarar alguém que tem família e a família estão aí, porque eu conheci aquele lá, hoje vocês vão ver que vai esta tudo virado em uma sujeira, não é mais aquilo que era.

**Wal** – Eu já fui até lá no começo, mas eu não conheço bem os locais que pertence ao grupo velho, Seu João também falou do grupo velho pra mim

**Edú** – Mostrei pra eles olha aqui [choro], chorei quando mostrei pra eles, estão vendo aí está aqui não deviam ter feito isso não, isso deveria estar aqui sem mexer, deixar aqui, isso aqui é pedra... isso nunca vai apodrecer, mas estragaram tudo aqui olham!!! Foi o Ali [Aristide Criri] que fez isso, está aí olham, falei pra família dele, o pai de vocês que fez isso. Ele ficou aqui pra cuidar ele era o cacique geral, viu... e aqui esta nossa história aqui, a história do nosso povo a História de vocês está aqui, aí vocês querem recuperar?!! Dá pra recuperar, mas, agora vai custar... o sofrimento pra recuperar tudo isso, viu.

**Wal** – É o Seu João Paté disse que ele encontrou ali no grupo velho, ele encontrou uma panela de barro...Uma panela de barro e também do outro lado ele encontrou uma flecha inteira, e... ele não tinha ali no momento, daí ele não pode me mostrar mais, a panela de barro ele me mostrou

**Edú** – Ele tem lá?

**Wal** –Tem, e ele me falou assim que ele gostaria que se por ventura um dia eu fosse fazer a escavação que fizesse ali, no grupo velho, né, só que em outras conversas com os anciões pude perceber que se por ventura isso acontecer, que fosse feito lá na do local onde está o Kamlem

**Edú** – É lá na do Kamlem é aquilo, lá não tem ninguém que possa dizer pra ti, olha é aqui. Aqui ele foi enterrado, exatamente aqui, ninguém não tem nenhum. Agora ali [grupo velho] eles viram né, o João Paté... esses mais velho ainda tem lembrança ainda. Como eu, eu vi como era

**Wal** – E esse local ali no grupo velho, era um local que era acampamento antigo ou é mais recente, depois de 1914 quando houve o contato?

**Edú** – É... não, é um acampamento histórico

**Wal** – É um acampamento que feito depois do contato?

**Edú** – Ali onde esta o grupo velho?!! Ali é depois do contato, era uma rota, um trilho dos índios antes, mas depois do contato eles se acamparam ali.

**Wal** – Sim, depois do contato então

**Edú** – Aquele ali é depois de 1914 pra cá, essa é a história

**Wal** – Então o grupo velho é depois de 1914 pra cá, de lá do Kamlem é antes

**Edú** – É antes, o local é de antes de 1914

**Wal** – É esse local que não está escrito, é isso que eu quero contar

**Edú** – Sim

**Wal** – Ele está escrito como se fosse simplesmente um cemitério do Kamlem

**Edú** – Não é cemitério

**Wal** – É, é assim que está no mapa

**Edú** – Sim, no mapa está como cemitério...

**Wal** – Mas, não é cemitério...

**Edú** – Não é cemitério...

**Wal** – A maioria dos anciões que eu converso...

**Edú** – não é cemitério...

**Wal** – Dizem que lá é um acampamento

**Edú** – Isso, lá é um acampamento

**Wal** – É isso que eu quero fazer, contar que lá não é cemitério e sim um acampamento antigo do povo, e pela emoção do senhor, até, lá tem muita história

**Edú** – Sim, lá tem muita história que me foi contada, lá os índios saiam daqui, depois do contato para ver se ainda conseguiam encontrar mais gente, parentes deles, até mesmo logo antes que ele morresse sempre pediu para não desistir de encontrar mais parentes por lá, então sempre voltavam lá para caçar, iam aqui pelo Denick e iam parar lá. Caçar por lá, é assim desta forma... pensa bem agora não podemos registrar uma coisa que... que... eu digo que ir fazer uma

escavação mesmo... agora fazer um como diz um reconhecimento da pra tentar né, pra ver se por exemplo, como eu disse, que sabe como é um acampamento, os arqueólogos eles sabem, eles estudaram pra isso então facilmente eles descobrem, e você esta estudando pra isso, e trabalhar com o teu povo isso pra nós, eu fico muito feliz. Mostrar que ali onde esta as cinzas do Kamlem não é um cemitério e sim um acampamento, dali eles seguiam para outros lugares, indo para Taiózinho

**Wal** – Dali do Acampamento?

**Edú** – É... era caminho viu, então eles saiam daqui da Barra do Denick e subiam no caminho subiam por ali iam lá no Taiózinho, até o Próprio Alfredo conta uma história que... o pessoal estava acampado lá e ele foi pra lá com o pai dele e... foram uma turma pra lá e... Ele mais o falecido Voia, falecido Voia era pequeno ainda, mas foi junto de companheiro. Eles se perderam, erraram o caminho não sei para que lado que foram, vieram aqui para o lado do jacu, mas quando viram que estava perdido voltaram todo o caminho de volta para subir reto, estava no anoitecendo já, e aí eles ía, se pincharam (correram bastante) na picada os dois e ele pequeno, ele tinha uns 12-13 anos mais ou menos, ele tinha uma funda, chamam de cetra que atirava pilota, não tinha facão, não tinha nada, era só nós, perdido no mato. Foi, foi, foi, foi indo até que um tigre veio encontrando eles, eles foram correndo o tigre foi correndo atrás deles e eles tacavam aquela pilota no tigre e acertaram a cabeça do tigre. Dava um, dava outro, até acertar o tigre aí o Alfredo esqueceu que o Voia estava com ele, como ele era pequeno, se agarrou na cintura dele, guri pequeno, com medo né, se agarrou na cintura dele e foi indo até acertar na outra orelha do tigre ele soltou um berro buááá e saltou lá embaixo aí dessa forma eles conseguiram espantar o bicho

**Wal** – Meu o medo que eles devem ter passado né

**Edú** – Conseguiu espantar o bicho. Mas só olha ele disse o ronco do tigre eu conheço

**Wal** – Bom saber...

**Edú** –E esse caminho aí é aonde eles iam para o Burro Preto

**Wal** – Burro Preto?

**Edú** – Sim Burro Preto, Lá para o lado de Santa Cecília, Santa Cecília Burro Preto fica entre Santa Cecília e Timbó Grande. Ali era o tal do burro preto, um Ribeirão que ele chamava burro preto, eles trabalhavam lá, que tinha a estrada de ferro, a ferroviária muitos os nossos índios trabalharam lá, eles trabalhavam lá, que tinha a estrada de ferro, a ferroviária muitos os nossos índios trabalharam lá, o Alfredo trabalhou lá, o pai dele também trabalhou lá isso depois

**Wal** – O falecido pai velho trabalhou lá, né?

**Edú** – Sim, meu pai também trabalhou lá, Muitos trabalharam lá muitos... Então aquele era caminho deles passarem, subiam um caminho ali do Denick que passava lá no caminho e tinha outro que subia aqui no coqueiro ali na... por ali para um pouquinho pra lá dos Ottos<sup>13</sup>, ali por ali eles iam sair lá em Vitor Meireles, passava por Victor Meirelles pegavam por lá e iam até Salete por lá, que já é outro caminho, levava mais ou menos uns 5 dias e meio para ir para Barro Preto

**Wal** – Olha só era longe

**Edú** – Era muito longe, e eles faziam esse trajeto tudo de a pé. Então são coisas né que...

**Wal** – E... além desses acampamentos, tem outros acampamentos que o senhor conseguiria me dizer? O senhor falou do *Kakupli* né, falou também do aqui do *Kamlem* e *Nbá* teria outros assim que o senhor lembra no momento

**Edú** – *Kakupli* é em lá em Bom Sucesso, no caso acampamento

**Wal** – Eu não lembro no mapa se esta como uma aldeia o *Kakupli*, Ah lembrei está sim, está como aldeia do Araçá, acho que é isso eu estou sem o mapa no momento mas acho que é isso mesmo

**Edú** – *Kakupli* fica um pouco para lá do mercado lá em Bom Sucesso perto da entrada que vai pra Serra Azul

**Wal** – Perto daquela igreja?

**Edú** – Antes da igreja, ali é um acampamento, um acampamento indígena

**Wal** – Acampamento

**Edú** – E dai tem o *Nbá* né

**Wal** – Que fica....

**Edú** – Fica lá perto da escola da sede, lá em cima

**Wal** – Lá em cima

**Edú** – Sim, em cima da serra naquele planalto lá

**Wal** – Lá é mais difícil pra chegar

**Edú** – Não, lá é mato

**Wal** – mais é de frente com a escola

**Edú** – É lá em cima

**Wal** – em cima do morro

---

<sup>13</sup> Família Otto, moradores da aldeia Coqueiro



**Edú** – é em cima da serra, lá

**Wal** – desse acampamento antigo eu não sabia

**Edú** – e depois...

**Wal** – o senhor falou também do *Zág Pil*

**Edú** – *Zág Pil* é lá onde tinha aquele pinheiro... lá em cima lá perto da estrada do Bugio lá, pra cá tem aquela araucária

**Wal** – ah sim lá...

**Edú** – é lá tem uma araucária

**Wal** – Ah só um pé do pinheiro

**Edú** – sim *Zág Pil*, ali era o caminho para ir lá no *Kakupli*

**Wal** – Ah sim, e o senhor que falar mais alguma coisa? Ou o senhor já está cansado, sei que o senhor esta doente e não pode se esforçar muito

**Edú** – Na verdade eu queria conversar com alguém mesmo, alguém de fora e você veio na hora certa, nem lembrei que estava doente

**Wal** – Ah que bom que vim então

**Edú** – Sim, tem um outro mais agora não estou lembrando

**Wal** – Ah lembrei me falaram de um ponto ali perto do seu Hortêncio

**Edú** – Seu Hortêncio...

**Wal** – Lá pra cima da serra do Janguta lá, ali tem a casa do seu Hortêncio

**Edú** – ah sim

**Wal** – Vindo do Bugio pra cá tem a primeira entrada né, antes da entrada tem um pé de laranja ali

**Edú** – Sim, lembrei

**Wal** – Lá pra trás falaram que também é um acampamento antigo, mas não sabiam me dizer o nome

**Edú** – Ali sim, ali era o caminho deles, o acampamento mesmo é aqui na Caxeta ali embaixo

**Wal** – Ali na Caxeta é o acampamento antigo?

**Edú** – Sim ali

**Wal** – Ali onde eles dizem que o terreno da Suzana?

**Edú** – É... ali, então ali é o caminho deles pra atravessar lá pra Benedito e Doutor Pedrinho

**Wal** – Ah sim

**Edú** – Sai lá pra Capivari aquele lá

**Wal** – Ah sim...

**Edú** – É caminho deles

**Wal** – Que é ali na Caxeta

**Edú** – Dali eles iam lá no *Kózy lá*, tanto como desciam por lá também. Agora o acampamento é ali embaixo ali

**Wal** – E por que que eles falam que aquele terreno ali é da Suzana? Ela se apossou?

**Edú** – Não, ... ela casou com um alemão lá, dizia que era dono daquele ali, daquele terreno ali e depois se separou dele

**Wal** – Por que pode perceber ali tem o seu Bona, que tem ali o terreno dele e tem os Bremmer ali, mas, aquele local que eles dizem que é dela ninguém mexe

**Edú** – Ali ninguém mexe

**Wal** – E por que ela não toma posse daquele lá

**Edú** – Não sei te dizer... e está no nome dela aquele terreno

**Wal** – Pois é, então que eu sabia que ali, e do outro lado do rio era o acampamento, meu pai velho falava sempre desse local

**Edú** – Isso, eles acampavam ali porque tinha uma malha de pinheiro ali, então eles iam lá pra colher pinhão

**Wal** – Isso, tem uns pés de pinhão ainda lá

**Edú** – sim, eles iam para colher e comer pinhão nesse local

**Wal** – ah sim, então quando eu estava planejando meu projeto junto com seu Cuvei e o seu Paulo, eles falaram que todo aquele território ali estava dentro dos limites dos 37 mil hectares e que depois que foi revisto, essa parte ali saiu fora dos limites, os *zũg* alegaram que lá não era território dos Laklãnõ e de acordo com eles, a liderança da época se vendeu e assim tiram essa parte dos limites.

**Edú** – é, lá é local de acampamento

**Wal** – E esse local é de antes de 1914 ou depois

**Edú** – Esse é de antes de 1914 e agora por conta de várias questões esta fora dos limites dos 37 mil hectares

**Wal** – É por que os 37 mil hectares agora pegam antes do rio

**Edú** –É agora esta antes do rio...

**Wal** – Mas que saía dali, saía para o Capivari eu não sabia

**Edú** – é, eu já passei por ali

**Wal** – então como ali na Caxeta é o acampamento, então realmente lá pra trás da casa do seu Hortêncio é o caminho deles sim, já fazem uns 4 anos atras que eu fui falar com eles, e aí só confirmei o que o pai velho dizia desse local, a dona Nduug também falou desse local, ele disse na casa do Hortêncio, lá pra dentro tem uma pedra bem grande lá... bem lá pra trás é o acampamento

**Edú** – Então quando... por que a área, a área verdadeira ela pegava da palmeirinha pra cá assim, pegava esse rumo e ia direto e batia lá no Wiegant e subia, então a divisa era o rio Wiegant

**Wal** – Sim o rio Wiegant, e agora com essa nova delimitação pega mais em cima, né?

**Edú** – sim, em cima da serra, e essa última desceu um pouco mais pra cá ainda, desse lado de cá

**Wal** – vamos perdendo um pouco mais

**Edú** – É eles vão tirando, vão empurrando o povo

**Wal** – É, o cacique Tucung estava me contando

**Edú** – é tem que ter cuidado, eles estão perseguindo o povo

**Wal** – tem que ter cuidado

**Edú** – é muito cuidado, lá em Vitor Meirelles não dá pra ir

**Wal** – então eu gostaria muito de ir lá na sepultura, quer dizer lá no acampamento do *Kamlem*

**Edú** – Eu gostaria de ir lá, espero que quando você for lá tenha lugarzinho pra eu ir junto com minha velha lá

**Wal** –vou ver se consigo então um carro pra nós ir lá, Seu João e dona Neli também gostariam muito de ir lá, vamos ver se dá certo

**Edú** – Isso, só que tem que ter muito cuidado não pode se mostrar muito lá, até quando for pedir informações tem que ter cuidado, e você não se arrisca ir lá sozinha nessa época, agora é muito arriscado, deixe a poeira baixar bem, ano que vem mais ou menos

**Wal** – Sim senhor, pode deixar vou me cuidar

**Edú** – Daí vou estar bem melhor pra ir com você

**Wal** – Sim... o Tucung também me falou pra ter cuidado e perguntou se essas pesquisas que eu estou fazendo é só qui dentro da Terra Indígena ou fora também, daí eu disse que por enquanto eu estou somente priorizando as pesquisas aqui com nossos anciões, e dai ele falou que for sair fora tem que ter muito cuidado, foi aí que ele começou a contar como está o atual processo da nossa Terra Indígena...

**Edú** – é a região ai está bem perigoso

**Wal** - ele também gostou do projeto e disse que precisa sim registrar nossa história

**Edú** – Sim... isso é muito bom e sempre que você precisar pode vir aqui, eu disse pra Nena que vejo... assim dos mais jovens só você procurando nós velho, desde quando eu era professor lá no Bugio, você lembra?

**Wal** – Sim... claro que me lembro do senhor, isso foi em 2003 ou 2004 mais ou menos eu ainda estava terminando o ensino médio, a mãe velha também trabalhava com senhor nas series iniciais, né? É... depois daquele acontecido lá em Dr. Pedrinho com os alunos decidi procurar saber mais sobre a história do nosso povo e foi assim que comecei. Depois, quando comecei a dar aula, o seu Macalete, o Cangó Ingaclã, me ajudou bastante, me incentivando e sempre contava as nossas histórias do passado e através dele comecei a conversar com os outros anciãos...

**Edú** – É eu lembro dele indo nas casas, vi ele no Alfredo conversando com ele, acho que era sobre o nosso *mõg*...

**Wal** –sim, acho que foi quando eles estavam conversando de que forma eles iriam me ensinar a fazer a no bebida, é.... aprendi muito com ele e logo depois ele se foi, não só com ele mais com todos vocês, sou muito grata seu Edú

**Edú** – É, tu tem que aproveitar enquanto estou vivo

**Wal** – que isso, o senhor vai viver muito ainda aqui entre nós, tenho muito a aprender com senhor...

**Edú** – Não Kocté (variação do nome Coctá), tenho pouco tempo pra ficar aqui com vocês

**Wal** – Que isso seu Edu até parece uma despedida do senhor, que isso, o senhor esta doente mais vai passar...

**Edú** – tenho que aproveitar esses momentos eu sinto

**Wal** – Então... como falei para o Tucung, vou falar para o senhor minha intenção é registrar essas memórias dos nossos anciões no papel, fazer esses levantamentos dos locais antigos e assim registrar essas memorias do nosso povo, memorias que são muito importantes.

**Edú** – É e os outros acampamentos na região é... ali próximo a casa do Abraão ali, era o tal do Salto Pequeno, ali

**Wal** – Salto Pequeno

**Edú** – Salto Pequeno, ali era um lugar de acampamento também

**Wal** – Ali pro lado de baixo, beirando o rio?

**Edú** – É... ali no Abraão, pro lado de baixo ali, ali era um local dos índios também se acamparem ali, por que Salto Pequeno, era um local baixo e podia passar de a pé. Então eles cruzavam ali pra ir para o outro lado que vinha pra cá, o acampamento era dos dois lados, acampamento antigo, de antigamente. Esses são os acampamentos deles

**Wal** – Olha o senhor me trouxe bastante locais aqui que estou bem interessada em ir

**Edú** – Mais outro... é tinha outros locais aqui pro lado as Serra Verde, do outro lado tinha um local de acampamento deles também aonde até o... morreu o, por último morreu o Ndilli não se sabe se foi mordido de cobra ou... não se sabe o que aconteceu, morreu lá, veio aqui pro lado do Gabirova aqui nesse lado de cá, ali era acampamento dos índios. E aí tinha sempre o acampamento ali, então ele foi caçar e pousou por lá, é atrás da serra verde lá

**Wal** – pro lado de lá

**Edú** – É atrás da serra verde lá, só sei assim pelo que me contaram, sei o local onde é, mais não onde....

**Wal** – Exatamente

**Edú** – isso exatamente, onde ele morreu, é... ele foi caçar por que estava desgostoso por que se apaixonou pela falecida Bela, se apaixonou por ela, mas ela não queria ele, ela casou com um branco parece... dai ele ficou desgostoso e foi caçar sozinho lá ficou uns 3 ou 4 dias depois voltou e foi de novo daí....

**Wal** – morreu...

**Edú** – É daí não veio mais, e quando foram achar ele estava morto lá no acampamento

**Wal** – Olha só...

**Edú** – Ele é tio do Vomble

**Wal** – Do Vomblezinho ou do Vomblezão?

**Edú** – Do vomblde o ex-cacique

**Wal** – Ah sim, o Vomble Camlem

**Edú** – É... ele é tio dele

**Wal** – O Ndilli é irmão do pai dele

**Edú** – Ndilli é filho do Vomble mesmo, Vomble que saiu do mato, irmão dessa mulher que acabou de morrer, da... velha Ndu ug

**Wal** – Ah a dona Ndu ug

**Edú** – É por isso que eles colocam o nome de Ndilli, que é o nome do filho dela o Ndilli

**Wal** – Ah sim... então isso quer dizer que o Vomble Camlem é sobrinho da dona Ndu ug?

**Edú** – Sim... é

**Wal** – Essa eu não sabia!!!

**Edú** – É a Ndu ug é tia dele

**Wal** – Mas então seu Edú , gostei de ter mais essa conversa com o senhor, as outras que tivemos eu não pude gravar mais essa foi possível né, mais uma vez agradeço o senhor, pela sua disponibilidade...

**Edú** – É... o que eu tinha hoje, pra mim é muito bom essa nossa conversa, não sei se tu quer saber mais alguma coisa

**Wal** – Não, não só tenho a agradecer o senhor mesmo

**Edú** – Ah tenho uma pergunta pra você, você que está fazendo pesquisa por aí, por uma acaso você não descobriu a fotografia do meu pai?

**Wal** – Olha seu Edú, eu estou procurando também uma foto dele porque falo dele no meu trabalho e queria pôr uma foto dele, mas até o momento não encontrei nada não. E no ano passado quando eu estive aqui o senhor também me pediu, mas está difícil pra encontrar, porque não faço ideia de como ele era. Se o senhor me der alguma característica dele fica mais fácil, o senhor sabe dizer com quem ele era parecido, se era igual o senhor ou igual o Édi ou igual o pai Velho?

**Edú** – Ele parecia com... com quem mais ou menos Nena?

**Ilsa-** Ele era parecido com o Édi, só que mais claro

**Edú** – É, igual o falecido Édi, mais o Edí é mais moreno e ele era mais claro

**Wal** – Ah sim, igual o Édi então

**Edú** – É tem a fisionomia do Édi, eu tenho mais a fisionomia da minha mãe

**Wal** – Sim...

**Ilsa-** Da altura do Édi ele era

**Edú** – Altura do Édi assim o tamanho assim

**Wal** – Sim... vou ver se encontro uma foto sim pro senhor do seu pai

**Edú** – A única foto que eu tinha dele foi na enchente [chorando]

**Ilsa-** Foi na primeira enchente que deu na barragem [fala triste]

**Edú** – Naquela enchente perdemos tudo e a única foto que eu tinha foi também

**Wal** – Vou tentar encontrar uma para senhor, vou fazer o possível

**Edú** – Está bem, e... é isso

**Wal** – Então está bem, mais uma vez agradeço o senhor

**Edú** – Vem aí mais vezes esta bem

**Wal** – está bem seu Edú vou voltar sim pode deixar.

Conhecer os locais através das memórias dos nossos anciões é muito importante para compreender melhor nossa história. Através da conversa com o senhor Edú, pude compreender a importância da escrita para ele, neste momento atual. Momento este em que muitos políticos querem apagar de vez a existência dos povos indígenas. Conhecer os locais de acampamentos é importante para reviver nosso passado, reviver no sentido de buscar praticar coisas que nossos anciões nos transmitem através da oralidade, isso pode com certeza fortalecer ainda mais nossa cultura. Muitos pontos abordados pelo ancião são desconhecidos pelos nossos jovens, ele ressalta a importância dos professores e pesquisadores indígenas nesse processo para resgatar/recuperar a história através de contação de histórias e conversas com alunos na escola. Ao contar sobre o período do contato, mostra que o local onde ficou marcado como ponto de encontro no rio Platê, na verdade não é exatamente ali. O rio Platê é onde estavam acampados os Kaingang que foram trazidos do Paraná para ajudar a frente de contato do SPI. O local onde o povo Laklãnõ estava acampado ficava no lado direito do rio, de frente para o chamado “grupo velho”, na parte de cima, na chapada da montanha, no acampamento *Nbá*, local ainda desconhecido por muitos da comunidade, principalmente pelos mais jovens. Da mesma forma, o local conhecido por muitos e até mesmo marcado no mapa da Funai, como cemitério do Kamlem, esconde toda uma história do porque ele foi posto naquele local. A história por trás, conta muitas informações que por muito tempo ficaram ocultadas, como forma de preservar a identidade cultural do próprio povo. O local é um acampamento antigo, usado muito antes do período do contato, neste caso, um lugar sagrado, onde muitas cerimônias foram realizadas.

As conversas com os anciões e sábios, nesse caso, com seu Edú ajudam a entender a luta pelo território e remontar a história do povo Laklãnõ. Voltar a esses pontos é de suma importância para eles. Para o senhor Edú é muito importante que os jovens visitem esses locais para que fique marcado na vida deles e na memória, que eles possam vivenciar essa experiência junto com os anciões e assim continuar contando a história vivenciada, como experiência própria daquele local. Na conversa o ancião traz alguns pontos muito importantes da história, fazendo a referência temporal da história do povo Laklãnõ, antes do contato, pós contato até 1950 e depois quando membros da comunidade se unem, para mostrar através de uma denúncia as atrocidades, o que estava acontecendo dentro do “posto indígena”, atual TI, causadas por



Eduardo e assim pôr um fim no sofrimento vivido pelo povo. É importante ressaltar que mesmo quando as histórias narradas são do passado, período antes do contato, contada por terceiros, ou as vivenciadas por aquela pessoa ou uma pessoa próxima, todas são importantes e o povo as considera. O importante é ver como os anciões conseguem nos mostrar a diferença da luta que ocorreu em tempos diferentes. Quanto a escavar em algum lugar da TI, mostrou grande preocupação, pois não gostaria de ver parte dos materiais arqueológicos encontrados saírem para fora da TI e esta preocupação outros anciões e lideranças também mostraram. Caso uma escavação ocorresse lutariam por um espaço dentro da TI para colocar esses materiais, um local com segurança para que nada viesse danificar e isso ajudaria a contar nossa história com mais detalhes.

**Entrevista 3 <sup>14</sup>: Tucung Ingacran, 51 anos de idade, cacique geral da Terra Indígena Laklânõ, morador da aldeia Coqueiro.**

Registro: 04 de junho de 2019.

Entrevistado por Walderes Coctá Priprá

**Wal** - boa tarde, meu nome é Walderes, estou aqui neste momento com cacique aqui da aldeia, cacique geral, ele mora aqui na Aldeia Coqueiro, ele vai se apresentar e assim nós vamos conversando um pouquinho, ele vai nos contar um pouco do conhecimento que ele adquire junto aos anciões e com seus avós, que a gente chama de “pai velho” e “mãe velha”, então é isso aí.

**Tucung** – Então boa tarde Walderes. Sou cacique presidente da terra indígena, moro aqui na aldeia Coqueiro, então eu acho muito importante esse trabalho que você está desenvolvendo aqui na terra indígena e a gente também tem alguma coisa para contribuir contigo aí nesse teu trabalho, já que... sabe... sei um pouco, não muita coisa, mas posso ajudar sim, porque até eu convivi com meu avô e ele me falou... me falou que os antepassado dele, andavam por aqui, ali na Serra da abelha, ali onde eles dizem hoje que a que a reserva do... [Área de Relevante Interesse Ecológico da Serra da Abelha] ali... na reserva da araucária ali, sabe ali, ele conta, contava, que foi enterrado muita gente ali e também foi enterrado lá perto... próximo dali foi enterrado também o Kamlem, meu avô sabia bem aonde ele foi enterrado, mas infelizmente ele

---

<sup>14</sup> Entrevista 3 - Entrevista foi transcrita de forma total conforme foi sendo falado, mas editado algumas palavras. Foi mantido a linguagem do cotidiano

não conseguiu me levar lá há tempo para eu poder ver o local certinho então, o que eu vou te falar são coisas que eu ouvi, alguns lugares eu tive oportunidade de ir em outros lugares não, tá bom. Eu acho muito importante teu trabalho aí então eu quero que você fique bem à vontade para perguntar, e no que eu puder te ajudar pode contar comigo. Pode contar sempre com meu apoio nesse seu trabalho aí, se tiver mais gente, umas pessoas aqui da nossa comunidade para ajudar a gente vai estar ajudando também tá e a isso aí tá bom

**Wal** – está bom, obrigada cacique. Antes da gente começar a fazer a gravação, o senhor estava falando ali de um local aonde o senhor não tem bem certeza, mas que já estiveram algumas pessoas caminhando por ali, o senhor sabe me dizer onde exatamente

**Tucung** – É.. ali na **Paca...** é bem ali na Paca... acho que até o Marcondes que teve por ali, isso... foi o Marcondes mesmo, ele até veio falar comigo aqui pra ver se eles podiam fazer uma escavação ali e daí na época eu falei para ele que por mim podia fazer sim, sem problema.

**Wal** – E ... falando assim sobre escavação, o que o senhor acha assim no seu ponto de vista, é viável? É bom fazer uma escavação aqui dentro da terra indígena, que o senhor diz?

**Tucung** - É muito bom, porque daí vocês vão descobrir onde o nosso povo caminhava mesmo, então seria bom... até hoje os próprios... os próprios colonos dizem que não somos daqui, então seria uma oportunidade, eu acho bom assim, fazer uma escavação, achar local que tem indícios, então trabalha aí, eu acho importante nós indígenas fazer isso, então se tiver oportunidade pode contar... pode contar com meu apoio aqui enquanto cacique, tá bom?

**Wal** – Então...quando eu conversei com seu João Paté, perguntei assim sobre a escavação, e ele me falou que seria importante os materiais que fossem encontrados, que eles fossem deixados aqui dentro da terra indígena, ele gostaria muito assim que os materiais não saíssem daqui. Ele falou que muitos vem aqui, fazem pesquisa e daí vão e não trazem respostas, e que se por ventura isso vier acontecer, que os materiais encontrados permanecessem aqui na Terra Indígena, e daí ele deu exemplo de que quando os alunos querem ver, conhecer como era uma panela de barro ou uma flecha... eles tem que ir muito distante, como por exemplo para Floripa lá no museu e que isso não está certo, o que senhor acha? O que o senhor diz sobre isso?

**Tucung** - É como ele disse né, as pessoas vem perguntam nossas coisas, nossos conhecimentos leva, aí nós ficamos assim... aqui vocês que são indígenas tem que mudar isso... então a pesquisa de vocês é importante para nós e isso tem que ficar aqui com nossa comunidade, senão, como o João falou, a gente vai lá para ver as nossas coisas, pagar para ver e isso não pode, não pode acontecer, então nós vamos... vamos achar um lugar para colocar aqui dentro, aqui dentro da

terra indígena para que as crianças... nossas crianças possam ver... posso olhar e... porque isso é muito importante para eles também. E como eu falei.. se tiver mais gente digo, mas estudantes nossos... indígenas... que queiram participar que venham também conversar com a gente, porque você é a primeira que vem aqui falar comigo mostrar teu trabalho, mostrar teu projeto, a gente precisa então que todos os alunos que estão fora que estão estudando... a gente precisa saber o que que eles estão fazendo para que a gente possa também ajudar eles. Então se você puder convidar eles, convida eles para te ajudar nesse trabalho, convida os mais velhos pra estar te ajudando, não faz as coisas sozinha, convida eles tá.

**Wal** – Sim, eu conto muito com a ajuda de vocês como liderança e com certeza dos nossos anciões que sempre estão dispostos a me ajudar. Eu também queria mostrar esse trabalho... esse projeto para os professores, mas eu ainda não tive oportunidade mas, assim que tiver oportunidade eu gostaria muito de apresentar esse trabalho convidar os professores para estar ajudando é... tantos os professores lá da escola Vanhecú Patté quanto os daqui da escola Laklãnõ para ver o que eles acham, então já fico feliz porque o senhor já está se disponibilizando a ajudar, e... isso para mim é muito importante e tendo o aval do senhor tudo fica mais fácil, e... caso a direção venha reclamar de alguma coisa, então é bom ter o aval do senhor. E... assim todo trabalho que eu fizer vai ser para nossa comunidade, em prol da nossa comunidade, para que ajude a desenvolver nossos trabalhos aqui dentro e é claro que também vai ajudar ali na questão de demarcação da terra, na questão das nossas lutas mesmo aqui dentro.

**Tucung** – Da minha parte não vai ter problema, aqui é teu lugar, aqui tu pode fazer o que tu quiser na parte do teu trabalho, e a gente tá aí, como disse, para te ajudar.

**Wal** – Falando nisso essa semana faleceu a dona Ndu ug, ela que também tem me ajudado muito nos meus trabalho Ela é a filha do Vomble, o que saiu do mato na época do contato

**Tucung** – É, ela é a última filha do Vomble, que estava entre nós e que nos deixou está semana

**Wal** – Quem eram todos os filhos do Vomble, o senhor saberia me dizer?

**Tucung** - A falecida avó do Hélio...

**Wal** – A dona Cocta

**Tucung** - Eu acho que era, só não estou lembrado agora

**Wal** – Daí no caso dos filhos daqueles líderes que saíram do mato, os filhos deles que estavam que estão com a gente, a dona Vacla que a mulher do seu Antônio Caxias, e daí a dona do Ndu ugnque faleceu essa semana, E a dona Vacla é a filha do Kovi, e quem são os irmãos da Vacla?

**Tucung** – É o Bispo, o Nakaáe, só ela ficou os outros já morreram

**Wal** – Sim... e sobre os grupos e subgrupos do nosso povo o senhor já ouviu falar?

**Tucung** – Sim, Assim eu era muito pequeno ainda, quando o meu avô contava para mim dessas histórias e segundo ele as famílias começaram a brigar entre eles, então foi assim que eles se separaram, e daí os Laklãnõ ficaram por aqui no alto vale daí... Os ãggyn subiram lá pro lado de Calmon [Canoinhas-SC]. Mas com essa divisão muitas famílias foram misturadas assim então, a gente viu que foi para lá alguns dos Laklãnõ para Calmon e alguns ficaram aqui alguns dos aggyn ficaram aqui com os Laklãnõ e os outros foram para lá, então houve essa mistura sim, e aí tu vê quem pertence ao outro grupo ali, o tchan, família dele ali na verdade, segundo que meu pai contou né, meu vô, contou eles não pertenciam esse grupo, mas eles ficaram aqui, ficaram aqui com a gente. No mato essas família ficaram poderosa assim, então por isso que eles brigaram, que houve a separação, O pai da Neusa aí, ele também pertence a esse grupo que foi para Calmon, mas a família dele foi pega pelos Laklãnõ quando eles ainda eram pequenos, o outro grupo eu não estou bem lembrado o nome mas, esse grupo foi para o lado da Serra do tabuleiro lá, e foi esse grupo que também morreu né, a família alguns deles que ficaram na família dos Laklãnõ aqui juntos no alto vale, eles conseguiram sobreviver, mas os que foram lá para Serra do tabuleiro esses a gente nunca mais teve notícia deles

**Wal** – Então, eu lembrando aqui da dona Udu ug, o que ela me disse é certo então, porque ela não se considerava Laklãnõ e sim Aggyn

**Tucung** – É então deve ser é isso mesmo que ela te contou. É importante registrar essas histórias e ter um local aqui pra por pros nossos filhos terem acesso...

**Wal** – É isso, já teve alguns dos anciões que me falaram da importância de ter um local aqui para salvaguardar esse e outros matérias do nosso povo. E o senhor como cacique não consegue através de um projeto construir um local desse, uma casa da memória ou um centro onde pudéssemos guardar essas coisas?

**Tucung** – É... ter até tem como, podemos fazer um projeto através do ministério da cultura acho que daria certo, mas tenho que ver

**Wal** – Isso ajudaria muito nossas comunidades

**Tucung** – Sim, vou ver, acho que através de ONG também dá pra se fazer, e você pode nos ajudar né, nessas questões

**Wal** – Sim, posso sim vou pesquisar e ver isso

**Tucung** – É disso que a gente precisa viu, de pessoas que venham conversar, vocês que são estudantes sabem como podem nos ajudar. Mas meu próprio irmão vem aí me cobrar emprego,

mas nunca ele veio aqui perguntar pra mim o que que nós vamos fazer? Será que eu posso fazer isso, ou eu vou fazer isso, ninguém nunca veio aqui, não sei se sempre foi assim. E dai os estudantes depois cobram os caciques, mas eles nunca vieram conversar e daí quando estão no aperto daí lembram das lideranças e dos caciques

**Wal** – Só procuram quando estão apertados então

**Tucung** – Eles estão lá, estão vendo como podem nos ajudar em muitas questões, mas eles não vem, é claro que não é só pra mim, eu não vou dizer que não. E se tu tiver alguma coisa que tu sabe que pode ajudar nosso povo, me avisa pra gente estar vendo no que a gente pode ajudar, se tiver que ir atras de algo a gente vai

**Wal** – Sim, ok gostei da nossa conversa seu Tucung

**Tucung** – Sim, também gostei te passei meu whatsapp e quando você quiser conversar manda mensagem ou me liga que vou te ajudar

**Wal** – Está ok então eu agradeço pela paciência e disponibilidade pra me ouvir

**Tucung** – Só mais uma coisa, cuidado onde você vai, estamos numa guerra novamente por causa de nossas terras então todo cuidado é pouco tá

**Wal** –Está bem pode deixar, e mais uma vez obrigada.

Levar ao conhecimento do cacique presidente o projeto serviu para mostrar a forma que eu, pesquisadora indígena do meu povo, pretendia desenvolver meu trabalho junto da comunidade. O projeto foi bem aceito por ele e também se dispôs a me ajudar.

Tucung relembra um pouco da sua caminhada com os anciões, apontando alguns locais por onde passou. Comentou sobre a possibilidade de realizar uma escavação dentro da TI e quais os benefícios e malefícios que isso poderia vir causar. Reafirmou que, se por ventura isso acontecer, lutariam por um espaço dentro da TI para colocar os materiais coletados e que não concordaria com a possibilidade desses materiais saírem de dentro da TI. Pois, seguindo este mesmo raciocínio é importante a proximidade da materialidade, ter o objeto e vivenciá-lo é muito importante para o aprendizado das crianças e dos jovens. Me alertou para a importância de estar sempre retornando à eles (lideranças) e à comunidade com o trabalho, e de sempre estar em contato com os anciões sábios da nossa TI.

**Entrevista 6<sup>15</sup> Cangó Ingaclã 16 81 anos, Projeto Mõg<sup>17</sup>,**

Registro: abril de 2009

[...]

**Wal-** Seu Macalete e como que eu faço para encontrar tudo esses materiais assim... é muito longe... como que eu faço

**Cangó-** antes, o nosso povo eles tinham bastante lugar para eles irem para pegar esses materiais. agora nós não temos mais, aí nós tem que ir nesses mato longe, que não na grotta, aqui para ver se a gente consegue encontrar, mas como tu quer aprender a fazer a nossa bebida, então eu vou, nós vamos te ensinar, né Alfredo?, nós vamos ensinar ela fazer né?

**Wal-** E quantos dias leva para ficar pronto a bebida

**Cangó-** Leva de 15 a 20 dias para ela ficar pronta, fermentada. Mas nós vamos fazer um processo todo passo a passo, a gente vai te ensinar primeiro, pra depois tu ensinar teus alunos tá bom? Então daqui dois dias nós vamos descer lá na fuma do Óleo, lá embaixo, e lá a gente vai tirar o mel que o Alfredo já tem achado já, e lá daí nós também vamos... vamos cortar o Cedro, vamos te vamos ensinar como fazer todo processo lá, tá bom? Ou senão a gente pode ir também lá no tateti, lá o Veitschá disse que tem uma abelheira bem grande, daí a gente pode ver onde a gente vai, mas eu vou conversar aqui com o Alfredo daí, mas vamos ver contigo certinho, mas num desses dois lugar a gente vai para tirar o mel e daí para fazer o nosso kaja e também o kakéj né? Para fazer tá bom? Depois que teve aquela primeira enchente lá na barragem, então daí nós subimos para cá atrás de uma das famílias que já tinham vindo para cá, nós passava ali no ali no óleo, ele para baixo da casa onde o Israel morava ali, sabe ali tem uma entrada lá para dentro lá. lá nos passava e daí lá nós ia cortar palmito e nós dormia lá também

---

<sup>15</sup> a transcrição é um trecho completo retirado de uma conversa realizada antes do trabalho pesquisa para o mestrado, para dar início ao projeto da bebida tradicional *Mõg* desenvolvida na escola.

<sup>16</sup> Faleceu aos 84 anos em agosto de 2012, Cangó foi um dos anciões que lutou muito para que os professores adotasse uma nova formula de ensino baseado na história, cultura e tradição do povo Laklãnõ. Foi ele que despertou em mim a vontade de transformar a educação implantada pelos *zũg*, que não atendia as necessidades educacionais da comunidade escolar, em uma educação realmente diferenciada como esta garantido na Constituição Federal promulgada em 1988. Ele participou, convidou, intermediou e incentivou vários membros da comunidade a dar sequência, através da história oral, na história do povo Laklãnõ.

<sup>17</sup> Projeto *Mõg* – Este projeto contou com a colaboração de professores da escola Vanhecú Patté e anciões da comunidade, o projeto foi desenvolvido por mim como professora e posteriormente registrado em forma de trabalho de conclusão de curso na UFSC, na licenciatura intercultural do Sul da Mata Atlântica em 2015, intitulado “O *mõg* como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Laklãnõ/Xokleng”, uma bebida tradicional que serviu como base para reviver outros elementos culturais que antes estavam adormecidos.

junto com as crianças que tava com nós nas caminhadas e eu não sei agora não tô lembrado o nome. Ah! Lembrei! Tucaninho, lá para dentro do tucaninho, lá embaixo tem um tem um pé de Pinheirinho e lá é só aquele pé, só que é desses que dá pinha, que dá pinhão, lá nós ficava, lá nós conversava, gritava para o pessoal que estava indo atrás de nós, então aqui esse pé de Pinheirinho era onde todos nós paravam para descansar quando estava descendo quando estava subindo, mas parava lá sim para descansar. Se um dia tu quiser daí nós podemos te levar lá para te conhecer ela. Lá em cima no Bonsucesso, lá para lá da entrada da Serra azul lá tem um pé de de Araçá, lá não foi exatamente embaixo do pé de Araçá, foi lá perto, lá próximo, foi feito a última festa, foi feito um batizado lá, meu pai conta, é meu pai conta que foi um batizado feito lá de uma criança, de uma menina e de um menino, onde a menina eles colocava assim tipo esses negócio aí que as criança anda aí pintado que chamam de tatuagem, é tipo assim, só que daí eles fazia, eles queimavam sim um pouco para deixar uma marca foi assim que eles acharam a Maria, Maria Kóziklã que foi, foi morar lá... com a com aquela família lá em Blumenau, né? Foi dessa forma assim que eles encontraram ela pela por aquela marca que eles fizeram quando ela nasceu que foi um batizado que ela passou então mas lá foi feito antes de eles descer ali para o Platê, antes de eles descer eles fizeram lá essa festa e fizeram então o batizado dessas crianças e eles tomavam a bebida né? Só que a mulher não podia ficar bêbada e as crianças, só que eles que participavam das cerimônias é esses que podiam beber as outras crianças não, então era assim, hoje não sei se os nossos pais vão deixar fazer essa marca na perna esquerda das meninas, eu acho que eles não deixam não, mas antigamente era assim dessa forma. Nós vamos te ensinar a fazer a bebida, mas quando for comemorado os 100 anos do povo né, daí eu quero que tu faz para todo mundo beber essa bebida, nosso Mõg, tá bom?

Na entrevista com o senhor Cangó fica evidente a preocupação do ancião na questão do reconhecimento dos territórios tradicionais do povo. A constante fala dos territórios onde o povo caminhava, a insatisfação de estar em local que não foi escolhido por eles para permanecerem e construir suas aldeias. A vontade de retornar, nem que por um dia, para matar a saudade de seus antepassados, através da memória, e deixar marcado na memória dos mais jovens todos os eventos e acontecimentos do passado e do presente.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Valorizar as memórias é compreender o passado. As histórias orais e informações fornecem dados importantes sobre a história do passado do povo Laklãnõ, o que poderá ajudar no presente para a contínua construção da identidade desse povo. Muitas são as memórias que os distinguem na forma de viver, aprender, de se organizar e na simplicidade que também dá sentido a todo o conhecimento cultural. Visto que, segundo Peres (2012), a **cultura**, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Nesse caso a memória cultural serve para fortalecer a identidade Laklãnõ, pois, ela traz os conhecimentos do passado e informações vividas e ouvidas pelo ancião. Essas memórias muitas vezes são ativadas em rodas de conversas, ao redor do fogo, durante o trajeto da caça ou pesca são experiências que devem ser repassadas.

O trabalho aqui desenvolvido teve o objetivo de registrar, através da memória dos anciãos da comunidade (em cada aldeia) a história desse povo, os locais, como acampamentos antigos e locais onde o povo (subgrupos) se reencontrava para realizar as festas e cerimônias, marcar esses pontos dentro da TI irá contribuir para as recentemente pesquisas etnoarqueológicas (Machado 2017) e arqueológicas que estão sendo desenvolvidas pela equipe do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA) da Universidade Federal de Santa Catarina, do qual faço parte. Desse modo, conhecer a história, o passado e o presente do povo Laklãnõ é de extrema importância para a comunidade. Pois, como nos contam os anciãos, no passado, antes do contato em 1914, o povo Laklãnõ não tinha um território definido por limites fixos. Como aponta Santos (1973), habitavam o vale, nas encostas das montanhas e no planalto do sul do país, sobreviviam da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres e mantinham viva sua língua, cultura e tradição.

Este trabalho servirá como uma ferramenta de luta, pois aqui estão registrados lugares que marcaram e que marcam o território do meu povo. E assim, o povo segue lutando, visto que muito entes queridos foram mortos nesse processo, em nome da chamada “civilização e progresso”. Mas, como disse nosso ancião Edú Pripra “quando cai o sangue de um Laklãnõ na terra, se levanta dois para lutar pelos nossos direitos”.

## REFERÊNCIAS

### FONTES ORAIS

NDILI, Neli Vanhká, 84 anos Depoimento, 2018, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Sede, José Boiteux-SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

PATTÉ, Carlan 22 anos - Depoimento, 2016, Terra Indígena Laklãnõ aldeia Bugio

POPÓ, Caxias Antônio 72 anos (em memória). Depoimento, 2018 Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Figueira, Vitor Meireles-SC: Entrevistador: Walderes Coctá Priprá

PRIPRÁ, Edú, 71 anos. Depoimento, de maio de 2018, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Plipatol, José Boiteux - SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

PRIPRÁ, Edú, 72 anos. Depoimento, de maio de 2019, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Plipatol, José Boiteux - SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

PRIPRÁ, Melissa K. 83 anos, Depoimento, abril de 2014, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Bugio, José Boiteux – SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

PRIPRÁ, ãgnelõn ??Anos. Depoimento Abril 2014, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Palmeira- José Boiteux – SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

INGACLÃ Cangó. 78 anos. Depoimento março de 2006, Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Bugio- José Boiteux – SC. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

INGACLÃ, Cangó. 79 anos. Depoimento agosto de 2007 Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Bugio- José Boiteux – SC - Acampamento em Bom Sucesso. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

INGACLÃ, Cangó. 81 anos. Depoimento abril de 2009 Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Bugio- José Boiteux – SC - Projeto Mõg. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

INGACRAN, Tucung. 51 anos. Depoimento junho de 2019. Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Coqueiro – Vitor Meirelles – SC - Cacique geral da Terra Indígena Laklãnõ. Entrevistador: Walderes Coctá Priprá Acervo da autora

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGHENTI, Clovis e OLIVEIRA, Osmarina. Espaço, memória e territorialidade: as terras indígenas em Santa Catarina. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Ano 20, nº 27, p. 1-24. 2007.

CABRAL, Mariana Petry. **No tempo das Pedras Moles: arqueologia e Simetria na Floresta**. Tese de Doutorado, UFPA, 2014. Capítulo 2: 38-47.

CUZUGNI, Vilma Couvi Patté. **Dança das Arvores e a Dança da Voz: Jeito de dar nome as crianças no povo Laklãnõ/Xokleng**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

CRISTO, Tuani de, **Historicidade e fronteiras culturais entre Guarani e jesuítas em territórios da província do Tape (1626-1638)**. Trabalho de Conclusão de Curso – História. Centro Universitário Univates. Lajeado, 2016.

EBLE, A. B. & SCATAMACCHIA, M.C. Sítio cerâmico tupi-guarani no vale do Itajaí (SC-VI-69). **Anais do Museu de Antropologia**, 7(7): 67-79. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974.

EBLE, A. B. Identificação arqueológica dos padrões de povoamento e de subsistência na região do Alto Vale do Itajaí. **Anais do Museu de Antropologia**, 6(6): Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1973a.

EBLE, A. B. Problemas arqueológicos da região do alto vale do Itajaí. **Anais do Museu de Antropologia**, 6(6): Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1973b.

EBLE, Alroino B. Identificação arqueológica de padrões de povoamento e de subsistência na região do Alto Vale do Itajaí – Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, Florianópolis: Imprensa Universitária UFSC, pp. 63-76, 1973.

EDNA E. Viera, **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós – Graduação em História 2004

ENCINA, Mariana da Silva Gonzalez. **A História Dos Povos Xokleng Como Referencial para uma Educação às Diversidades Étnicas - Grupo de Trabalho – Diversidade e Inclusão** - Agência Financiadora: CAPES. FURB, 2013.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Distribuição e padrão de assentamento – propostas para os sítios da tradição Umbu na encosta de Santa Catarina**. 2005.367f. Tese de Doutorado (Doutorado em Arqueologia) - Curso de Pós-graduação em História- Doutorado Internacional em Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FÉLIX, L. O. **História e Memória. A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FONSECA, Jidean Raphael. **O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ**. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. 46p.

NAMBLÁ, Marcondes. **Infância Laklãnõ: Ensaio Preliminar**. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. 60 p.

GAKRAN, Nanblá. Estudo da Morfossintaxe da Língua Laklãnõ (Xokleng) Jê. **Dissertação de Mestrado**. UNICAMP, 2005.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence. **A Identidade como processo. Entre ligação e desprendimento**. In Jamil Zagueib Neto (org.) *Identidades e Crises Sociais na contemporaneidade*, pp 199-214. Editora UFPR, Curitiba, 2005.

HENRY, Jules. **Jungle people: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil**. New York: Vintage Books, 1964.

HENRY, Jules. **Jungle people. A Kaingáng Tribe of the Highlands of Brazil.** New York: Vintage Books, 1964. (1. ed. 1941). IBGE ONLINE. <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>

KLUGE, Anderson Rodrigo. **Minhas crenças, Minha religião.** Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

KRENAK, Ailton. (Dezembro de 2009). ***O Eterno Retorno do Encontro*** (1999). Acesso em 15 de Junho de 2018, disponível em Blog Ailton Krenak: <http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/12/o-eterno-retorno-do-encontro.h...>

MACHADO, Juliana, Lucas BUENO, Nivaldo PERONI e Patricia HADLER. **Territorialidades Ameríndias no Alto Vale do Itajaí. Um olhar a partir da Arqueologia, da Ecologia e da Paleontologia.** Projeto contemplado para o Prêmio Elisabete Anderle (Prêmio: Patrimônio Material e Imaterial/Pesquisa Arqueológica), 2017.

MACHADO, Juliana. **História(s) Indígena(s) e a Prática Arqueológica Colaborativa.** Artigo, Revista de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo vol. 26, n1: p. 72-85- 2013.

MACHADO, Juliana. **Û TÕ DÉN TXI KABEL. Aqueles que contam histórias. Memória e território Laklãnõ (Xokleng).** Relatório, Pós-Doutorado FAPESP, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2015. **Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônica.** Tese de Doutorado. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, 2012.

NOELLI, F. S., **A Ocupação Humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas.** Revista USP, São Paulo, N°44, 0.218-269, dezembro/fevereiro. 1999-2000.

NOELLI, Francisco. **Ocupação Humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000.** Revista USP, São Paulo, N°44, 0.218-269, dezembro/fevereiro 1999-2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de, Freire. Carlos Augusto da Rocha, **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, Coleção Educação para Todos; 13. 2006.

PATE, Osiel. **O contato descrito pelos Laklãnõ Xokleng, os decendetes da Kaigang e as trocas de saberes**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. 50 p.

PERES, Jackson Alexandre. “Entre as matas de araucárias: cultura e história Xokleng em Santa Catarina (1850-1914)”. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpine;

BRINGMANN, Sandor Fernando (org.) Etnohistória, **História Indígena e Educação: Contribuições ao debate**, pp. 279 – 299. Pallotti: Porto Alegre, 2012.

PIAZZA, Walter F. e Alroino EBLE. Arqueologia do Vale do Itajaí (sítio cerâmico Platê, SC-VI-19). **Blumenau em Cadernos**, Tomo IX, Blumenau, 1968.

PIAZZA, Walter F. Memória arqueológica sobre Vale Itajaí. 1967 Nota preliminar sobre o PRONAPA no estado de Santa Catarina. PRONAPA, *Publicações Avulsas* nº 6, Museu Goeldi, Belém, 1966.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 203.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Lunardelli, 1975.

SILVA, F. A. **Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo**. *Revista De Antropologia*, 2015, 58(2), 143-172.

SILVA, F. A., Bespalez, E., Stuchi, F. F., & Pouget, F. C. **Arqueologia, Etnoarqueologia e História Indígena – um estudo sobre a trajetória de ocupação indígena em territórios do**

**Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: a terra indígena Kayabi e a aldeia Lalima.** *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, (17), 2007, pags.509-514.

URBAN, Greg. Interpretations of Inter-Cultural Contact: The Shokleng and Brazilian National Society 1914-1916. *Ethnohistory*, Vol. 32, No. 3 (Summer, 1985), pp. 224-244. Duke University Press. Tradução de Bethânia Almeida Borges, revisão de Alexandro Machado Namem.

URBAN, Gregory P. **A model of Shokleng social reality.** Tese de doutoramento pelo Departamento de Antropologia de The University of Chicago, 1978.

WITTMANN, Luisa Tombini **O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926).** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.